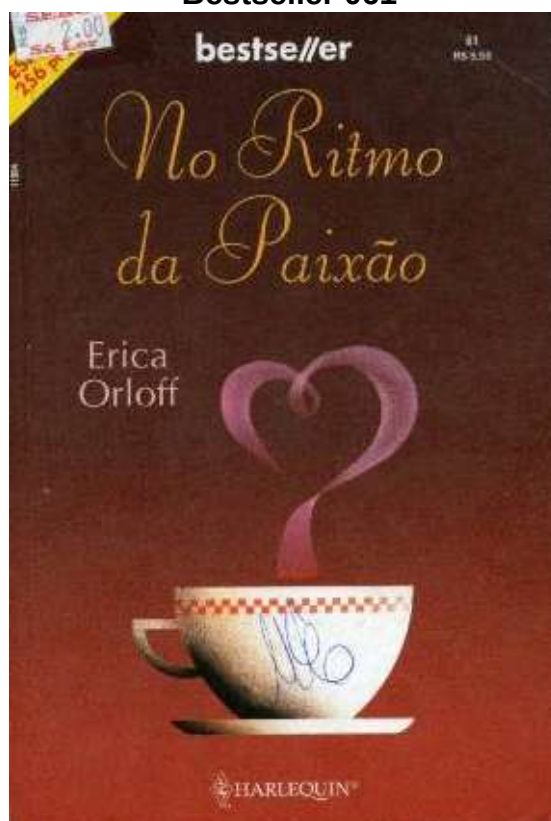


NO RITMO DA PAIXÃO

Spanish Disco

Erica Orloff

Bestseller 061



Ela conseguia lidar com todas as complicações e contrariedades da Vida. Menos com o amor.

Aos trinta e três anos, viciada em café e em seu trabalho numa pequena editora da Flórida, Cassie Hayes já se conformou com sua incapacidade de se comprometer em um relacionamento. Ela se limita a praticar sexo por telefone com Michael Pearton, um escritor de Londres a quem ela não conhece pessoalmente.

Ao ser escalada pelo chefe para passar um mês na residência de um escritor famoso, veterano da guerra do Vietnã, para ajudá-lo com o original de um livro, Cassie reconhece os fantasmas da dor e da solidão que rondam a casa dele. Ela o ajuda a conquistar o coração de sua criada mexicana e, nesse processo, também se humaniza... a ponto de pôr em prática sua indesejável atração por um repórter desonesto e, depois, embarcar com destino a Londres para o encontro decisivo com Michael.

Uma grande surpresa, porém, a espera, e Cassie terá de usar novamente toda a força do sentimento para tentar ser feliz.

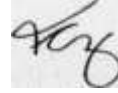
**Digitalização: Jé Oliveira
Revisão: Nádia Regina**





Querida leitora,

É difícil exprimir o que eu senti ao ler este romance. Uma história diferente, pois é narrada pela própria personagem, Cassie. Engraçada e ao mesmo tempo comovente, humana e divertida, envolvente... Um livro gostoso, encantador, que você não vai conseguir largar antes de chegar à última página... e com um final surpreendente!



**Fernanda
Cardoso Editora**

ROMANCE NOVA CULTURAL

Copyright © 2003 by Érica Orloff

Originalmente publicado em 2003 pela Silhouette Books,
divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução
total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto,
Canadá. Silhouette, Silhouette Desire e colofão são marcas registradas da Harlequin
Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas
vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Spanish Disco

Tradução: J. Alexandre

Editora e Publisher: Janice Florido

Editora: Fernanda Cardoso

Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón,
Mônica Maldonado

Paginação: Dany Editora Ltda.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar

CEP 05424-010 - São Paulo - Brasil

Copyright para a língua portuguesa: 2003

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Impressão e acabamento:

RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA

Tel: (55 11) 4166-3500

Capítulo I

— Alô, benzinho.

A maioria das pessoas levaria um susto com o toque estridente do telefone às quatro horas da manhã. Poderia ser um policial transmitindo alguma notícia sinistra, comunicando que seu filho, ou sua mãe, ou seu pai havia sido encontrado morto na pista da rodovia 195, esmagado como uma barata.

Ao contrário, gritei o nome dele, quase em tom de praga.

— Michael!

— Sim, querida, sou eu.

Procurei em vão pelo interruptor de luz.

— Você faz ideia de que horas são?

— O que David poderia comer no desjejum? — Michael indagou.

— Desjejum? — A pergunta era estranha.

— Sim, porque comer ovos com bacon não é muito bom para saúde. Afinal, a esposa dele se preocupa com isso há anos. Com a alimentação, o colesterol, o fumo. Talvez seja esse o estilo de David desafiar o mundo, de dizer aos outros que vão para o inferno, como você, querida, colocaria com tanta precisão.

— Ora, ele pode apreciar um ovo mexido com uma fatia de bacon, de vez em quando. E tão importante assim o que o seu personagem consome no café da manhã?

Por fim, meus dedos encontraram a correntinha que ligava o abajur. Em seguida, peguei o copo de uísque com água que eu sempre deixava no criado-mudo, exatamente para ocasiões como aquela e conversas fora de hora.

— É vital, querida.

— Michael, você sabe que não consigo raciocinar direito antes de seis horas de sono e uma xícara de café. Esse assunto não pode esperar?

— Seja boazinha — ele contrapôs, com seu sedutor sotaque britânico. — Vamos saudar juntos o amanhecer.

— Saudar o amanhecer? Obrigada, Michael, mas não. Nem que fosse para saudar o luar.

— Inacreditável! Não quer ir à sacada e partilhar o esplendor da aurora comigo, seu escritor favorito?

— Favorito não é bem o termo que me ocorre agora. — Suspirei, reprimindo um impropério. — Cuide de expressar mais calorosamente seus agradecimentos na abertura do seu próximo livro.

— "À editora dos meus sonhos, ao amor da minha vida, Cassandra Hayes, sem a qual este livro não seria possível e eu cairia para sempre em posição fetal. Porque a vida, sem a bela e espirituosa Cassie, não valeria a pena ser vivida". Que tal?

— Não deixa de ser um começo.

— "Ela possui um admirável senso do sublime e um raro domínio do idioma, com todas as suas complexas conjugações de verbos. E é simplesmente maravilhosa, antes do amanhecer".

Eu me espreguicei, entre renovados suspiros.

— Está bem, Michael. Vou vestir meu robe e fazer café.

— Por acaso está nua, Cassie? — Um indisfarçável tom de malícia envolveu a pergunta.

Tratava-se, muito provavelmente, do melhor escritor com quem eu havia trabalhado ou mesmo lido. Michael Pearton também era uma pessoa surpreendente, misteriosa. A

foto que ilustrava a quarta capa ou a orelha de seus livros mostrava um homem de cabelos negros, encaracolados, e de sorriso cínico, sublinhado pela longa cicatriz que lhe marcava o queixo quadrado.

Esses traços compunham uma fisionomia mista de galã de cinema e lutador de boxe. Nunca tínhamos nos encontrado pessoalmente, mas desenvolvemos uma rotina de flerte a distância, que beirava o chamado "sexo por telefone". Como eu não tinha namorado na época, acabei entrando na brincadeira e atendendo às ligações de Michael, a altas horas da noite, de certa forma satisfazendo-o, muito mais do que a mim própria.

— Estou nua, sim. Completamente nua. Meus mamilos estão duros porque tenho ar condicionado no quarto, não importa o tempo que faça lá fora. Agora acabei de vestir o robe e estou me dirigindo à cozinha, descalça, para ligar a cafeteira.

Apoiei o receptor do telefone sem fio entre o ombro e o ouvido, enquanto amarrava o cinto do quimono de seda verde, presente de outro escritor que o trouxera de uma viagem a Cingapura.

— Gosto quando você fala assim, Cassie, sem meios-termos.

— E eu adoro que você me telefone. Mas de dia.

— Você fica realmente desagradável quando abusa do café. Devia trocar por chá. Nunca usou o jogo de porcelana que lhe mandei?

Acendi a luz da cozinha, protegendo meus olhos da claridade refletida pelos azulejos e armários brancos. Focalizei o intocado aparelho de chá, arrumado numa prateleira. Michael o havia comprado num antiquário, em algum lugar de Londres, e despachado para os Estados Unidos. As delicadas estampas azuis estavam um pouco desbotadas, mas as asas das xícaras e do bule mantinham sofisticadas formas barrocas. Não combinava com nada do que eu possuía no apartamento, mas mesmo assim eu adorava aquela louça.

— Sim, já usei. E muito gracioso.

— Você é uma mentirosa, mas o aparelho de fato é bonito, ainda mais por estar em suas mãos.

— Por que você só fica inspirado de madrugada?

A cafeteira começou a produzir ruído de água fervente. Por mim, gostaria que a máquina fosse ainda mais rápida.

— Admito que é estranho. Eu acordo de madrugada, com ideias claras sobre como continuar o livro. Ah, e tem o chuveiro. Tiro inspiração do jato de água morna na minha pele. Agora, enquanto a maioria das pessoas ainda dorme aqui em Londres, preciso completar a cena em que David toma o desjejum. O detalhe é que não consigo trabalhar na minha escurinha colonial de cerejeira, digna da rainha da Inglaterra. Sentado ali, não produzo uma única maldita frase.

Eu podia deduzir que Michael estava na cama, despido, recostado na cabeceira, com o laptop aberto a seu lado. Visualizei nitidamente a cena, dando asas à imaginação.

— Está preocupado com o que David toma no café da manhã?

— Exato. No capítulo anterior, ele perdeu uma propriedade. Sentiu-se completamente fracassado. Eu o vejo, num ato de desafio, consumindo ovos.

— Então, deixe que assim seja.

— Que tipo de ovos? Estrelados? Mexidos? Apenas quentes?

— E que diferença faz isso? Você não precisa ser tão específico, no texto. Acho que já sugeri ovo mexido, com uma fatia de bacon.

— Mas esse foi um comentário à margem. Creio que você não pensou muito no assunto.

— Está bem. Que sejam ovos quentes, então.

— E se for algo mais sofisticado, como ovos pochês, aqueles que vêm boiando em água fervente? David poderia comê-los com molho holandês.

— Realmente, não tem importância, Michael. Dê-lhe molho holandês, se isso o faz feliz. São quatro e meia da manhã!

— E seu café? Não ficou pronto ainda? Com certeza, seu humor vai melhorar depois de uma boa xícara.

— Michael, desculpe-me, mas não conheço nenhum editor de livros, nem autor, nem mesmo leitor, que se incomode com o cardápio do desjejum de um personagem fictício.

— Precisamente. E é por isso que os escritores comem na palma de sua mão, e é por isso que a editora de Louis O'Connor é a mais bem-conceituada dos Estados Unidos, dentro da categoria de pequenas editoras.

Sorri, arrependida do surto de impaciência, e refugiei-me no café.

— Já estou tomando. Logo voltarei a ser humana. Um minuto depois, sentei-me à mesa da cozinha, com um oceano de distância entre mim e o mais lucrativo autor da Editora West Side, na qual eu trabalhava. Bebendo café com o fone no ouvido, podia escutar Michael digitando no teclado do laptop.

A situação era familiar para mim. Ele devia estar se sentindo bloqueado, incapaz de terminar o décimo quarto capítulo, e dependia daquela conversa ao telefone como de ar para respirar. Acontecia em todas as obras dele. No meio da narrativa, perdia a inspiração, a esperança. Chegava a ficar doente, de tanta ansiedade. Ligava para mim, no meio da noite, indeciso até quanto ao tipo de ovos que o personagem central consumia no café da manhã. Podia permanecer mais de uma hora falando de detalhes dessa natureza, até perceber que saía da crise. De qualquer modo, sempre imaginei que Michael usava seu bloqueio como pretexto para me ouvir falar de meus seios bonitos e firmes.

— Michael, o dia já está amanhecendo — eu disse depois de intermináveis minutos de silêncio.

— Conte-me o que vê — ele murmurou.

Rumei para a sacada e desfrutei a vista que um apartamento à beira-mar, em Boca Raton, na Flórida, pode proporcionar.

— O Atlântico parece calmo, azul-celeste. Vejo gaivotas mergulhando à caça de peixes. O sol está despontando e o horizonte está rosado, púrpura e um pouco cinzento, como se ainda fosse noite. A lua ainda é visível no céu e... Como é lindo, Michael!

A brisa salgada acariciou meu rosto.

— Você está me proporcionando um belo amanhecer, Cassie.

— Não fosse por você, dificilmente eu assistiria a essa cena. Deveria lhe agradecer, mas não farei isso. Vou voltar para a cama.

— O café não lhe tirou o sono?

— Não. Até mais, Michael.

— Até, Cassie. Você é maravilhosa. Obrigado.

— Espero que, da próxima vez, você me telefone num horário mais propício.

Depois de desligar, passei os dedos por entre os cabelos desalinhados e voltei ao quarto, verificando se as cortinas da janela estavam bem cerradas. Deixei cair o robe sensualmente a meus pés. Com uma ponta de culpa por minha preguiça, liguei para o escritório assim que me vi sob o lençol. Deixei um recado na secretária eletrônica do meu chefe.

— Louis, sou eu, Cassie. São seis e meia da manhã e eu estou exausta. Michael Pearton me telefonou mais uma vez e me acordou só para discutir o cardápio de um de seus personagens. Vou me atrasar, devo chegar ao meio-dia.

Fechei os olhos e imaginei como seria aquela tarde na editora. Felizmente, meu chefe me permitia trabalhar em casa durante três dias da semana. Resultado das facilidades da Internet, do e-mail e da adoração dele por mim.

Aquela sexta-feira era dia de comparecer ao escritório, mas fazer o quê? O sono voltou rapidamente, e quando adormeci sonhei com piscinas cheias de molho holandês. De bom grado passaria o resto do dia na cama.

As onze horas, o telefone tocou. Hesitei em atender. Aguardei mais quatro toques e finalmente empunhei o receptor. Nenhuma voz se fez ouvir, mas eu identifiquei a quem pertencia aquela respiração suave.

— Louis, o que foi?

— Como sabia que era eu?

— Você é a única pessoa teimosa capaz de me acordar, apesar de ter sido avisado.

— Precisamos de você aqui.

— Sinto muito. De certo modo, trabalhei de noite, ouvindo um escritor neurótico. Pensei em ir somente na segunda-feira.

— É que surgiu uma novidade importante.

— Como assim?

— Um escritor mais importante do que Stephen King. Representa um faturamento de milhões. Seu prêmio de fim de ano, nesse caso, poderá garantir sua aposentadoria.

— De quem se trata?

— Não posso contar.

— Você está parecendo criança!

— Cassie querida, você entra e sai desta editora a seu bel-prazer. Hoje estou lhe pedindo para vestir-se depressa e vir ao escritório. Posso esperá-la com uma xícara de café.

— É melhor que valha a pena.

— Valerá, eu garanto.

Saltei da cama, um tanto contrariada. Na cozinha, tomei a segunda dose de café do dia. Depois de um banho rápido e um toque de batom nos lábios, vesti uma calça jeans, camiseta e casaco de linho, e saí enquanto escovava os cabelos, para o que seria provavelmente uma tarde difícil. Cruzei uma ponte congestionada rumo à sede da Editora West Side.

Nunca soube com clareza por que eu tinha vindo morar numa terra de mansões suntuosas e sol perpétuo. Não combinava muito com minha personalidade. Mas quando Louis O'Connor, bem-sucedido editor em Nova York, resolveu mudar-se para a Flórida, após a morte de sua esposa Helen, trouxe-me com ele. Continuaría na área editorial, agora mesclando o trabalho ao lazer. Eu só vim porque ele veio.

Acomodei-me ao volante de meu gasto Cadillac, comprado a um preço simbólico dos filhos de um homem recém-falecido, que exigiam pagamento à vista. As pechinchas são abundantes na Flórida, desde que você não se incomode em usar bens que pertenceram a uma pessoa morta.

Quando Louis viu o carro, pensou que eu tivesse enlouquecido.

— Um Cadillac amarelo? Parece uma enorme banana.

— O fato é que sofro de claustrofobia em automóveis pequenos, e gosto de dirigir autênticas banheiras sobre rodas.

— Bom dia, Cassie. — Troy, o assistente editorial, me cumprimentou assim que entrei no amplo escritório. — Você parece estar muito bem, hoje.

— Obrigada. Nem tanto.

— Café?

— Na veia.

— Aqui está. — Troy riu e me passou um copinho de plástico. — Comece com este e depois lhe trago um café novo, assim que ficar pronto.

Entrei na sala de Louis sem bater.

— Espero que realmente valha a pena, porque não estou muito bem-disposta hoje. Pretendia ficar em casa.

Joguei o copinho vazio no cesto de lixo atrás da mesa de mogno de meu chefe, repleta de papéis e livros, e só então me sentei na confortável poltrona de couro para visitantes.

— O que há de diferente entre hoje e os outros dias? — ele questionou.

— Olhe, se eu quisesse ouvir insultos, chamaria minha mãe.

— Adivinhe quem me ligou tarde da noite, Cassie.

— O que está havendo com os escritores? Tornaram-se todos sonâmbulos?

— Poupe-me, querida.

— John Updike?

— Mais para cima, em volume de vendas. Tente outra vez.

— Sem nenhuma pista, é impossível.

Fazendo mistério, ele girou o charuto apagado entre os lábios e depois o depositou num cinzeiro de cristal.

— Roland Riggs.

— Valha-me Deus! — exclamei, sentindo o gosto de café na minha boca tornar-se amargo.

Capítulo II

O dono da editora, meu amigo e chefe Louis O'Connor, sorriu para mim.

— Pensei que você ficaria empolgada com a notícia. Na verdade, eu sofrera um choque, e o gosto ruim na boca me incomodava.

— O que ele queria? — consegui perguntar.

— Você com certeza conhece minha história com Roland Riggs.

— Conhecer é pouco, Louis. Não há um único coquetel de lançamento em que você não repita o caso. Pior, muitas pessoas vêm me contar a história de segunda-mão e geralmente a enfeitam.

Troy entrou, trazendo uma xícara de café fresco, e saiu calado, após ouvir meu agradecimento. A bebida vinha a calhar, no sentido de combater o amargor na boca.

— Tudo bem — Louis retomou a palavra, aparentando contrariedade. — Se você já sabe, vamos ao ponto. Riggs me telefonou tarde da noite só para dizer que estava enganado quanto ao computador. Pode?

A famosa história era a seguinte: em 1968, Louis estava passando férias em Key West e excursionou num barco de pesca, conduzido por um excelente instrutor. Apesar disso, em dois dias não fischou nem sequer uma sardinha. Decidiu esquecer o caniço e entregar-se a uma sessão de cerveja, num bar de praia. Estirado na espreguiçadeira, degustava uma bebida importada, de marca alemã, quando um homem sentou-se ao lado e comentou: "Os alemães são os únicos que sabem fazer cerveja sem gosto de urina".

Na época, Louis já era um editor de renome. Reconheceu o intruso como sendo Roland Riggs, apesar da espessa barba que ele deixara crescer, tornando-o bem diferente das fotos de publicidade. Naquela época Roland era considerado o porta-voz de sua

geração. Ninguém o ignorava no meio literário, que o escritor vivia as turras com seu editor, mas então ele publicara *Simplesmente Simon*, uma narrativa de amor e ódio durante a Guerra do Vietnã, e o mundo todo passou a aguardar, ansioso, seus novos textos. As sucessivas tiragens se esgotavam nas livrarias e a obra acabou sendo adotada em muitas escolas, o que equivalia a ganhar um prêmio na loteria.

Os dois passaram a conversar, a partir da observação de Riggs sobre a arte germânica de destilar cerveja. Falaram sobre mulheres (ambos preferiam morenas discretas), música (desprezavam canções pseudo folclóricas), escritores (só Riggs, Faulkner e Hemingway mereciam ser lidos), os males da sociedade (a maconha deveria ser legalizada), o preço da fama (a ridícula barba de Riggs destinava-se a afastar o assédio de fãs inconvenientes), o custo moral e financeiro da guerra no Sudeste Asiático (uma ferida na alma dos Estados Unidos).

O crepitante diálogo se prolongou noite afora, durante e após o jantar, e foi estendido ao dia seguinte, do café da manhã à hora do almoço.

Louis havia sentenciado: "Escreva o que eu digo, Riggs: Um dia, todos terão computador, até mesmo você. Isso vai mudar tudo. Até a publicação de livros".

"Nunca!", Riggs discordara, exibindo um brilho de certeza nos olhos azuis. "Jamais vou aposentar minha máquina de escrever, Louis".

Com isso, o famoso escritor saiu do bar ao ar livre e caminhou para o mar cor de turquesa. Tirou a camisa e caiu na água, espirrando pingos ao redor. Nadou por dez minutos e emergiu como um cachorro molhado. De peito nu, desapareceu de vista na extensão da praia.

— Como ele se lembrou da conversa, mais de trinta anos depois?

— Foi um fim de semana daqueles que mudam uma vida, Cassie. Eu também nunca me esqueci.

— Você só se lembra porque se tratava de Roland Riggs. Se fosse um desconhecido...

— Está me subestimando.

Louis levantou-se e atravessou a sala, descalço, até a estante que ocupava uma parede inteira da sala. Depois de se mudar para a Flórida, ele havia abolido o uso de sapatos no escritório, bem como terno de gravata. Trabalhava de camisa de mangas curtas, bermuda e chinelos ou sandálias, mas muitas vezes caminhava só de meias sobre o carpete azulado que cobria o piso do escritório da Editora West Side. Aliás, ele encorajava os funcionários a fazer o mesmo, alegando que era bom para os pés e para a alma.

Kyle retirou da prateleira um gasto exemplar encadernado de *Simplesmente Simon*.

- Este livro mudou a vida de muitas pessoas.

— Louis, onde foi parar seu senso crítico? Bastou um telefonema desse sujeito, e você ficou todo transtornado. Está certo que uma geração de jovens americanos passou pela guerra, e Riggs lhes deu vez e voz.

— Você é jovem demais para compreender o significado deste livro. Lembro-me de pessoas que molharam as páginas com suas lágrimas. Algo que Stephen King, por exemplo, esta longe de conseguir.

— Danielle Steel também faz suas leitoras chorar.

- Só que ela nunca seria capaz de ganhar o Prêmio Pulitzer de Literatura.

- Está bem. Admito que o livro foi importante. Brilhante mesmo. Mas, quando leio algo sobre o comportamento de Riggs, sinto pena dele. Detesta ser o centro das atenções. Não participa de nada, nem dá palestras nas universidades.

Ex-combatentes sem pernas, ou psicologicamente abalados pela Guerra do Vietnã, haviam certa vez acampado em frente do apartamento do escritor, em Manhattan. Ergueram cartazes de apoio, enviaram milhares de cartas, e Riggs sempre se esquivara, parecendo aborrecido com a repercussão de seu romance. Tinha uma esposa charmosa, Maxine, e era tudo do que necessitava. Mudara-se para a zona rural do Maine, onde passara a trabalhar no livro seguinte. Seria sua única forma de comunicar-se com o público, se Maxine não tivesse morrido, assassinada.

No mundo literário, Maxine era o equivalente a Jacqueline Kennedy na política. Linda, elegante, de espírito livre, casara-se aos dezenove anos com Roland Riggs, que já completara trinta. Vestia-se com graça, tinha longos cabelos negros e fascinava os jornalistas com sua figura, comentários ferinos e riso contagiante. Depois do assédio promovido pelos veteranos do Vietnã, Maxine e Riggs se isolaram numa fazenda distante. Só apareciam, de vez em quando, nas colunas de mexericos dos jornais.

Os mesmos jornais reportaram a morte de Maxine como um trágico acidente. Ela estava no quintal de sua casa quando foi atingida por uma bala perdida da espingarda de um caçador de cervos. Um minuto antes dissera ao marido, sorrindo, que ia apanhar tomates na horta, para completar a salada do almoço. Um minuto depois jazia morta nos braços dele, com um profundo buraco de bala no pescoço. O caçador jamais foi identificado nem preso.

No funeral, os repórteres notaram que, naqueles poucos dias, os cabelos de Riggs tinham embranquecido. Uma semana depois o escritor lacrou a casa no Maine e partiu para destinos desconhecidos. Nunca fez declarações à imprensa. O novo livro jamais foi terminado ou publicado. Ninguém falava com Riggs, exceto seu editor. Quando este morreu de velhice, o único contato do romancista com o mundo externo passou a ser com o departamento de direitos autorais da editora, ao qual Informava seu paradeiro a fim de receber os royalties de Simplesmente Simon.

— Ele disse que eu compreenderia — murmurou Louis, soprando a poeira da capa do livro. — Leu um artigo sobre a West Side na revista Publishers Weekly e soube que eu havia me transferido para a Flórida depois da morte de Helen. O fato é que Riggs deseja que publique seu próximo romance.

Me encolhi na poltrona, assombrada, e procurei soar inteligente.

— Como assim? Só porque você ficou viúvo e não mora mais em Nova York?

Firmei o olhar no rosto emaciado de Louis. Os poucos cabelos que lhe restavam estavam grisalhos, e os óculos com armação de tartaruga, antiquados. Nem por isso deixava de ser o cavalheiro elegante que sempre fora.

— Não sei, Cassie. Não estou preocupado com as causas. Riggs falou de nosso encontro em Key West, que desde então criamos um laço forte, uma ligação sólida. Disse que há vinte anos convivia com o fantasma da esposa, que ela nunca o deixara. — Louis olhou para mim, desolado. — Sinto o mesmo quanto a Helen.

— Eu sei. — Minha voz tornou-se um sussurro.

— Ele não quer que um editor jovem e pretensioso cuide do novo livro. Gostou do nosso perfil profissional, conforme leu na revista. Abomina cair nas mãos de um desses enormes conglomerados editoriais, que tratam uma obra literária como um pedaço de carne exposto no supermercado.

— Droga! Isso é típico de Roland Riggs e, ainda, uma consequência do sucesso de Simplesmente Simon. Aposto que qualquer editor, mesmo dos grandes, venderia a alma ao diabo para publicar a nova obra dele.

— Isso implicaria em lhes atribuir uma alma... — ironizou Louis, com total propriedade.

— Só um detalhe. De uma empresa gigante, Riggs poderia obter um milhão de dólares ou mais, como adiantamento de direitos autorais. Por que se contentaria com os nossos quinze mil de praxe?

— Bem, ele não tocou no assunto. Parece que não quer adiantamento, e sim um tratamento personalizado. Como todo temperamental, deseja maior controle sobre sua obra. — Louis franziu a testa, um gesto habitual quando ensaiava para dizer algo potencialmente desagradável. — Ele quer que você cuide do novo livro — completou.

Senti meu coração prestes a parar e ouvi o tique-taque do relógio de mesa.

— Eu? Como ele soube de mim?

— Pelo artigo na Publisher's Weekly.

— Fico lisonjeada. E claro que eu não deixaria você passar o livro de Riggs a outro editor de texto.

— Ainda bem que você pensa assim. — Louis fez uma pausa, ainda de sobrelhas erguidas. — Porque Riggs pretende que você fique ao lado dele, durante o trabalho.

— O quê? — Depositei minha xícara vazia na mesa.

— Sério. Riggs quer que você more com ele, por um mês. O objetivo é acelerar o término do livro.

— Acelerar? — Vi que Louis encolhia os ombros, num gesto de pouco caso. — Ninguém apressa um gênio, ganhador do Prêmio Pulitzer.

— Ora, um minuto atrás você alegou que Simplesmente Simon pouco significava, que não havia mudado a vida de milhares de pessoas.

- Um minuto atrás, eu não era a nova editora de Roland Riggs. Um minuto atrás, eu nem imaginava em abandonar meu lindo apartamento e viver com um recluso, em não sei que parte do mundo. Cristo!

— Kyle telefonou para você, no meio da noite, para lembrar uma conversa de trinta anos atrás!

— Cassie, ele é confiável. Além disso, você tem cuidado de Michael Pearton, que sempre está na lista dos Bestsellers, embora com pouca frequência. Riggs não é mais estranho do que Pearton.

— Michael é diferente.

— Claro, você faz sexo com ele por telefone.

— Fiz a asneira de lhe contar isso, depois de várias doses de uísque, e agora você me atira na cara sempre que tem oportunidade.

— Porque é engraçado.

— Engraçado? Ele me acorda às três da manhã e também entope a minha caixa de entrada de e-mails.

— Está reclamando do quê? Pearton representa uma porcentagem razoável dos lucros da editora. Ele nos deixa ricos.

— Tecnicamente, o rico aqui é só você.

— Bem, para uma profissional de trinta e três anos, você não está mal de finanças. E Roland Riggs pode fazer muito mais por sua conta bancária.

— E pela sua.

— Tem razão, mas não é uma questão de dinheiro, e sim de prestígio, de satisfazer toda uma geração de leitores que se encantou com o livro de Riggs.

— Talvez uma sequência dê errado.

— Também pode dar certo.

— Louis, o que Simplesmente Simon de fato significou para você? Creio que sua atitude atual tem muito a ver com isso.

Ele desviou o olhar.

—Tudo bem — prossegui. — Prefere evitar o assunto. Mas eu não posso abandonar meus outros autores e livros por um mês.

—Você pode levar seu laptop e, de qualquer modo, não é sempre que comparece ao escritório. Riggs também tem telefone e aparelho de fax.

—Não sei, parece estranho.

—Você não vai morar numa tapera, Cassie. Ele possui uma bela casa.

—Onde?

—Em Sanibel.

—Nossa! Acho que viver lá e morrer são coisas semelhantes.

—Sanibel, uma pequena ilha na costa oeste da Flórida, no golfo do México, era rigorosamente preservada do desenvolvimento predatório. Nada de edifícios altos, danceterias, supermercados e pizzarias. Talvez não houvesse lá nem mesmo um bar que servisse um café expresso decente. Para mim, era o fim do mundo.

- Riggs tem uma governanta que cuida de tudo. Vive à beira da praia, mas também tem piscina. Você ficará na suíte para hóspedes.

- Você faz parecer que estou indo para um hotel cinco-estrelas.

—Veja, Cassie, estou ficando velho e há tempos não temos um mega-sucesso. Todos os meses recebo proposta ridículas para vender a West Side. Se queremos vitalizar a editora, precisamos do novo livro de Riggs.

— Bem, eu detestaria que você vendesse a empresa.

— Pode tornar-se inevitável. Tivemos uma série de fracassos, incluindo o maldito projeto de autobiografia daquela atriz veterana de Hollywood. Finja que está em Las Vegas e colocando todas as fichas numa roleta, na grande roleta do mundo editorial. É nossa chance de continuar no ramo e deixar nossa marca nele.

—Preciso de mais uma xícara de café, Louis. Preciso falar com Troy e com a novata Grace sobre os trabalhos em andamento. Preciso dar dezenas de telefonemas. Estou sem dormir e sem comer. Sinto-me realmente um trapo.

— Apenas outro de seus dias no escritório, ao vivo. Louis sorriu com sarcasmo.

Quando sorria, o que era raro desde a perda da esposa, ele lembrava o jovem, simpático e competente funcionário da grande Editora Doubleday, que decidira demitir-se no auge da carreira e abrir um negócio próprio. Seus olhos azuis brilharam.

Com um aceno, rumei para minha sala, onde a primeira coisa que fiz foi tirar os sapatos. Examinei as unhas dos pés, bem-aparadas e esmaltadas. Os hábitos de Louis haviam se misturado aos meus. Gostava de ser auto-suficiente, tanto que mantinha, a um canto da sala, uma cafeteira própria. Praticamente de hora em hora, eu a ligava e ouvia em êxtase o som da água fervente.

O que levar na mala para uma temporada com um escritor genial e genioso, ganhador do Prêmio Pulitzer? Conseguiria escapar-lhe da vista, pela manhã, antes de tomar a primeira xícara de café e me tornar humana, como eu costumava dizer?

Observei da janela o oceano Atlântico, que descrevera de madrugada para Michael. Só que, agora, o mar estava diferente. Tudo estava diferente. Eu iria apostar todas as fichas na roleta.

Capítulo III

Michael Pearton recebeu pessimamente a novidade.

—O que você quer dizer com ficar fora por um mês? Um mês inteiro! Estamos no meio do meu romance!

— Eu já expliquei, Michael. Manteremos contato por Correio eletrônico. Vou levar meu laptop e você também pode deixar recados para mim no escritório. Continuarei a disposição, sempre que você precisar. Além disso, você é experiente. Já escreveu sete livros, e o último está nas listas dos mais vendidos. Saberá contornar esta pequena inconveniência.

— Não, não saberei.

— Michael, ainda temos um oceano entre nós. Precisamente por isso estou tão aborrecido com você, Cassie Hayes.

— Ignoro onde isso vai acabar. Você mora em Londres, eu na Flórida. Trabalhamos juntos há cinco anos tem dado certo. Mais alguns quilômetros de distância não farão diferença.

— Ouça bem, Cassie. Um escritor liga para Louis, a altas horas da noite, e você sai correndo ao encontro dele, para uma estadia de um mês, quando nunca concordou em vir para Londres.

— Bem, você também nunca veio à Flórida.

— Fui, sim, uma vez. Lembro-me de que você estava em Los Angeles.

— Numa viagem de trabalho, imprevista.

— Por que não me conta quem é esse escritor?

— Não posso. Ele é famoso, mas obcecado com sua privacidade. Louis me proibiu de revelar o nome.

Enquanto falávamos ao telefone, atirei todo o conteúdo de meu armário sobre a cama e planejei como organizar em pilhas as roupas para a viagem, antes de arrumá-las na mala.

— Um mês, no calor dos trópicos! Você pode se apaixonar por esse sujeito e me descartar!

— Michael, eu já vivo nos trópicos. — Visualizei mentalmente a fria e quase sempre sombria cidade de Londres. — O calor, a praia e as palmeiras não irão afetar meus sentidos. Quero dizer, meu bom senso.

— Um mês na casa dele, Cassie!

— Pode confiar. É ridículo pensar que eu vá cair de amores por outro. Trata-se apenas de trabalho, Michael. E não sou uma mulher do tipo caseiro, que aceite viver reclusa com um homem, no meio do nada.

— Eu não me incomodaria se você não fosse minha editora. Quero que venha a Londres.

— Por quê? Você é tão importante quanto esse outro escritor, e sabe disso.

— Não.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Michael? Você ainda está aí? Andou bebendo? Você se comporta fora dos padrões normais.

— Você é uma garota brilhante, Cassie. Mas igualmente teimosa.

Mais silêncio.

— Tão teimosa que vai me fazer confessar — ele emendou.

— Confessar o quê?

— Que eu estou fascinado por você, desesperadamente envolvido.

— Prendi a respiração. Sentei-me na cama e a fivela de um cinto me machucou a nádega. Joguei para perto da pilha das roupas a serem deixadas em casa.

— Por isso — Michael prosseguiu, rompendo a nova pausa, quero que me prometa não se apaixonar pelo velho e decrépito escritor para cujos braços você está correndo. Isto é, se ele for realmente velho como você disse.

— Prometo — murmurei, sem outra opção.

- E logo que voltar, venha passar uma semana comigo, em Londres.

— Michael, que horas são aí?

— Sete da noite.

— Você andou bebendo, sim. Sua voz está engrolada.

— Nem uma gota.

—Então, não compreendo por que você fala arrastado.

— Sim, compreende.

— Mas... nós temos uma ótima relação de trabalho.

—Francamente, admito que fazer sexo por telefone é mais do que eu tive com qualquer outra pessoa. Por que estragar esse relacionamento, encontrando-nos pessoalmente?

— Porque ninguém ama só por telefone ou por e-mail. Quero conhecer você, ao vivo. Essa nossa relação antes de um contato físico real deve ser a mais longa da história.

— Não sei. Uma das irmãs Brontë correspondeu-se com o futuro marido por dezessete anos, antes de ceder. Não há nada mais vitoriano do que isso, concorda?

— Você não é uma Brontë, nem estamos na época da rainha Vitória.

— Suponho que não.

— Então me prometa ao menos pensar no convite.

— Pense você também. Mantemos uma relação perfeita, a longa distância. E sabe como sou rabugenta. Não me levanto antes do meio-dia. Meu vício por café é incorrigível. Vivo sozinha, num apartamento de dois quartos, e tenho faxineira uma vez por semana. Desenvolvi maus hábitos, como todas as pessoas que moram sozinhas. Não fecho a porta do banheiro, falo alto, bebo quando tenho vontade, ouço música em volume máximo. Dificilmente me adaptaria a um companheiro constante.

— Também tenho minhas imperfeições, Cassie. Não vejo problemas. Ligue para mim ou escreva. E não se apaixone, está bem?

— Certo.

— Logo nos falaremos. Adoro você.

— Michael...

— Tchau.

Segurei o telefone, como se tentasse ouvir o ar que separava dois continentes. O que tinha acontecido? Uma perfeita relação editor-autor havia se incendiado com as chamas da paixão. Como Michael podia me amar, se nunca havíamos nos encontrado?

No passado, eu costumava observar as fotos dele e sentir-me mole como geléia. Michael era sexy. Nada de conversas bobas pela manhã ou de me preocupar com um banheiro limpo ou com a etiqueta social de convívio civilizado. Podia tomar meu café, uísque ou tequila à vontade, com ninguém a me azucrinar, pedindo que deixasse o vício

— Enfim, Michael era o meu amante perfeito.

Se pensasse um pouco, ele deveria perceber que aquilo era o ideal, além do que, eu havia sido complacente ao permitir que avançasse o sinal.

Voltei minha atenção para a pilha de roupas que eu ainda tinha dúvida em levar. Detestava fazer compras, mas dessa vez precisaria me abastecer por um mês. Teria de ir ao shopping e, depois, visitar meu pai.

Num lugar dominado por ricas mansões cor-de-rosa, os preços em geral são de desanimar qualquer mulher, também por isso, eu tinha desenvolvido certa fobia de centros comerciais, mas forcei-me a entrar na loja Bloo-mingdale. Sempre considerei as vendedoras como mortas-vivas, com seus rostos desbotados e sorrisos flácidos. Faziam-me até gostar de minha pequena cicatriz na sobrancelha direita, resultado de uma briga no colégio com Billy Monroe. Ele me espetou com uma caneta, em compensação saiu da disputa com um olho roxo.

Minha técnica para compras é simples. Rumei direto para o estande da marca Ann Taylor e escolhi uma camisa da qual gostei. Comprei sete peças, de cores diferentes. Depois, parti para a seleção de calças que combinassem. Adquiri três, do mesmo modelo e tamanho. Claro, iria precisar de shorts, e a balconista se empenhou em me mostrar os modelos, alguns bens escandalosos. Mas eu ignorei os conselhos dela e, em meia hora, saí da loja com várias sacolas e quinhentos dólares a menos no bolso. Bom negócio? Não sei, mas era assim que eu comprava roupas sem me entediar.

Em seguida, rumei para a Casa de Assistência a Idosos de Stratford Oaks.

— Bom dia, Charlie. — Sorri para o funcionário de serviço no saguão ornado de samambaias suspensas.

— Bom dia, srta. Hayes.

Esperava sinceramente que pudesse conversar às boas com meu pai, mas estava enganada.

— Sofia! — Ele abriu um largo sorriso ao me chamar pelo nome de minha mãe, um detalhe que eu odiava tanto quanto me parecer com ela.

— Como vai, Jack? — Aproximei-me para um abraço afetuoso, apesar da contrariedade, e senti o gelo de um estranho, um homem que não me conhecia mais pelo nome ou como filha.

À luz do dia, ele parecia ter emagrecido, embora tivessem me contado que meu pai ultimamente recusava a comida e, quando saía para um passeio em grupo, fartava-se de guloseimas em alguma doceria.

— Sente-se, Sofia. Preciso lhe contar uma história engraçada.

Na verdade, ele vivia recontando os mesmos episódios entre autores e editores, na Nova York da década de 1940, quando trabalhava para a Editora Simon & Schuster. Cibia-me fingir surpresa e diversão, rindo de seus relatos.

Acolhi entre as minhas a mão ossuda de Jack, rezando para que um raio de lucidez ferisse a nuvem de neurose. Talvez existisse um Deus bondoso no céu, Outras vezes, a nuvem era tão espessa e cinzenta que eu desanimava. Bem, Jack, preciso ir.

— Tão cedo, Sofia? Tão cedo? Nosso tempo juntos é sempre curto. Espero que seu processo de divórcio esteja concluído.

— Logo estará, Jack. Então, poderemos conviver o tempo todo.

Recriminei-me, pois os médicos haviam pedido para que eu não alimentasse as fantasias de meu pai, mas, ao contrário, o trouxesse de volta para a realidade. No entanto, seria cruel recusar-lhe os derradeiros fragmentos de sonho. Ele sempre se lembrava dos mesmos anos, quando namorava minha mãe. Foi antes de eu nascer e antes de que ela nos abandonasse, causando imensa dor.

— Amo você, Sofia.

— Também te amo, Jack.

De repente, a nuvem se abriu.

— Cassie? Há quanto tempo você está aqui?

— Dois minutos, papai.

— Dê-me um abraço. Dos fortes, como antigamente.

Rapidamente obedeci, e pude sentir o aroma da colônia que ele ainda usava, assim como seu robe azul, presente de Sofia.

— Como vai minha filha que é um gênio?

— Bem, papai. Adivinhe quem é meu novo autor.

— Quem?

— Vou trabalhar com Roland Riggs.

Meu pai recostou-se na poltrona estampada e sorriu.

— Caso ainda não tenha acontecido — ele recitou —, você chegará à glória.

— Eu sei. Vou trabalhar e morar com ele por um mês, na ilha de Sanibel.

— Traga-me uma conchinha.

Eu ri daquele pedido tão infantil.

— Pode imaginar? Roland Riggs!

Falamos mais meia hora sobre o célebre escritor de um único livro. Papai se recordava bem da repercussão de *Simplesmente Simon*, que era uma obra de sua mocidade. Notei que ele se cansava e apressei-me em sair, com mais um abraço.

— Estou orgulhoso de você, filha.

— Eu sei, papai, eu sei. — Tive de reprimir as lágrimas.

— Conte-me tudo em detalhes, quando voltar.

— Contarei.

- Não se esquecerá de nada?

— Não, papai.

Ajeitei a manta de lã que ele tinha sobre as pernas. A caminho da saída, o cheiro de colônia de Jack Hayes foi substituído pelo aroma anti-séptico típico dos hospitais e casas de repouso. O detalhe me comoveu e entristeceu.

— Não me esquecerei de nada, papai — murmurei para mim mesma.

Capítulo IV

Por excesso de zelo, Louis veio checar minha bagagem. Estávamos na garagem do meu prédio, o Jaguar dele ao lado do meu monstrengo de quatro rodas. Ele parecia comandar uma operação militar.

— Pegou o laptop?

— Sim.

— Maio, biquíni?

— Louis, este interrogatório é desnecessário.

— Maio ou biquíni? — ele insistiu, impassível.

— Positivo.

— Pijamas?

— Só meu quimono.

— Cassie, você não pode dormir nua na casa de Roland Riggs. E se houver um incêndio?

— Você está parecendo uma nova versão da mãe judaica.

— Bem, eu desconfiava de que isso iria acontecer. Espere um pouco.

Louis esquadrinhou o interior de seu carro e recolheu uma sacola com o logotipo da Victoria Secret, famosa fabricante de lingerie. Dentro dela, havia um elegante e sedoso pijama de mangas compridas.

—Que exagero, meu caro. Bastava uma camiseta folgada.

— Celular? — ele continuou.

— Positivo.

— Cafeteira?

— Claro. — Eu havia decidido levar um modelo portátil, a fim de não depender de Riggs ou da governanta para minha dose matinal de cafeína.

— Pó de café? Saquinhos de açúcar ou de adoçante? Positivo.

— Lanche para a viagem?

— Não, pretendo fazer uma parada no caminho.

— Ande para não se atrasar, Cassie. Deve ser pontual. Mais uma vez, ele inclinou-se para dentro do Jaguar e pegou duas barras de cereal. Sabor café, naturalmente Coloquei-as no banco de meu Cadillac amarelo.

—Será que você também providenciou um bom cozinheiro para Riggs, em Sanibel? Além de alto, moreno e bonito?

— Não. — Louis riu. — Mas, quanto ao resto, acho que pensei em tudo. E por isso que formamos uma boa dupla.

Ele sustentou o sorriso, normalmente raro. Tratava-me como a uma filha. Helen não havia lhe dado herdeiros, mas compensara essa falta por meio de gestos sempre afetuosos. Em vida, tinha sido uma loura alta e formosa, com a aura de Grace Kelly. No Natal, dava-me presentes pessoais, perfeitos, como um broche para lapela ou um jogo de pente e escova com meu monograma gravado. Fazia questão de demonstrar que gostava de mim. Sem Helen, Louis concentrou sua afetividade em minha pessoa. Desde a morte da esposa, abraçava-me com comovido vigor, cuidava para que eu me sentisse bem no trabalho e em casa, mimava-me com convites para o cinema ou para um bar noturno. Era um ótimo amigo, que sem a mulher amada se sentia totalmente à deriva.

— A melhor dupla do meio editorial — confirmei após meu devaneio.

Pronta para partir, abracei Louis com emoção. Ele atritou minhas costas.

— Sentirei sua falta — disse. — Não deixe de me telefonar. Agora vá.

Coloquei meus óculos escuros e manobrei o carro. Com um último aceno a Louis, parti e procurei não pensar em Michael Pearton e seus telefonemas fora de hora. Minha mente, porém, movida a cafeína, recusou-se a obedecer. Quanto mais eu me esforçava, mais o rosto e a voz dele ficavam vívidos em meu íntimo, tal qual um passageiro fantasma dentro do automóvel.

Com esforço, fixei o pensamento no romance Simplesmente Simon, que Louis me obrigara a ler três vezes, com o intuito de captar o estilo do autor. Meu chefe e amigo andava impossível, desde que recebera a ligação de Roland Riggs. Exigiu-me que lhe telefonasse no instante em que acabasse de ler o original do novo livro, transmitindo meu parecer. Demorava-se em detalhes sobre o comportamento do escritor e antevia, empolgado, a campanha de publicidade para o lançamento. Insistia em que Riggs, contrariando seus hábitos, deveria dar muitas entrevistas à imprensa e na tevê.

Eu não o havia visto tão entusiasmado desde que tivera a ideia de convencer a legendária atriz Joan Fontaine a escrever sua biografia. Com a ajuda de um bom ghost writer, claro. Mas ela declinara do convite, deixando a editora sem nenhum best-seller na gaveta.

Por sorte, já conseguia pensar em Louis e Roland Riggs, não em Michael Pearton. Liguei o som do carro e passei a ouvir um melodioso sucesso de Elvis Costello, enquanto

percorria a rua plana que dava acesso à rodovia para Everglades, beirando a costa da Flórida. Presumi que, nessa área de pântanos, existissem crocodilos e cadáveres desovados pela Máfia. Tínhamos publicado um livro sobre a história da família criminosa dos Gambino.

Quilômetros de asfalto, margeando os alagadiços, afetaram-me os nervos e me levaram de volta a Michael. A marca de um bom editor é reter tudo na mente e jamais esquecer um só detalhe. Graças a essa obsessão profissional, repassei em pensamento todas as conversas que havia trocado com o escritor inglês, por mais de cinco anos.

No princípio, foram mais gracejos e galanteios do que frases com conteúdo. Fogos de artifício, como dizia a letra da canção de Elvis Costello que eu ouvia. Aos poucos, com o decorrer do tempo, a conversação derivou para características pessoais e pormenores íntimos.

Michael tentou fazer-me crer em Deus, negando minha postura agnóstica. Falamos de literatura, música, teatro. Discutimos Freud e muitas outras coisas.

No esforço para apagar o escritor inglês da mente, comecei a cantarolar a música que escutava. Em vão. Quanto maior o esforço, mais Michael se apossava dos meus sentidos, com seu rosto bem cinzelado e sorriso enigmático, tal como exibido nas fotos das capas dos livros.

Duas horas após partir de Boca Raton, eu e minha banheira móvel cor de banana emergimos dos pântanos e prosseguimos viagem rumo à ilha de Sanibel. Naquele ponto já se tornavam visíveis a praia, a areia, o sol e as palmeiras tropicais. Não seria demais dizer que estava entrando num paraíso. Eu nem tinha falado com Roland Riggs, mas ele deixara instruções precisas com Louis: "Virar à direita no cruzamento com a estrada de Periwinkle".

Foi o que fiz. Na tal rodovia, de pista única com mão dupla, praguejei contra a mulher de cabelos azulados a minha frente, que dirigia um belo carro esporte com a agilidade de uma lesma. Em compensação, a lentidão permitiu que eu conhecesse os primeiros destaques de Sanibel: uma leiteria, depois uma pizzaria, agência imobiliária, loja de presentes típicos, sobretudo conchas marinhas. Oh, Deus! Nenhum bar e café? Pensei em dar meia-volta na mesma hora. Seria difícil sobreviver ali por um mês.

Seguindo as placas que indicavam o caminho da praia, cheguei a um imenso portão de ferro, ladeado de árvores, que bloqueavam a visão da casa.

Desci do carro, pisei em montículos de terra e tufo de grama e apertei o botão da campainha. Após alguns momentos, apertei de novo.

— Pois não? — perguntou uma voz feminina pelo porteiro eletrônico.

— Olá. Aqui é a casa de Roland Riggs? Sou Cassie, da Editora West Side.

— Pois não, um minuto.

O portão automático zumbiu enquanto se abria. Retornei ao carro e subi a impecável trilha de cascalho e areia, até chegar a uma enorme casa no alto de uma duna, que repousava sobre estacas.

Estacionei perto de outro portão, vazado e menor, que tinha a função de delimitar o jardim. Sem tirar a bagagem do carro, empurrei a grade metálica, surpresa com meu próprio nervosismo. Logo mais, eu estaria face a face com um dos gigantes literários do século.

Qualquer jornalista ou entrevistador de televisão, ponderei, gostaria de estar no meu lugar, naquele momento. A expectativa me fez transpirar.

Capítulo V

As ondas do golfo do México marulhavam na orla da praia. No enorme jardim em que me encontrava, ouvi um ruído mais contínuo. Era uma pequena cascata artificial, revestida de pedras, que alimentava um aquário repleto de peixes da espécie koi. Lampejos de dourado e branco tornavam-se visíveis enquanto eles nadavam, as caudas captando o brilho do sol. Um gato todo branco, de olhos verdes, mantinha plantão junto à borda, devidamente gradeada. O bichano lambeu as patas e olhou para mim. — Ei, gatinho.

Eu lhe estendi a mão e notei que não era o único ali. Havia no mínimo mais cinco, espalhados pelo terreno de grama bem aparada, meticulosamente dividido entre canteiros de orquídeas ou jasmims e árvores frutíferas: limoeiros, abacateiros e laranjeiras. Azaléias e gardênia também cresciam ali, algo incomum na Flórida. Caramanchões de cedro, com bancos rústicos, convidavam ao descanso.

Todo esse cenário certamente exigira um trabalho monumental de jardinagem, para as plantas resistirem ao sol forte e ao solo arenoso. Riggs devia ter gasto uma pequena fortuna.

Ao aproximar-me da casa, a primeira coisa que notei foi o tamanho. A fachada adornada de pedras, com enormes vidraças, davam vista total para a paisagem privilegiada. Subi os degraus da varanda, apertei o botão da campainha e aguardei.

Finalmente, a porta se abriu e deparei com um dos maiores escritores americanos vivos. Roland Riggs era alto, de cabelos brancos espetados como os de Einstein. Eu havia esquecido de que ninguém vira uma foto dele, desde a década de setenta. Os óculos de aro cromado acentuavam o azul-claro de seus olhos. A pele bronzeada não disfarçava as rugas naturais em um homem no auge dos sessenta anos. Mas, quando sorriu para mim, ele revelou dentes alvos e perfeitos, além de um par de sedutoras covinhas. Pareceu-me a própria visão de um avô, bondoso e exemplar.

— Cassie Hayes! — A mão que apertou a minha era firme e quente.

— Exatamente, senhor.

— Nada de senhor. Chame-me de Roland. Onde está sua bagagem? — Ele espichou o olhar para o pátio.

— No meu carro, que ficou perto do portão do jardim.

— Bem, recolheremos depois. Se está com fome, Mana acabou de assar empanadas.

— Maravilha! — exclamei. Não tinha parado na estrada nem comido as barras de cereal que Louis me dera.

— Esplêndido, então. Vamos entrar.

Ao ser conduzida sala adentro, notei que, ao andar, Roland Riggs mancava ligeiramente da perna esquerda. Os ombros se abaulavam, em busca do indispensável equilíbrio. Em volta do pescoço, usava um colar rústico de conchas, mas os pés estavam descalços, abaixo da bermuda xadrez e da camisa estampada com motivos havaianos.

No aparelho de som tocava uma música dos Bee Gees, *Staying Alive*.

Sem querer, Roland balançou a cabeça ao ritmo daquele apelo musical à vida. Sorri ao ver o gesto espontâneo do homem que tinha mudado o pensamento da América sobre a tragédia da Guerra do Vietnã. Revi meu conceito anterior: não se tratava de um avô comum.

A surpreendente cozinha se assemelhava a uma extensão do jardim. Vasos grandes se espalhavam pelo piso, outros menores enfeitavam o peitoril da janela, através da qual

os raios de sol entravam, soberanos. A própria bancada de trabalho encontrava-se quase engolida por plantas.

— O que são essas? — Apontei para algumas curiosas árvores em miniatura.

— Bonsais de batata. Técnica japonesa.

— Nunca ouvi falar.

— Muitas pessoas desconhecem essa forma de arte. Quando criança, na escola, você não tentou fazer germinar uma batata? Não plantou uma na terra, com palitos e tudo?

— Projetei minha memória até a infância. Minha mãe ignorava solenemente qualquer alimento que precisasse ser cozido. Nossa empregada estabeleceu a cozinha como seu domínio particular e ameaçava de morte quem o invadisse. Meu pai? Obrigou-me a escrever um ensaio de cem páginas sobre literatura, na terceira série do colégio. Cultivar batatas e outras brincadeiras infantis estavam fora do repertório familiar. Mas lembrei em tempo que estava diante do famoso Roland Riggs. Fiz que o faria com qualquer dos autores que eu editava.

— Claro que sim — menti.

— Maria aprendeu a fazer bonsais na roça, de onde Veio. Quando atingem o tamanho correto, ela os põe lá fora. Não viu alguns, no jardim?

Não havia notado até então, mas as árvores anãs eram responsáveis pelo ar oriental do pátio, uma cena que poderia incluir japoneses idosos sentados sob o caramanchão ou pescando na praia.

— Nunca havia visto esse tipo de planta — comentei com sinceridade.

— E só uma parte das habilidades de Maria — disse Riggs, fazendo um floreio com a mão. — A outra consiste em cozinhar maravilhosamente. Ela é mexicana e é incomparável no fogão.

Dez minutos depois, provei as empadas feitas por Maria. Minha língua ardeu. Misto de governanta, cozinheira e arrumadeira, a mexicana tinha aparentemente trazido toneladas de pimenta-vermelha de seu país.

— Está gostando? — perguntou o escritor, diante de mim à mesa da cozinha.

— Gostando? — Senti os olhos cheios de lágrimas. — Preciso tomar algo bem frio, gelado.

Até aquele instante, eu não conhecera Maria pessoalmente. Talvez estivesse arrumando os quartos.

Sem demora, Riggs ergueu-se e caminhou até o enorme refrigerador duplo, de alta tecnologia. Aparentemente, Simplesmente Simon continuava rendendo royalties ao escritor.

— Cerveja ou refrigerante? Água gelada? Suco? Para mim, viciada em café, e amante de uísque e de tequila, chegara o momento da verdade. Teria de reprimir os maus hábitos por um mês.

— Cerveja.

Ele voltou à mesa com uma garrafa de bebida importada. Alemã, como eu já esperava.

— Como vai Louis?

— Bem. Mandou-lhe um grande abraço. Na verdade, preciso ligar meu laptop e enviar um e-mail para ele, avisando que cheguei.

— Nunca pensei que a informática fosse chegar a tanto — ele confessou. — Computadores portáteis, movidos a bateria. Mensagens pela Internet. Sabia que há quase uma centena de sites eletrônicos dedicados a mim? É assombroso!

— Você desapareceu da mídia, tornou-se uma lenda viva.

— Talvez, mas esse pessoal envia desenhos daquilo que supõem ser meu rosto, atualmente. Uma centena de endereços eletrônicos! — Riggs meneou a cabeça com incredulidade.

— Sempre que alguém famoso some de circulação, os fãs desenvolvem fantasias. Aconteceu com Greta Garbo, e também com Elvis Presley. Quantos idiotas acreditam que ele ainda está vivo?

— Quer dizer que Elvis morreu? — O escritor riu da própria piada.

Bebi cerveja, enxuguei meus olhos ardentes e voltei a atacar as empadas.

— Sabe o que eu faço, às vezes? — Riggs perguntou, sem esperar resposta. — Crio um pseudônimo, como "Simon" ou às vezes meu próprio nome, e entro nas salas de bate-papo na Internet.

— Mesmo?

Estranhei aquele comportamento, um tanto juvenil.

— Verdade.

— E o que acontece?

— O que sempre acontece nessas salas de chat. Ninguém leva ninguém a sério. Ninguém sequer sonha que eu sou Roland Riggs de verdade.

Ele pareceu satisfeito com a brincadeira. Eu suspirei.

— Estas empadas têm tempero forte — Riggs admitiu. — Quer mais?

— Não, já comi o suficiente. Admiro Maria, pois não sei cozinhar mais do que um ovo.

— Eu também. Maria caiu do céu, só que exagera nas porções. Às vezes, tenho de jogar no lixo, escondido, metade do prato de comida. Lavo a louça na pia e ela pensa que eu comi tudo.

Como para demonstrar o que dizia, Riggs levou à bancada seu prato, com meia empanada restante, usou o cesto de lixo e ligou a torneira. Sobraram dois daqueles pastelões na travessa, e imaginei que durariam pelo menos três dias na geladeira.

— Conhece a história do meu encontro com Louis? — ele finalmente perguntou.

— Sim, mas pelo visto você já aderiu totalmente ao computador. E verdade que foi uma conversa e uma bebedeira de dois dias, durante todo o fim de semana?

— Não me lembro bem, exceto do diálogo inteligente. Na mesma hora, decidi que, se resolvesse escrever uma sequência de Simplesmente Simon, Louis seria meu editor. Claro, não pensei que fosse demorar tanto.

— E nesse tempo todo, não escreveu mais nada?

— Não, não. Recuso-me a ser patético.

— Posso ler o novo original?

— Você é rápida na edição final de texto?

— Creio que sim.

— Então, acho que a leitura do novo livro pode esperar. Quero que compreenda, primeiro, por que o escrevi. Senão, corre o risco de não entendê-lo.

— Por quê? Utilizou um estilo pós-moderno?

— Não exatamente. — Ele riu.

Um par de coelhos surgiu à porta da cozinha e veio saltando até perto da mesa. Pestanejei várias vezes. Por um momento, julguei tratar-se de uma alucinação. Mas Roland girou na cadeira para observá-los, e providenciou duas cenouras.

— Esses bichinhos são Pedro e José. Coelhos anões, noruegueses, de origem siamesa. Note como os focinhos se parecem com os de um gato siamês.

— E eles ficam pulando pela casa, em liberdade?

— Não se preocupe. São silenciosos, limpos e não transmitem nenhuma doença.

Forcei-me a aceitar mais aquela extravagância do célebre romancista.

— Não pensei em transmissão de doenças, mas em dois coelhos pulando na minha cama.

— Mais tarde, conhecerá Cecília, a fêmea branca. E muito tímida e se esconde. Parece que está prenhe.

— Quer dizer que você adora coelhos dentro de casa.

— Nunca parei para meditar muito nesse assunto. Foi quando Maria irrompeu pela porta, segurando um cesto cheio de pepinos colhidos na horta.

— Maria, esta é nossa hóspede, Cassie Hayes — Riggs apresentou, sem levantar-se. — Cassie ficará na casa ao lado da piscina, em frente à sua.

— Olá. Vocês comeram minhas empadas? Gostaram?

A mulher era mais jovem do que eu imaginara, e tinha sotaque e tipo hispânicos. Era uma morena belíssima, de cabelos e olhos escuros, pele cor de canela, sem um pinga de maquiagem no rosto de feições severas, que lembrava uma escultura inca. As mãos calejadas indicavam tratar-se de uma trabalhadora rural, desde a infância. O busto farto e os quadris generosos destoavam das medidas preconizadas pelas revistas femininas.

— St, Maria — Riggs apressou-se em comunicar.

— Deliciosas — menti outra vez, e para mudar de assunto perguntei-lhe quantos filhotes uma fêmea de coelho tinha por ninhada.

— Não tenho certeza — murmurou Maria. — Vai ser a primeira vez que vejo.

Ela sentou-se em uma banquetta e começou a descascar e cortar os pepinos, dispondo as rodela numa vasilha de latão. Viu que eu olhava, admirada.

— São para meus pássaros — informou.

— Pássaros?

— Sim, para os passarinhos cantarem melhor.

Dirigiu a Roland um olhar silencioso. Também calado, ele sacudiu a cabeça. Então, o grito mais agudo que eu já ouvira na minha vida entrou pela janela, fazendo-me pular de susto na cadeira.

— Espere um pouco, Pepito!

Pelo som, parecia ser uma araponga.

— São as minhas crianças. Elas e o sr. Riggs. Vou cuidar deles e depois começo a preparar o jantar. Bem temperado, como sempre.

— Ótimo — sorri sem entusiasmo.

Com tanta pimenta, minha gastrite logo iria evoluir para uma úlcera de vastas proporções.

— Bem, vamos instalar você.

Roland precedeu-me nas trilhas do jardim até meu carro, e recolheu a mala e uma sacola pesada. Eu me encarreguei de outra e assim levamos tudo para a casa, numa só viagem.

Durante a caminhada, obriguei-me a não fitá-lo. Estava ao lado de um ícone e parte de mim retornava à infância, povoada de heróis distantes. Lembrei-me de um Natal, quando minha mãe ainda não partira nem meu pai caíra em depressão. Tudo era perfeito. A decoração da árvore lembrava uma vitrine da Quinta Avenida. Antes de abrir os presentes, li dois cartões enviados por pessoas famosas. Custou-me crer que fossem reais. Mas toda essa perfeição nunca mais se repetiu, tornando aquele Natal inesquecível.

Bem, para uma editora de livros, Roland Riggs era tão significativo quanto o Natal para uma criança. Ele era parte da história e eu estava em sua casa. Quando ficasse mais velha e grisalha, também me lembraria de todos os detalhes daquela estada em Sanibel. De Cada palavra que ele dizia, de todos os quadros nas paredes, do jardim, dos peixinhos, das árvores anãs.

Tais pormenores, sem dúvida, seriam incluídos no meu primeiro relatório a Louis.

Meu quarto na casa perto da piscina revelou-se melhor que o de um hotel cinco-estrelas. Havia até uma sacada, com vista para o golfo do México. A decoração era em estilo colonial francês, as paredes pintadas de um tom de azul que rivalizava com o do mar. Em conjunto, o lugar transmitia paz e serenidade. Apesar disso, minha primeira compulsão foi procurar uma tomada para a cafeteira.

— Ali, ao lado daquela mesa de trabalho — Riggs apontou —, você poderá ligar seu computador portátil.

— Isso não vai ocupar sua linha de telefone? Riggs olhou para o teto e eu não soube definir se ele ria ou suspirava, autocomplacente.

— Com exceção de Louis e de minha antiga editora, não ligo para ninguém, há anos. Também não recebo telefonemas.

— Quer dizer que meu laptop não vai incomodá-lo?

— Não. Eu mesmo uso computador, mas logo de manhã, bem cedo. Você costuma começar antes das seis?

— Com todo o respeito, Roland, antes das seis eu mal respiro.

Ele riu com prazer, fazendo-me pensar que, em algum canto da casa, existiria um papagaio engaiolado que imitasse a fala do dono.

— Vou deixá-la à vontade, para arrumar suas coisas. Ah, fique com isto.

Ele tirou do bolso da bermuda um tubo de pastilhas antiácidas.

— É melhor mantê-las em sua bolsa, caso as refeições continuem apimentadas. Tenho um suprimento para seis meses — ele brincou —, mas não imaginava que um dia iria fornecer bicarbonato para uma hóspede.

Seria o caso de me orgulhar?

— Talvez seja mais fácil pedir a Maria que use menos tempero na comida.

Riggs arregalou os olhos, como se tivesse uma súbita inspiração. Depois, com um aceno, virou-se e saiu, fechando a porta.

A primeira coisa que fiz, depois de contemplar a paisagem da sacada, foi correr ao telefone e ligar para a casa de Louis. Ele atendeu ao primeiro toque.

— Então?

— Quanto dinheiro você acha que Simplesmente Simon rendeu a Riggs? — perguntei.

— Não sei ao certo. Bastante, uma vez que o livro foi adotado em quase todas as escolas secundárias do país. Por quê?

— Você não acreditaria no luxo da casa dele, Louis! Tá longe de ser a gruta de um ermitão. É enorme, linda e ensolarada. Agora mesmo, daqui onde estou, a ver o mar. E os jardins! Maravilhosos, com cascata artificial e cheios de animaizinhos. Parece que tudo foi personalizado, da construção à decoração. Adorei a cozinha, tem refrigerador duplo e fogão de oito bocas.

0Quem ele esperava de visita? Um exército? Riggs não tem ninguém, vive sozinho. Para que oito bocas?

— Talvez o exagero tenha se tornado seu estilo de vida.

— Como ele está, depois desses anos todos?

— Em forma. Um pouco estranho. Ele tem praticamente um zoológico em casa, e um verdadeiro jardim botânico.

— Zoológico?

— Há coelhos saltando livremente pela casa inteira.

— Bem, é uma extravagância aceitável numa pessoa solitária. Você chegou a ver o novo livro?

— Não.

— Mencionou o assunto, pelo menos? — A ansiedade era audível no tom de Louis.

— Claro, mas ele quer que passemos alguns dias apenas nos conhecendo um ao outro.

— Minha nossa! Sem ofensa, Cassie, mas você não é do tipo meigo e agradável.

Mas sempre me dei bem com os escritores com quem trabalho. Com exceção daquele antipático do Jack Holloway.

— E quanto a Howard Gussbaum?

— Certo. Com exceção de Holloway e Gussbaum.

— E de Daisy Jones.

— Ouça, a ideia foi de Riggs e creio que tudo sairá a contento.

— Vamos esperar que sim.

— A empregada dele é mexicana, limpa tudo e cozinha. Tudo muito apimentado, de queimar a boca e umedecer os olhos. Não sei se vou aguentar um mês.

— Faça um esforço.

— O detalhe é que Riggs também detesta comida apimentada, mas come calado e chupa pastilhas de antiácido. Não é estranho? Por que simplesmente não pede a Maria para modificar o tempero?

— Talvez não queira magoá-la e, com isso, perder os serviços dela. Seu pai também odiava aqueles pratos alemães que a empregada da família Hayes fazia, lembra-se?

— É verdade.

— Mas, a não ser pela comida, a mulher era uma excelente empregada.

— Ocorre que Maria é muito bonita. De tirar o fôlego, eu diria. Vou desligar, pois preciso verificar meus e-mails. Algum terremoto no escritório?

— Não. Como hoje é sábado, nem fui à editora. Parece que tudo corre bem. Troy e Grace darão conta do recado, durante sua ausência.

— Melhor assim. Vou ligar o laptop e fazer café. Telefone amanhã.

— Ou hoje mesmo, mais tarde, se surgir alguma novidade.

Desliguei e abri o zíper da minha sacola de viagem, afim de pegar a cafeteira e os acessórios para preparar uma boa xícara de bebida quente. Senti o estômago protestar e, por via das dúvidas, coloquei uma pastilha na boca. Enquanto ela se dissolia, liguei o laptop na mesma tomada e acessei minha caixa de entrada.

Havia três mensagens, o que era bom para um sábado. A maioria dos escritores e jornalistas sabia que eu estava fora de Miami.

O primeiro recado era de Kathleen Hawkins, comentarista política de um jornal e convidada frequente dos programas de entrevistas na tevê. Era uma loura bonita, mas julgava-se mais linda e sofisticada do que realmente era, o que dificultava sua vida sentimental.

Cassie:

Fiquei insatisfeita com o tamanho da foto na prova de capa do meu livro, que você me mandou. Paguei uma fortuna a um fotógrafo famoso, e o material saiu fabuloso. Por isso, gostaria de ver uma reprodução maior, ocupando todo o espaço da quarta capa, como aliás vocês costumam fazer com outros autores. Meu público espera por isso. Avise-me imediatamente de sua decisão.

Kathleen

Kathy querida:

Pedirei ao editor de arte para testar vários tamanhos para a foto de seu rosto. Você é bonita, claro, e queremos que o público a veja bem.

Cassie

Enviei cópias dos dois e-mails para o nosso editor de arte, sabendo que ele conhecia minha norma de dedicar a quarta capa, no caso de novos talentos, a textos promocionais. Rilhei os dentes, feliz por me escudar na opinião de outro profissional para poder dizer "não" a Kathleen Hawkins.

Onde Louis ia buscar tais figuras?

A segunda mensagem datava de sexta-feira e era do meu advogado. Minha mãe o havia procurado de novo, por telefone. Periodicamente, ligava para saber se meu pai continuava vivo. Ela recebera uma boa soma em dinheiro, por ocasião do divórcio. Agora, ansiava por colocar a mão em sua parte dos bens imóveis, o que só aconteceria quando meu pai falecesse.

O terceiro e-mail só poderia ser de Michael Pearton. Retive a respiração ao ler a mensagem no monitor.

Cassie:

Espero que não tenha se assustado com meu último telefonema. Quando me falou que iria ausentar-se por um mês, perdi a cabeça. Você me perdoa? Com quem mais eu poderia conversar no meio da noite, ouvindo coisas excitantes como as que você diz? E o aparelho de chá? Sei que ele está amarelecendo em seu armário, enquanto você prefere café. E tequila. Quando vai mudar? Sua resistência me deixa exasperado, ao mesmo tempo que me encanta. Escreva para mim, ligue-me. Diga que me perdoa pela explosão emocional. Diga que virá me ver em Londres.

Michael

Senti um arrepio, mesmo porque a água para café fervia na vasilha de vidro e me lembrei de que não havia trazido uma caneca ou xícara. Quase em pânico, fui ao banheiro e refresquei o rosto afogueado. O lugar era impecável, mais bonito que o de um hotel luxuoso, e não faltavam frascos de xampu, colônias e sabonetes.

— Perfeito.

Até que achei um copo limpo, para água, e apressei-me em enchê-lo de café. Reli o recado de Michael. Suspirei com a lembrança de sua voz e comecei a digitar a resposta.

Michael:

Você não me assustou. Caso não tenha notado, não sou desse tipo de mulher. Na verdade, sou eu quem prega sustos nos outros. Por exemplo, você se espantaria com o estado de meu banheiro no apartamento: manchas de creme dental no lavatório, toalhas no chão, spray para cabelos grudado no espelho. Você lamentaria amargamente se eu fosse a Londres e fizesse a mesma desordem em sua casa. Mas você criou a fantasia de que eu sou perfeita. Pode continuar assim. Por isso, nem pense em modificar meus hábitos.

Gostaria de entender por que sua foto nas capas dos livros tanto me seduz. Sinto-me como uma adolescente beijando a fotografia de seu ídolo. Você percebe o que quero dizer? Não existe outro em minha vida, e esta situação, com cada um em seu canto, é a ideal. Ligue-me para dizer que estou certa.

Cassie

Cliquei o mouse em "Enviar". Se eu fosse a Londres e conhecesse Michael em pessoa, não haveria uma tecla "Delete" para tirá-lo da minha frente. A vida real era confusa, decepcionante. Com banheiros em desordem eu podia lidar. Com o amor, não.

Capítulo IV

Devo ser a única moradora da Flórida sem o menor vestígio de bronzeado na pele. Não que eu me preocupe com a camada de ozônio e que use frascos e mais frascos de loção protetora fator BO. Nas raras ocasiões em que me exponho ao sol, minhas sardas se multiplicam numa proporção inacreditável. Mas eu gosto de ter sardas, portanto, a minha pele imaculadamente alva não tem nada a ver com isso. O problema é que eu não consigo ficar parada, estirada no sol, sem fazer nada. Mas em Sanibel, eu estava no paraíso. Por isso, sem nada para fazer após desligar o computador, dirigi-me à cozinha da casa principal e abordei Maria, que estava ao fogão, envolta pelos vapores de seus temperos picantes. Mesmo a distância, meus olhos arderam.

— Onde está Roland? — perguntei.

— Foi à praia. Pescar.

— A que horas você costuma servir o jantar?

— Cedo. Em torno das seis e meia.

Tentei manter uma conversa adulta com Maria, a fim de passar o tempo.

— Acho incrível você conseguir cultivar legumes e verduras tão saborosos nesse solo arenoso. E as árvores anãs, então! Você deve ter um jeito especial com as plantas. Quanto a mim, consegui deixar morrer um cacto que só precisava de água uma vez por ano.

— Aprendi desde criança, plantando e colhendo com minha família. Só que, na época, nenhum dos vegetais ficavam para nós, a não ser os estragados. Agora, cuido da horta do sr. Riggs com minhas próprias mãos, e os legumes têm gosto muito melhor do que os comprados por aí.

Maria segurou um tomate diante de mim, parecendo maravilhada com aquela perfeição redonda e vermelha.

— Agora, as verduras são para nós e para meus filhotes: os passarinhos e os coelhos.

Maria sorriu, no papel de uma autêntica feiticeira de forno e fogão, e com isso tacitamente me dispensou.

Sentindo-me ignorada, decidi me arriscar a uma caminhada na areia. A distância, observei Roland na praia alva e limpa, empunhando um caniço com o anzol imerso nas águas do golfo. Ele movimentava a vara em várias direções, retirava e lançava de novo. O alvo mudava, mas não o ritmo do pescador. Ponderei se minha intrusão não espantaria os peixes. Permaneci imóvel, olhando e meditando.

O fim de tarde era agradável, a areia não estava quente demais. Descalcei os tênis. Vi conchas no solo, perto dos meus pés, trazidas pela maré montante que também formava, aos poucos, pequenas dunas. O próprio tempo parecia ter parado. Uma pessoa ansiosa e dinâmica como eu não conseguiria imaginar uma semana de permanência naquele lugar, muito menos um mês!

Na faculdade de Letras, minha colega de quarto era maníaco-depressiva. Chamava-se Cherish, e era filha de um casal de autênticos hippies. Não posso afirmar que os distúrbios de Cherish se devessem à vida desregrada e pouco salutar dos pais, quando ela foi gerada e durante a primeira infância, mas o fato é que ela oscilava entre a euforia e a inércia. Era capaz de passar dias e dias deitada, perdendo as aulas e os trabalhos de classe, com os quais eu tentava colaborar. Certa vez, ela xingou pesadamente o jogador

de futebol mais popular da universidade por ele ter falhado numa jogada que teria dado ao time o título de campeão no mais importante campeonato universitário da época.

Nas fases depressivas, recusava-se a comer e até a vestir-se. Passava os dias na cama, encolhida em posição fetal. Em vez de tomar os comprimidos de lítio, estabilizante psíquico indicado pelo médico, abusava do álcool.

A mim cabia esperar que o ciclo se revertisse, como sempre ocorria.

Nunca a obriguei a tomar lítio e, ao contrário das outras meninas, que a consideravam louca, eu conseguia conviver bem com ela.

Nós duas chamávamos nosso transtorno de "doce infinidade". Claro que nunca cheguei aos extremos, fossem altos ou baixos, mas era bastante acelerada em meu comportamento diário. "Pé na tábua", as outras me apelidaram. De fato, nunca parava quieta. Ia bem nos estudos e ainda trabalhava à noite, como garçonne, para me manter com certa independência. Minha tia Charlotte me acusava de fugir de todos os parentes que poderiam me ajudar financeiramente. De minha parte, convenci-me de que estava em busca de uma vida livre, grandiosa, excitante. Demorei a descobrir que esse era um sonho comum a todo estudante adolescente.

Depois de me formar na faculdade, consegui um estágio na editora de Louis O'Connor. Chegava às sete da manhã e saía depois do porteiro do prédio. Louis e sua esposa, Helen, reconheceram meu empenho, além da competência. Fui contratada e enfrontei-me nos segredos da editoração. Em pouco tempo, participava de coquetéis e jantares com escritores célebres. Concluí que essa era a vida que eu queria. Se tivesse me formado em medicina, também jamais reclamaria dos plantões exaustivos no setor de emergência de um hospital.

Quando meu pai deixou de reconhecer quem eu era, Helen passou a me tratar como filha. Aceitava todos como eram, aliás. Mais pragmático, Louis comentava: "Menina, você só vai reduzir seu ritmo ao sofrer seu segundo ataque cardíaco. Se sobreviver ao primeiro". Todos nós precisamos de alguém que nos diga a verdade.

Inalei a brisa marítima. Na praia praticamente vazia, senti meu coração aplacar-se. Pensei em meu pai.

"A história é boa, Cassandra. Vou datilografá-la e você fará as ilustrações. Eu a guardarei para sempre, assim como a você, minha Cassie."

Eu tinha seis anos e ele me pegou no colo. Rodeei-lhe o pescoço com meus braços de criança, senti o aroma de sua colônia. Ele segurou meu rosto entre as mãos e pegou uma mecha de meus cabelos, brincando de fazer uma espiral com o dedo indicador.

"Eu não devia dizer isso, Cassie, mas estou contente por não ter de dividir você com sua mãe. Chego do trabalho e recebo um abraço cheio de ternura, exclusivo para mim. Mas você merece mais: um toque de mãe. Nos dois merecemos."

O tráfego na avenida Park era terrível, às seis da tarde de um dia de semana. Girei as abotoaduras francesas nos punhos da camisa de meu pai. Ele observava a janela e ouvia o ruído do trânsito. Vi que não me enxergava, nem nosso apartamento. Só tinha olhos para ela, minha mãe, a esposa que o abandonara. Naquele momento, ele me pareceu extraordinariamente velho.

— Importa-se de eu lhe fazer companhia?

— Claro que não. — Na verdade, levei um susto com a aproximação de Roland, que eu nem havia notado.

— Perguntei a Louis se ele via algum inconveniente em você ficar aqui, durante o trabalho. Ele garantiu disse que não.

— Garantiu? — Ergui as sobrancelhas.

— Disse que você é solteira e ainda não encontrou um companheiro à altura, então...

— Sr. Riggs... Roland. — Ri sem graça. — Tenho certeza de que não foi bem isso o que Louis falou.

Ele chutou com o pé um montículo de areia e sorriu.

— Tem razão.

— O que Louis lhe confidenciou sobre mim, exatamente? Estou curioso.

— Não sei se devo...

— Vamos, não há de ser nada que eu não tenha ouvido antes.

Roland fez uma pausa, a fim de avaliar até que ponto eu exigia a verdade.

— Segundo Louis, você não tomaria conta de um peixinho de aquário, quanto mais de um marido. Disse-me que a única exceção em sua vida é seu pai. E que você viria a Sanibel sem problemas.

— Louis é realmente um doce de pessoa — ironizei.

— Enfim, não quero que pense que sou doido, por pedir que viesse trabalhar aqui, comigo.

— Claro que não — repeti meu refrão preferido, desviando os olhos do sol.

— Cassie, você é uma grande mentirosa.

— Por acaso viu algum cinismo em minha cara?

— Bem... não sou maluco.

— Nunca pensei que fosse.

— Isso é bom. Fico contente. Vejo-a na hora do jantar. — Roland começou a voltar para a casa, mas logo virou-se novamente. — Você gosta de música?

— Sim. De qualquer gênero. Clássica. Opera. Hip-hop. Dance, disco...

— Disco? — ele estranhou. — Quer dizer, aquele bate-estaca das danceterias para jovens? Cresci ouvindo os Bee Gees, Beatles e Rolling Stones. Mas não significa que os continue ouvindo o tempo todo. Chegou a assistir a algum show dos Bee Gees, no colégio?

Não... mas todas as meninas os adoravam. Esplêndido. Tenho a coleção completa dos discos. Ah, um detalhe: chupe uma pastilha extra de antiácido antes do jantar. Maria costuma carregar ainda mais no tempero, à noite.

Roland Riggs desapareceu de vista, entre as elevações de areia e grama das dunas. Não era doido, apenas um pouco.

Corno ele havia alertado, durante o jantar meu nariz escorreu. Recorri ao guardanapo, tal como o anfitrião, reparei que Maria, sentada à mesa qual um membro da família, comia com apetite, sem denotar qualquer desconforto com a dose excessiva de pimenta, cebola e outros condimentos.

— Antes de me decidir por Louis como meu novo editor — relatou Riggs —, li todos os livros de Michael Pearton. Notei a correção, a lisura, a fluência do texto. Pelos agradecimentos que ele fez constar, vi que você leve uma boa participação nesse resultado.

— Às vezes, Michael exagera nos elogios. É um lunático, acredite.

Riggs ergueu seu copo de cerveja.

— Aos lunáticos, então — brindou. — Eles movem o mundo.

— O que é lunático? — Maria indagou hesitante, ao imitá-lo.

— No meu entender — explicou o escritor —, lunático é aquele que acredita em fadas, em anjos, no amor eterno e na amizade perfeita. Sem eles, a feiúra da humanidade viria à tona.

— Sí. Aos lunáticos.

Também ergui meu copo, assombrada com o que estava fazendo.

Após o jantar, Riggs e eu nos sentamos na sala. Ainda havia resíduos da claridade do sol, e ele usou um controle remoto para abrir todas as cortinas, proporcionando a vista direta do golfo do México.

— Maria não vem? — questionei.

— Costuma ir ao chalé dela, depois de comer, para se trocar. Então, aparece de novo por aqui e assiste a um ou dois programas na tevê. Em seguida vai ver como estão seus bichinhos e depois vai dormir.

Abruptamente, Riggs pôs-se de pé e contemplou o calmo oceano.

— Sabia que segurei minha mulher nos braços quando ela deu o último suspiro?

Ele não esperava uma resposta, talvez, e sim algo mais. Apoio.

— Sinto muito, muito mesmo. — Torci para que fossem as palavras que ele desejava ouvir.

— Sabe como é sofrer perdas na família. Louis me contou.

— O que ele contou?

— Nada muito específico. Perguntei se você conhecia esse sofrimento e ele me disse que sim.

Só poderia estar se referindo à minha mãe, há tanto tempo fora de minha vida. Eu já havia parado de pensar na ausência dela como uma perda, procurando apenas entender o significado do abandono. Mas meu pai tornara-se quase um vegetal, após um derrame, e eu

Conhecia muito bem a dor de perder alguém que se ama.

— Louis tem razão — murmurei, entristecida.

— Mas ele também me falou que você não é do tipo ultra-sensível, que se comove por pouco.

— Não sou.

— Nem eu — confessou Riggs. — Claro que, de vez em quando, sinto falta de um abraço, de um afago. Sozinho aqui com Maria, não tenho mais chance. Mas anda acredito no amor verdadeiro. E você?

— Não tenho muita certeza.

— Hum. Seria melhor acreditar.

— Para quê?

— Para tudo o que a espera na vida. Não é bom fechar seu coração, embora você tenha a grande vantagem de ser muito honesta.

— Bem, não acredito em conversa fiada ou galanteios de conquistadores baratos.

— Isso é positivo — Riggs sentenciou em tom de Conselho informal. — Bem, vou sair para minha caminhada noturna. Fique à vontade se quiser ver televisão. — Passou-me o controle. — Mí casa es su casa, como dizem no México.

Ele saiu e, pela janela, vi que rumava na direção do ancoradouro. Do lado de fora, ainda gritou para mim:

— Seria melhor que acreditasse no amor, srta. Hayes. Mas não vou forçá-la a isso.

Em seguida, ele desapareceu na escuridão. Senti-me uma idiota vendo tevê, sozinha na imensa ala. Logo fui para meu quarto e escrevi um e-mail para Louis.

Me ajude, Louis! Roland Riggs só fala de fadas, de música, de danceterias, de amor verdadeiro. Onde ficou o autor de Simplesmente Simoni Receio que a reclusão lhe tenha afetado a cabeça. Mas eu também ficarei maluca se permanecer aqui por um mês. Em todo caso, mande-me mais café. E aqueles biscoitos que eu adoro. Se puder, mande também alguém que goste dos Bee Gees e que, aos sessenta anos, ainda espere encontrar sua alma gêmea. Você sempre me diz, Louis, que tenho faro para edição. Pois meu faro me diz que Roland Riggs deixou parte de sua mente numa fazenda do Maine.

Estou entediada a ponto de perder a minha. Mente, digo.

E a empregada dele está tentando me matar. Com pimenta. Daqui a alguns dias terei uma úlcera supurada.

É sério, eu juro, Saudade,

Cassie

Capítulo VII

Com um suspiro de alívio, cliquei em "Enviar". Minha mensagem a Louis agora ganhava o espaço cibernético e pousava no computador da mesa dele. Só seria lida na manhã seguinte. Bem Dedo, aliás. Louis não era notívago. Desde que adotara o hábito de pescar, saía de madrugada de seu apartamento, devidamente equipado, enquanto a maioria dos seres humanos ainda ressonava profundamente. Eu sabia que Louis não conseguia dormir bem desde a morte de Helen. Cochilava à frente da tevê e esperava com ansiedade pelo amanhecer. Espantava os pesadelos com vara e anzol, depois se arrumava e ia para a editora.

Periodicamente, alguma colega de trabalho tinha a brilhante ideia de arranjar companhia para Louis. Isso me aborrecia. Além de ter hábitos detestáveis, tais como consumir comida chinesa fria no jejum e trabalhar descalço, exibindo os pés feios —, ele geralmente falava alto demais. Poderia assustar qualquer namorada em potencial. Ninguém negava suas inúmeras qualidades, mas Louis não estava aberto a um novo envolvimento. Nem nunca estaria.

Você está aí?

Sentada na frente do laptop, pensando em Louis e Helen, meu devaneio foi interrompido pela mensagem instantânea que surgiu no monitor. Um ano antes, Michael e eu tínhamos instalado em nossos computadores o ICQ, para nos comunicarmos na eventualidade de não poder usar o telefone. Mas tanto eu quanto ele só usávamos o ICQ para falar um com o outro, com ninguém mais.

Sim.

Por acaso já se apaixonou por ele? Por quem?

Pelo escritor misterioso.

Não, não me apaixonei nem vou me apaixonar.

Graças à tecla "Enter", minha resposta zarpou para Londres. Não havia nem haveria amor entre mim e Roland Riggs, mesmo deixando a questão da idade à parte. Sabia que, naquele mês, os jantares e as noites se repetiriam com monotonia, enquanto eu deglutiava quatro ou cinco pastilhas antiácidas por dia.

Bom. Então eu ainda tenho chance, Cassie. Sei que nosso namoro se resume a palavras, uma espécie de dança de acasalamento que já dura anos.

Chegou a hora de consumir a relação, de unir nossos corpos, além dos corações. Pense nisso. Quando jovem, todas as minhas conquistas amorosas foram do tipo rápido, fogo de palha. Uma gemada e...

Houve uma pausa na transmissão.

Apague isso. Um gemido. Um último toque nos seios da garota, um beijo forçado dentro do carro. Mas eu amadureci, e minhas técnicas de sedução, modéstia à parte, se aperfeiçoaram. Aprendi muito sobre ritmo, paciência e cumplicidade durante a dança (aliás, adorei esse eufemismo). Também aceitei arriscar-me emocionalmente.

A transmissão instantânea tinha a vantagem de não comportar censura na expressão dos pensamentos. Imaginei Michael digitando no laptop, reclinado na cama, provavelmente nu, talvez tocando-se intimamente. Era noite em Londres. Ele também tinha dificuldade para dormir.

Dance comigo, Cassie. Podemos ir de uma valsa a um scherzo alucinante, entre gritos de prazer. Uma combinação perfeita. E você sentirá, Cassie, que enquanto o sol nasce aí onde você está, ele se põe em Londres. O mesmo sol, mas duas metades. Não duas metades, mas o mesmo horizonte, apenas um.

Dance comigo esta noite.

Suspirei profundamente.

Michael, posso ouvir a música, mas você sabe que eu não danço. Só ocasionalmente, em festas ou quando bebo. Tempos atrás, cheguei a sapatear em cima de uma mesa de boate. Claro, você me propõe outro tipo de dança, mas é pedir demais de mim. Como acreditar que não me deixará cair, enquanto me segura e conduz? Vamos continuar cultivando o mistério do sol, que brilha e desaparece ao mesmo tempo, on-line como nós. Acho que você está angustiado por não poder falar comigo por telefone. Voltarei logo para casa e poderemos retomar a dança, qualquer que ela seja.

Pressionei "Enter" e Michael respondeu como um raio.

Não estou angustiado. Conte-me o que está vestindo.

Para não enganá-lo, ou iludir a mim mesma, ergui-me e tirei o jeans e a camiseta. Soltei o sutiã, que caiu no chão.

Não estou usando nada agora, Michael. Sou toda sua.

A tela ficou escura. Esperei pela reação dele.

Fico maluco de tesão quando imagino você nua, Cassie. Quero sentir você por inteira. Começaria pela nuca, pela curva do ombro, depois sugaria seus mamilos e desceria a boca até suas pernas e a pousaria bem no meio delas, seu abrigo natural. É o que quero e sempre quis, desde o momento em que iniciamos nosso contato.

Digitei de volta:

Pois eu penso em como você está rijo e latejante, Michael. Deliciosa fantasia, em vez da entrega e da posse. Melhor do que se um ato de amor de verdade ocorresse entre nós. Você realmente quer que fiquemos velhos juntos, odiando a visão decrépita um do outro? Gostaria de me ver à mesa e concluir que a emoção, a excitação, acabaram? Porque é isso o que acontece entre os casais estáveis, Michael. A marcha do tempo. Prefiro uma fantasia duradoura do que a triste realidade.

Aguardei a resposta.

O amor não é um frêmito de volúpia e de umidade entre as coxas. Vale o que se tem entre as orelhas, em cima do pescoço. Quando a possuir, Cassie, quero possuir não só o seu corpo, mas sua mente também.

Ora, Michael, se é assim que você se sente, por que nunca veio aos Estados Unidos, à Flórida, nesses cinco anos? Por que se recusa a falar sobre seus problemas, suas decepções, suas bebedeiras? Sim, porque você já falou comigo embriagado, muitas vezes. Talvez depois de algum encontro frustrado com alguma mulher, não sei. Mas quer conservar a imagem ideal que eu criei de você. Mas eu responderia às suas dúvidas, caso não tivesse medo de perguntar. Então, e só então, poderíamos discutir nossa dança, até mesmo um tango. Por enquanto, dançamos na corda bamba, sempre temendo cair.

Mande a mensagem e aguardo de novo. Os minutos se escoavam. Durante nossos anos de correspondência eletrônica, ele jamais admitira qualquer compulsão pelo álcool. Também nunca mencionara se estava ou não dormindo com metade das mulheres livres de Londres.

Então a resposta dele formou-se em meu monitor.

Às vezes eu bebo, mas não sou alcoólatra. Gostaria de poder explicar por que evitei viajar ao seu encontro, na América. É uma longa história, mas, asseguro, nada do que você possa pensar. Agora, quando receio que você caia nos braços de outro homem, devo pôr meus temores de lado, contar todos os segredos e finalmente dançar com você. Apenas me tire uma dúvida: algum dia, por um simples segundo, você considerou a hipótese de me amar?

Era minha vez de fitar o teclado, assombrada. Apanhei mais um comprimido antiácido. Mastiguei. Engoli.

Sim. Mas isso não significa nada. Apaixonei-me por galãs de cinema, cantores, tive paixões de juventude e todos os relacionamentos deram errado, a ponto de eu passar a evitar até mesmo parceiros de uma só noite. Cheguei a me casar, Michael, mas essa história fica para outra vez.

Conte-me.

Não. Você fez sua pergunta e eu respondi. Deixemos para dançar outra noite. Agora, é hora de dormir.

Ele ainda tentou seduzir-me através do oceano que nos separava.

Então, sonhe comigo. Sonhe comigo agarrando você, acariciando-a e fazendo amor.

Acho que irei sonhar com crocodilos enormes a me perseguir.

Não compreendi.

É uma longa história, Michael. Bom dia.

Boa noite. Falaremos mais tarde. Se quer saber, acho que você tem medo de dançar.

Às vezes, gostaria de não ter receio dessa dança íntima que você me propõe.

Desliguei o ICQ. Temia ler a resposta de Michael. Racionalmente, não queria sonhar com ele, muito menos desejá-lo. Deixei que a brisa noturna me arrepiasse a pele nua, através da porta aberta da sacada. Olhei para a cama, ainda arrumada, sobre a qual eu colocara o pijama que Louis comprara para mim. Passei o tecido sedoso pelas pernas, pelo peito, de maneira sensual. Meu coração disparou.

Aquele fim de dia não era diferente de tantas outras noites. Tudo sempre igual. Procurava me excitar um pouco, depois relaxar o suficiente para adormecer. Ou trabalhar até cair exausta.

Uma vez rendida ao universo de símbolos descrito por Jung, meus sonhos giravam invariavelmente em torno de grandes crocodilos que me perseguiram em túneis subterrâneos. E Michael Pearton? Sonharia com ele algum dia?

Ao deitar-me, senti uma queimação no estômago.

Não seria fácil correr e fugir dos habitantes dos meus sonhos.

Capítulo VIII

Dinheiro! Muito dinheiro! A noite de terça-feira foi igual a da segunda e, certamente, se repetiria na quarta. Eu estava sentada no sofá da sala, entre Roland e Maria, vendo A Roda da Fortuna, programa de prêmios para quem formasse palavras a partir de uma letra sorteada. Os dois comentaram o figurino de Vanna White, a apresentadora. Descobri que Roland gostava de vestidos longos, enquanto Maria aprovava a saia curta de Vanna, toda bordada com lantejoulas. Eles também discordaram a respeito do penteado da moça. Roland preferia os cabelos soltos, levemente ondulados.

— Isso favorece o rosto, deixando-o mais jovem.

— Não, não, sr. Riggs. Os cabelos ficam melhores quando presos para cima. Não acha, Cassie?

— Para cima, para baixo... São os mistérios da condição feminina. Mas concordo com Maria neste caso.

— Já que discutimos os mistérios da condição feminina — interveio Roland —, por que será que Vanna White parou de girar a urna com as letras?

Voltei minha atenção para ele, antecipando outra controvérsia idiota. Maria, ao contrário, mostrou-se animada ao me explicar o que acontecia.

— Ela costumava rodar a bola iluminada com as letras, que caíam por uma fenda. Agora, Vanna apenas toca a urna, as luzes disparam, girando, e a letra cai. A urna não gira mais, apenas é tocada. Mas o sr. Riggs diz que, com isso, o trabalho da apresentadora se tornou menos importante.

Menos importante tocar a urna do que rodá-la? Minha vida, decididamente, tinha se tornado um filme ruim.

Naquela manhã, eu havia perguntado a Roland sobre o original.

— Logo o terá. Prometo.

De noite, às vezes eu escutava Roland trabalhando em seu escritório, até altas horas. A impressora expelia páginas e páginas, provavelmente destinadas a mim. Menos mal, ponderei. Pelo menos, o livro existia.

Após A Roda da Fortuna, entrou outro programa de prêmios, chamado Perigo! Alex Trebek apresentava quatro opções para o candidato responder a perguntas progressivamente mais difíceis, com prêmios cada vez mais altos. Roland se mostrou imbatível também nesse jogo e logo de início passou dos mil dólares. O que fazia ali, perdido numa pequena ilha, o homem que poderia se tornar o queridinho de Nova York, impressionando tanto Vanna White quanto Alex Trebek?

Na quarta-feira à noite, enquanto Alex perguntava sobre as origens do mito de Afrodite, a deusa grega do amor, o telefone tocou. Foi estranho, porque nos cinco dias em que eu estava na casa de Roland Riggs não tinha havido uma única ligação.

Roland olhou para Maria, indeciso, e ambos me fitaram.

— Bem, não vai atender? — questionei.

O escritor ergueu-se e cruzou a sala até à mesinha do telefone. Bastou um segundo ao receptor para ele me encarar de novo.

— É para você.

Fui ao telefone sabendo que perderia a preciosa informação sobre as origens de Afrodite.

— Alô?

— Srta. Hayes? E Carla Waters, de Stratford Oaks. Meu coração quase parou. Apertei o receptor com a mão, até suar.

— Meu pai está bem? — balbuciei, preocupada.

— Sim, está. Lamento incomodá-la, mas em sua lista de emergência constava o número de Louis O'Connor, o ele me informou onde você estava.

— Louis?

— Sim, eu lhe disse que tínhamos uma situação aqui, por isso me deu o número.

"Situação" era a palavra usada por assessores quando uma guerra nuclear tornava-se iminente: "Sr. Presidente, parece que temos uma situação aqui".

— Conte-me o que está havendo, Carla.

— Sua mãe esteve aqui.

— Minha mãe? Oh, Deus! Ela perturbou meu pai?

- Acho que não. Segundo a enfermeira Kathy, ele continuou bem depois que ela se foi. Parece que nem percebeu que estão... divorciados. Você nos pediu para barrar

qualquer ligação telefônica para Jack, mas não falou nada sobre visitas. Foi por isso que sua mãe passou pela recepção e ficou uns dez minutos com ele.

— Oh... Ela... Minha mãe vigia meu pai como um abutre, esperando que ele morra.

Pelo canto do olho, vi que Roland me observava, abrindo mão das respostas ao programa de tevê.

— Não compreendo — disse Carla.

— A questão é dinheiro. Vivo dizendo que minha mãe terá de esperar muito até que Jack morra e ela possa pôr as mãos na herança dele. Para ser franca, eu não conto com o dinheiro de Jack. Prefiro que ele gaste tudo em Stratford Oaks, para ser bem cuidado.

Carla Waters, uma bela afro-americana de sorriso fácil, que empolgava os velhinhos internados na casa que administrava, devia ter presenciado vários naufrágios familiares e disputas por bens materiais entre avós, filhos e netos.

— Por favor, impeça a entrada de minha mãe se ela tentar de novo. Vou ligar para ela e avisar. Telefone amanhã para mim e confirme se meu pai está bem.

— Pode deixar. Lamento que tenha acontecido.

— A culpa não foi sua.

— Seu pai é um homem doce. Ele tem sorte por poder contar com você.

— Minha sorte é muito maior por tê-lo como pai, Carla.

Despedimo-nos e notei que minha mão ainda estava fria, como se retirada diretamente de um balde de gelo. Depois senti uma queimação no estômago. Não sabia e era raiva ou o tempero de Maria.

— Roland, vou lá fora um pouco — comuniquei. — preciso de ar.

— Tudo bem, ficarei aqui vendo televisão.

Na praia, imersa na escuridão, debati-me contra um diálogo imaginário, destinado a agredir minha mãe.

Você não é uma mãe. É uma escultura de silicone e colágeno.

No entanto, eu jamais poderia ofendê-la efetivamente, pois isso implicaria em que ela se importava com o que eu pensava, o que não era o caso. Ela se preocupava muito mais com a próxima lipoaspiração ou o lifting no rosto. Cuidava também de imaginar quem lhe pagaria o novo bracelete de diamantes.

— Estou me intrometendo? — A voz grave de Roland soou atrás de mim.

— Não, fique à vontade. Acho que você já tomou conhecimento de minha trágica história familiar.

— Em parte. Por que diz que sua mãe é como um abutre à espera que seu pai morra e lhe deixe a herança? O que a faz pensar assim?

— Porque é verdade. Ela abandonou meu pai e a mim quando eu era pequena. Tinha só seis anos e ainda não ia à escola, pois minha genitora estava mais interessada em alta moda, endereços elegantes e reuniões sociais do que em ser uma boa mãe. As amigas, ela dizia que eu era limítrofe.

— Limítrofe?

— Retardada, deficiente. Eu não sabia ler nem escrever. Precisei de uma professora particular quando meu pai finalmente me matriculou na escola. Fiquei morando com ele depois que ela partiu para o terceiro casamento.

— Medida de sabedoria.

— De salvação, eu diria.

Alguns pequenos caranguejos se faziam ouvir, arrastando-se na areia.

— Seu pai está doente?

— Sofreu um leve derrame cerebral, mas o problema agora é mal de Alzheimer.

— O que vai dizer a sua mãe, quando ligar para ela?

— Não sei.

— Sabe, meus cunhados me odiavam, antes de Simplesmente Simon decolar e me render dinheiro suficiente para ter uma boa casa e uma vida tranquila com minha esposa. Achavam que eu não prestava, que era vagabundo por não ter emprego fixo.

— Você nunca protestou contra eles?

— Só depois do enterro de Helen. Disse-lhes que ela costumava ficar acordada, chorando a noite toda, porque os parentes não gostavam de mim. Deixei claro que Helen e eu éramos almas gêmeas, para além da morte, e que a atitude deles não passava de despeito, inveja e ciúme.

— Fez muito bem!

— Penso que sim. Mas sofri por longos anos, até descobrir que podia atingir os outros por meio das palavras. Agora, optei por não fazer mais isso. Maria me ensinou.

- Ensinou-lhe a ser bondoso?

- Digamos que sim. Ela me envolveu no seu amor pelas plantas, pelos animais, na sua própria meiguice. Basta-me saber que sou capaz de ferir as pessoas. Renunciar a isso é um ato de coragem e de redenção. Você leve saber bem.

— Não faço parte de seu time, Roland.

Ele acercou-se e pousou a mão em meu ombro.

— Não é verdade. Você passou a vida sabendo que era a melhor, mais inteligente e mais sensível do que a maioria das pessoas ao seu redor. Por isso é que você não tolera A Roda da Fortuna. Sua pele se arrepia cada vez que um candidato não consegue acertar as letras e formar uma palavra boba. Aquele programa é uma metáfora da vida, Cassie.

Sorri, à falta de uma reação mais consistente.

— Devo gostar das tolices? — perguntei.

— Talvez. Mas nunca as subestime.

— Não compreendo você, Riggs.

— Tudo bem, Hayes. Acabará compreendendo.

Ele voltou-se para reentrar na magnífica casa, exemplo concreto do que o talento e o brilhantismo podem comprar. Fez uma pausa no meio do caminho.

— Amanhã terá o original. Descobri que você conhece a dor do sofrimento.

Com isso, Roland Riggs caminhou atentamente sobre a areia, a fim de não ferir nenhum caranguejo.

Capítulo IX

Na manhã seguinte, pouco antes do meio-dia, decidi verificar a caixa postal do meu telefone na editora. Conforme o caso, ponderei, poderia beber um vidro inteiro do molho mais forte de Maria, a fim de combater minha infelicidade.

Alô, Cassie. Aqui é Martin Morris III. Recebeu meu original, intitulado "A Vida Secreta de uma Mulher Barbada"? É uma história passada nos bastidores de um circo, um caso de amor entre o palhaço e a mulher barbada. Como sabe, sou descendente de uma tradicional família circense, e tudo no livro é real. Telefone-me, por favor. Obrigado.

Bestseller 061 – No ritmo da paixão – Erica Orloff

A sedutora voz gravada me avisou que eu poderia teclar o número nove para salvar a mensagem, sete para apagá-la por toda a eternidade. Martin Morris III? Apertei o sete.

Cassie? Jane Marchand. Ouça, nunca mais quero dar uma tarde de autógrafos naquela rede de mega-livrarias. Você sabe qual. Estive ontem lá, e eles nem mesmo tinham preparado uma mesa para mim. Improvisaram, e depois aconteceu o pior: faltaram livros. É possível? Senti-me idiota, nunca fui tão destratada. Enfim, risque o nome desse pessoal de sua próxima programação de lançamentos. Um abraço.

Outra vez agradei pela existência da tecla sete.

Cassandra Hayes? Donald Seale, da Revista Conversações. Estou em Sanibel, no Hotel-Estância Sundial. Somos praticamente vizinhos. Preciso falar urgentemente com você, a respeito de Roland Riggs. Favor retornar a ligação.

Ele deu o número. Fiquei sumamente irritada. Como o repórter literário descobrira onde eu estava? De novo deletei a mensagem.

Aqui é Harry. Gostaria de conversar com você sobre o comentário que escreveu à margem do capítulo seis, dizendo que a personagem Lucy não é convincente. Discordo. Lucy é obcecada pelo herói do livro, acredito que seja totalmente autêntica. Pretendo deixar o texto como está, depois discutimos.

Harry escrevia romances policiais a respeito de um Investigador alcoólatra e das mulheres que o assediavam. Todas tinham peitos imensos e mais curvas do que a estrada da Costa do Pacífico. Avaliei que ele se repetia muito, com aquela fixação em "mamilos duros" e "nádegas arrebitadas". A série de livros havia começado com a visão inovadora de um detetive amargurado, mas agora caía no clichê e no tédio.

Tecliei nove até que pudesse formular uma resposta adequada ao escritor.

Cassie, aqui é sua mãe. Fui visitar seu pai e ele não me pareceu bem. Não sei onde você está, mas aguardo sua opinião, no telefone de Palm Springs. Acho que não ligará de volta, porque age como se aquele homem fosse Deus. Sou sua mãe, Cassie, e tenho o direito de saber o que está acontecendo com ele. Você pode pensar que é por puro interesse material, mas...

Dispensei o teor restante da mensagem. Fiquei apertando a tecla sete até o nó do meu dedo ficar branco.

Cassie, é Michael. Só queria ouvir sua voz, ainda que por meio de uma maldita máquina.

Meu coração se acelerou como a batida do rock estilo discoteca que pulsava constantemente no aparelho de som de Roland Riggs.

Anseio por uma ligação sua. Desconheço com que famoso autor você está trabalhando, mas simplesmente não consigo terminar meu livro sem você.

Não quero, na verdade. Não vou escrever uma só palavra nova antes de você telefonar. Estou segurando minha respiração, se quer saber.

O silêncio subsequente me preocupou. A mensagem não terminara.

Ouviu como retenho o fôlego? Você não iria gostar de me ver nos jornais sensacionalistas de Londres, nu e morto na cama. Falariam de infarto fulminante, quando realmente eu teria morrido de paixão por minha bela editora. Vou segurar de novo a respiração. E melhor você me ligar.

Salvei a mensagem, mas escutei um bip e a mesma voz retornou na gravação seguinte.

Michael de novo. Prender a respiração até morrer é muito difícil, Cassie. Farei greve de fome. Vou deixar todo o resto de lado e beber apenas martinis. Só álcool, nada de comida. Por favor, telefone.

A voz dramática e o sotaque britânico de Michael me causaram arrepios. Sentei-me à mesa e passei uma manta sobre os ombros. Sorri ao pensar que, se ele ao menos consumisse as azeitonas que acompanhavam os martinis, não morreria de inanição.

Era hora de ligar para Louis e explicar que eu ainda não tinha visto uma única página do novo livro de Roland Riggs. Mas ele havia prometido permitir uma olhadela, logo.

— Enquanto isso, o que você tem feito? — meu chefe perguntou. — Fica sentada tomando pina colada o tempo todo?

— Tomando antiácido.

— O quê?

— Por causa da comida mexicana, como lhe contei por e-mail. Faço um revezamento entre os temperos e pastilhas de Maalox. Já lhe disse que Roland Riggs não sai do sofá, à noite?

— Por quê?

— Vê televisão. Programas de charadas ou perguntas e respostas. O homem é uma enciclopédia, Louis. E lá fica ele, com a empregada, tentando descobrir qual a profissão de nove letras que começa por "a".

— Arquiteto?

— Puxa, você também é bom, Louis.

— Pode ser uma mania inocente, Cassie, que não prejudica o trabalho de Roland. Lembra-se de Tawny Philips?

— A mulher que rabiscou um livro inteiro em guardanapos de restaurantes, contando os segredos de alcova em Washington? Como poderia esquecer?

— Eu também não. O livro foi um sucesso.

— Sim, mas depois ela nos trocou por outra editora e a segunda obra fracassou.

— Claro, ela não tinha você para arredondar o texto.

— Está bem. Vou lapidar o original de Riggs, não importa o quanto seja ruim.

— E se for bom? — A voz de Louis trepidou.

— Minha mãe esteve em Stratford Oaks, certamente para avaliar o estado de saúde de meu pai.

- Concordo que ela seja uma sem-vergonha, Cassie, não permita que ela a deixe maluca.

- Já estou maluca, Louis. Quero passar minhas férias inteiras cuidando de Jack. Contei-lhe que fiz uma doação para a Casa de Assistência a Idosos? Doação Mínima, claro.

- Você é realmente insana, Cassie. A quanto sua Mine tem direito na herança? Quinze por cento? Parece que você está torrando os bens que seu pai e quer deixar para você, só para prejudicar sua mãe. — Exatamente.

— Você é a menina mais teimosa e...

— Eu sei, Louis. Tenho de ir agora. Beijos e abraços. Eu amo você.

Aventurei-me até a sala de refeições da casa principal. Havia dispensado o desjejum de Maria e dormido além da conta. Depois, tinha ido de carro a uma lanchonete e consumido dois hambúrgueres com fritas, na esperança de evitar mais um almoço à base de empanadas e burritos apimentados.

Como esperava, Maria estava pondo a mesa, com travessas de algo vermelho, rodeado de tomates e molho chili.

- Com fome? — ela perguntou assim que me viu.

— Não. Vou a uma loja e, na volta, penso em trabalhar com Roland no livro dele, finalmente.

Ele é o homem mais inteligente que conheço. E o mais gentil.

Maria adicionou temperos aos pratos, com uma familiaridade que talvez poucos gourmets tivessem visto..

— Todos os anos, no dia 22 de junho, ele me leva a melhor restaurante de Sanibel.

— Seu aniversário? — Fiquei curiosa.

— Não, é aniversário do dia em que comecei a trabalhar para ele. Mas ele também não se esquece do meu aniversário. Sabe aquele fogão moderno, cheio botões, na cozinha?

Balancei a cabeça afirmativamente.

— Foi presente dele. Levou-me à loja e pediu para eu escolher o que quisesse, o melhor.

— Muito simpático da parte de Roland — comentei.

— Eu nunca tive o melhor. De nada na vida. Agora — Maria bateu três vezes no tampo da mesa —, posso morar aqui até morrer.

— Entendo. E você também gosta de cuidar dos animais de Roland.

— Na verdade, o sr. Riggs não tinha nenhum animal de estimação, até eu chegar. Nem animais, nem plantas, nem flores. Eu lhe disse, no primeiro dia, que isso era ruim, que gostaria de criar algum bichinho e de cultivar verduras e legumes frescos. Eliminei as latarias e plantei uma horta, para usar apenas alimentos frescos. O patrão merece.

Bem, o guru do programa A Roda da Fortuna e dos Bee Gees era simplesmente um escritor premiado com o Pulitzer, mas também um viciado em pastilhas antiácidas, incapaz de magoar sua fiel cozinheira pedindo uma comida mais leve.

Eu estava pensando nisso quando a multifacetada celebridade entrou.

Sem almoço hoje, Maria. Eu e Cassie vamos trabalhar.

— Jantar mais cedo, então — disse a mexicana. — Em todo caso, vou deixar na mesa uma travessa de burritos. Seus favoritos.

Favoritos? Roland relanceou o olhar para mim, que conhecia o segredo de seu paladar, mas em seguida meneou a cabeça para Maria. - Esplêndido. Tomou-me pelo braço e me conduziu ao jardim.

— São verdadeiras fogueiras para a garganta.

Ele riu e continuou me escoltando, em passadas largas. Deduzi que o suposto trabalho não passava de desculpa para escapar da refeição em casa.

Naquele dia, Roland vestia calça jeans e uma camiseta com a estampa do gato Garfield. Parou em frente a garagem, cuja porta abriu por meio de controle remoto, e descortinou-se aos meus olhos um Cadillac conversível.

— Uma beleza fabricada em 1966 — anunciou com orgulho. — Repare nos cromados.

Era um lindo carro, sem dúvida, mas tão prático e funcional quanto o meu. As partes cromadas brilhavam sobre o chassi azul-escuro. Em nova esquisitice comunicou-me que o automóvel tinha nome — Ethel — e que pertencera a sua esposa.

— Vê esse par de frisos laterais? Maxine os ganhou numa quermesse.

Sentei-me no banco do passageiro. Lentamente, Roland assumiu o volante, ligou o motor e saiu para a ensolarada estradinha da Flórida.

— Faz tempo que não damos uma volta, Ethel.

Parecia uma cena surreal, mas o consagrado escritor bateu carinhosamente a mão no painel. Assim, Roland Riggs, Ethel e eu rumamos para a estrada de Periwinkle, em busca de cerveja e comida normal.

Capítulo X

Roland estacionou na frente de um bar na praia e logo ocupamos um banco rústico na cobertura de sapé de um quiosque em plena areia. Contemplávamos as ondas quando um homem corpulento, grandalhão, acenou para Roland, com um sorriso radiante no rosto bronzeado.

— Rollie! — gritou. — Já vou mandar alguém aí.

— Rollie? — Ergui as sobrancelhas.

Patético, não? Soa como um brinquedo de criança. A bola Rollie, o ursinho Rollie. Não combina comigo.

— Então, peça a ele que o chame de Roland.

— Pensei nisso, mas esse homem me assusta. — Olhou de longe para o proprietário do lugar. — Tenho medo que ele reaja com violência.

— Por que diz isso?

— Dê uma olhada. O homem deve ter cem quilos só de músculos, usa camisa florida e óculos escuros. O próprio perfil do mafioso.

Eu ri do comentário, obviamente injusto, embora reconhecesse que Roland estava fazendo graça para me divertir. Uma jovem atendente, de short e camiseta apertada, acercou-se do quiosque trazendo um balde com gelo e as costumeiras cervejas alemãs de Roland. Duas garrafas, dois copos.

— Nem perguntei se você preferia outra bebida. Pina colada, por exemplo.

— Tenho o tipo de quem toma refrescos tropicais? — perguntei, empunhando o abridor para me servir.

— Não! Mas além de café, o que mais apreciava beber?

— Uísque Bourbon e tequila.

— Parabéns. Maxine bebia pouco, apenas socialmente, e quando o fazia não abria mão de um uísque. Às vezes pedia uísque sour, com limão espremido. Brincávamos de esgrimir com aqueles palitos compridos de plástico que vinham no copo.

Imaginei a cena, sem deixar de notar a expressão triste de Roland ao recordar a esposa. Ainda era um homem bonito, com os olhos expressivos de um adolescente. Mas o brilho intenso revelava algo inexistente em um jovem: a dura experiência de vida. Quando ele mencionou a simulação de uma luta de espadas, o que vi foi uma pessoa que tinha envelhecido antes do tempo.

— Meu pai também gostava de uísque sour.

— Ouvi falar muito dele — confessou Roland. — Foi na época do lançamento de *Simplesmente Simon*. Os editores me mandavam de uma sessão de lançamento para outra, me cansaram a ponto de eu decidir impor minhas próprias regras. Sem entrevistas. Sem autógrafos. O livro teria de fazer sucesso por si mesmo, por seu valor. Mas seu pai... Penso que poderia ter tido uma discussão séria com ele.

— Você não teve uma com Louis, em Key West? Ele vive contando a história.

— Sim, mas faltou um bom conflito de ideias. Louis eu concordamos em quase tudo.

- Melhor assim, não acha? Fale-me de seu novo livro.

— É uma história de amor.

— Boa escolha.

— E também é um poema.

Quase deixei cair o copo de minha mão.

— Um poema?

— Sim, um poema de amor.

— Um único poema? — Custava-me acreditar.

— Algo na tradição de Chaucer, um longo poema épico.

— Entendo. Longo até que ponto? — perguntei, enquanto mentalmente eu imaginava o fiasco de uma obra que os antigos fãs de *Simplesmente Simon* não suportariam ler, assim como os críticos menos pacientes.

— Você precisa de outra cerveja. — Roland abriu a segunda garrafa e abasteceu meu copo. — O livro tem setecentas e noventa e duas páginas.

Meu coração disparou de susto, e meu estômago se contorceu. Então perguntei:

— Você tem aí uma daquelas pastilhas antiácidas?

— Não faça nenhum julgamento antes de ler — alertou-me Roland, passando-me um Maalox.

— Estou tentando ficar calma — assegurei, ao mastigar o agora familiar remédio com gosto de giz e frutas.

Acho que uma bela úlcera cresce dentro de mim,

— Roland. Quando vai dizer a Maria que ela está nos matando com seus temperos? Francamente, sou incapaz de comer os pratos dela, depois de tomar cerveja alemã e saber que herdei um poema de quase oitocentas páginas!

— Maria faz mais comida do que eu posso consumir, por isso eu joga parte fora ou dou para os gatos. Mas ela cozinha com carinho, além de cultivar frutas e verduras deliciosas, que eu adoro. Não posso reclamar, pois Maria apenas exerce e oferece seu dom. Não sabe fingir, falsificar nada.

— Não fingiria um orgasmo? — ousei perguntar.

— Creio que não.

Sinalizei à garçonete e, quando ela veio, pedi duas tequilas. Voltei-me para Roland.

— Pois eu aprendi a me bastar sozinha, Roland. A última vez que tive uma vida sexualmente ativa foi quando eu ainda morava em Nova York. A não ser que você considere válido o sexo por telefone.

— Não considero, mas estou curioso sobre suas histórias pessoais. Na verdade, não compreendo como as mulheres conseguem reprimir os instintos ou, às vezes, fingir o orgasmo.

— Por preguiça. Ou porque o parceiro não corresponde às necessidades dela. Ou porque elas não querem ferir os sentimentos do homem.

Os olhos azuis de Roland se estreitaram. Ele me passou meio copo de cerveja, enquanto as tequilas não chegavam, e minha mente passou a vagar em território nublado, num estado de pré-embriaguez.

- É uma dádiva — murmurei.

- Perdão, não entendi.

- O falso orgasmo é um dom que as mulheres usam para agradar os homens. Não conseguem rejeitá-los em definitivo, por isso lhes dão essa espécie de presente. Comer as iguarias mexicanas de Maria é como ter um enorme e falso orgasmo gastronômico.

Era uma explicação bizarra, mas pareceu deixá-lo satisfeito. Ele mantinha uma relação culinária masoquista com sua fiel Maria.

Do bar, veio o som de um clássico das discotecas, num ritmo contagiante.

— Vamos dançar — Roland propôs subitamente.

— Aqui? Faz muito tempo que eu não danço. — Tentei esquivar-me.

— Vamos! — ele insistiu, puxando-me pela mão. Começamos a balançar o corpo na versão ridícula de uma valsa de formatura: dois passos para cá, dois para lá, sem nada a ver com a música.

— Pode me ensinar a dançar, Cassie? Estilo disco.

— Não agora, neste calor. Não antes de tomar duas tequilas. Mas duvido que possa ser uma boa professora. Paz muitos anos que não vou a uma danceteria.

— Prometa-me. Amanhã à noite.

— Prometer o quê? Ensiná-lo a dançar? Posso tentar. Agora, vamos nos sentar?

Retornamos ao banco de madeira e alternamos a conversação com um silêncio amistoso. Roland provou da minha tequila, aumentando a dose de limão e sal. De pois, pediu mais cerveja. Em certo ponto, o diálogo centrou-se em Michael Pearton.

— É muito talentoso — comentou o escritor, entre dois goles. — Não tanto quanto eu, na minha juventude. Mas ele é bom.

Recolhi duas pedras de gelo do balde e pressionei-as contra as têmporas. Péssimo sinal, sofrer um princípio de ressaca enquanto ainda se está bebendo.

— Ele acredita que me ama.

— E?

— O amor é algo complicado para mim, no momento.

— Quando ficará menos complicado?

— Nunca.

— O que você sente por ele?

— Nós não nos conhecemos pessoalmente. Falamos por telefone e mantemos correspondência virtual. Sexo por telefone é perfeito. Descomplicado.

— E se Michael quisesse mais que isso?

— Ele já considera impossível continuarmos assim, mas eu acho que está perfeito. Claro e simples.

— Nada é perfeito, Cassie, nem é para sempre. São duas verdades da vida.

Avaliei as verdades de Roland. A claridade da tarde desaparecia sob nuvens muito brancas. Continuamos bebendo e conversando até cerca de cinco horas, quando o tanque militar de cem quilos de músculos aproximou-se de nós, pestanejando.

— Vou chamar um táxi para você, Rollie. Deixe Ethel aqui. Darei um jeito de entregar seu carro em casa.

Sem discutir, Roland passou-lhe as chaves e eu deitei a cabeça na mesa do quiosque. O escritor me bateu no ombro, incerto se eu estava dormindo ou desmaiada.

— É o calor — murmurei com a voz pastosa. — Preciso de café. Bebi mais álcool do que café, por isso derrubei. Você me arrumaria uma xícara?

— O táxi chegou. Tome o café em casa, tanto quanto quiser.

No trajeto, senti a cabeça girando, o corpo inerte.

— Não vou querer jantar — avisei.

— Deveria comer, pelo menos um pouco. Maria ficara aborrecida se você recusar todos os pratos.

— Quem é o chefe da casa, afinal? — irritei-me.

— Qualquer homem que acredita que pode viver com uma mulher e não ser controlado por ela é um tolo.

A mexicana esperava na porta, com duas canecas de alguma bebida que, certamente, era um poderoso antídoto contra a ressaca. O gosto combinava alho, limão e suco de repolho. Meu estômago pareceu embrulhar e com dificuldade que engoli aquela gosma.

— O jantar está pronto — ela anunciou, orgulhosa do dever cumprido.

À visão e ao aroma da mesa posta com travessas de tacos e tamales, concluí que, se eu sobrevivesse à embriaguez, morreria de alguma espécie de congestão causada pela comida de Maria. Comi o mínimo possível, enquanto Roland conversava com a mexicana sobre os canteiros, a horta e as novas ervas aromáticas que pretendia cultivar, após consulta aos livros de botânica. Ele parecia mais animado depois das cervejas consumidas no bar da praia. Para meu espanto, recordei-me de que ele não havia procurado o banheiro nem uma só vez. Era de impressionar. Ou de ter medo.

Depois do jantar, pedi licença e fui para meu quarto, na casa anexa.

— Sinto muito, hoje não vou ver A Roda da Fortuna.

— Que pena, srta. Cassie — Maria comentou, sorrindo apesar dos olhos hostis.

— Enfim... — Senti a língua espessa.

— Bem, leve meu livro para começar a leitura. Roland saltou da cadeira, subiu e voltou rapidamente com um volumoso livro.

— Provavelmente é mais fácil ler de noite do que pela manhã — ele recomendou.

— Um poema! Louis terá um ataque, quando souber.

— Mas também poderá gostar.

— Mas será uma surpresa. E como se Danielle Steel escrevesse um tratado sobre a política americana no Oriente Médio.

— Percebi a ironia, Cassie. Mas espero que você admita que não existe perfeição e que, mesmo assim, está tudo bem.

— Como assim?

— A imperfeição humana. O amor nunca é perfeito. Mas justamente por isso se trata de amor.

Segurei o pesado poema e, com uma sensação de tragédia mesclada a uma onda de náusea, corri para meu refúgio. Ali, tomada de ansiedade, abri a pasta e li a primeira página. Era impossível adiar, não a leitura, mas a corrida ao banheiro, onde me ajoelhei diante do sanitário. Ao sentir-me melhor e lavar o rosto, voltei a raciocinar.

Meu coração estava aos saltos. Meu cérebro fervilhava. O que eu ia dizer a Louis?

Capítulo XI

— Alô, é Donald Seale de novo, da Revista Conversações. Você não retornou minha ligação, mas sei que está hospedada na residência de Roland Riggs. Sugiro que telefone para mim, no meu hotel. A reportagem que estou escrevendo sobre Riggs supera tudo o que você possa imaginar. Talvez queira comentá-la."

Rabisquei o número do hotel de Donald, enquanto enfrentava uma terrível ressaca. Tão terrível que, em desespero, talvez eu tomasse um garrafão inteiro da poção mágica de Maria. Não era má ideia: combater um veneno com outro.

Aquele pequeno crápula chamado Donald Seale não iria desistir facilmente. A revista em que trabalhava situava-se entre o tablóide sensacionalista, com boatos e fotos sobre celebridades, e o jornalismo sério, com matérias culturais e entrevistas de velhos e novos talentos. Eu tinha ouvido histórias cabeludas sobre a maneira como Seale bisbilhotava a vida dos artistas. Mas naquele instante, refleti que era o momento ideal para falar com ele, nauseada como eu estava. Minha irritação talvez o assustasse a ponto de ele me deixar logo em paz. Disquei diretamente para o quarto dele.

— Seale falando.

— Sr. Seale, acredito que ainda não tive o desprazer de conhecê-lo pessoalmente. É Cassandra Hayes.

— Sua reputação a precede, minha cara. De minha parte, é um prazer falar com você. Ouça, precisamos nos encontrar e tomar uma xícara de café. Tenho informações sobre Roland Riggs que podem enterrar o projeto de Lou O'Connor quanto a publicar o novo livro dele. É por isso que você veio ficar com Riggs, não? Ou se trata de um tórrido caso de amor?

— Sim — desafiei o bisbilhoteiro. — Na verdade, estou falando diretamente da cama, onde passei horas com ele.

— Café ou não?

— Café. Assim poderei atirar meia xícara em sua camisa. Onde?

Seale me passou o endereço do hotel, após garantir que havia lá um bom e agradável bar. Corri para o banheiro e, depois de tomar uma chuveirada e me secar, tive a fleuma de aplicar batom cor de vinho. Ótimo, pois até minha maquiagem teria algo a ver com álcool. Tomei dois comprimidos para dor de cabeça e depois mais um, para equilibrar. Três também foi o número de pastilhas antiácidas que mastiguei e degluti. Assim me preparei para um café digno de campeões.

— Aonde vai? — perguntou Roland ao me ver sair, cortante como sabia ser.

De trás dos óculos escuros, eu fitei o escritor parado à porta.

— Vou me encontrar com um repórter literário, para conversar um pouco.

— De que jornal?

— Não é jornal, e sim uma revista. Ele me descobriu aqui e ficou curioso. Claro que mantereí total sigilo sobre o seu poema, quero dizer, seu livro.

Uns dez gatos invadiram os degraus, roçando nas pernas de Roland, pedindo atenção. Tentei escapar antes que eles bloqueassem meu caminho. O escritor começou a espirrar repetidamente.

— Alergia — justificou. — Vou entrar e fechar a porta.

Tive de saltar sobre um enorme felino pardo antes de alcançar meu Cadillac amarelo.

O Sundial era um hotel-estância completo, com inúmeras opções de lazer além das acomodações normais. Eu combinara encontrar-me com Donald Seale no bar ao lado da piscina, preparada para odiá-lo à primeira vista. Mas ele me esperou sentado a uma mesa do restaurante envidraçado, de onde acenou para mim.

A surpresa foi notar como ele era bonito. Pele morena, olhos grandes bem redondos e muito pretos, sem limites discerníveis entre as pupilas e as íris.

Lembrei a mim mesma que detestava pessoas bonitas demais e sentei-me, ignorando a mão estendida do repórter.

— Antes de tudo — comecei —, qualquer coisa que eu disser aqui deve ficar entre nós. Se mencionar algo na sua revista, vou caçá-lo e matá-lo lentamente, com dor.

— Ouvi falar que você era uma figura e tanto, mas não imaginava tudo isso.

— E eu ouvi dizer que você é um crápula. Creio que não vai me desmentir.

— Só lhe pedi este encontro com o intuito de ajudar.

— Ignoro o que descobriu sobre Roland Riggs, mas não pode invadir a privacidade dele. Ele mudou-se para lá justamente para fugir de jornalistas, fotógrafos e bisbilhoteiros de plantão. Terá de arranjar outro meio de vender sua revista.

— Roland Riggs é uma pessoa pública.

— Não, é um escritor.

— Dá no mesmo.

— Bem, se não jogar limpo, posso remexer em seu lixo e achar preservativos usados, extra-pequenos.

— Você é sempre tão desagradavelmente charmosa, antes do meio-dia? — Ele tensionou o maxilar.

— Não, mas exijo jogo limpo. Lamento dizer, você não é um repórter, é um parasita.

— E você já pensou em começar outra carreira, se esse negócio de publicar livros não der certo?

Seale tentou me desconcertar por meio de um alvíssimo sorriso.

Obviamente, havia clareado os dentes numa boa clínica odontológica. Fiquei contente por não ter tirado os óculos escuros.

— Não me faça rir — pedi, disposta a uma trégua. - Onde está a garçonete com o café expresso?

— Você e Roland se embriagaram ontem à tarde — ele alfinetou.

— O quê? Você nos seguiu?

— Não. Este é um lugar muito pequeno. Sua chegada à casa do escritor despertou interesse nos moradores locais.

— Juro que não entendo uma profissão que consiste em bisbilhotar a vida alheia.

— Não nasci virado para a lua, srta. Hayes. — Seale usou um tom solene.

— O que quer dizer com isso?

— Não pude fazer faculdade, nem completei o colégio público. Meus pais pobres não me mandaram para a escola de equitação. Mas, antes que você se irrite ainda mais, saiba que procuro ser ético na minha profissão. Não fico espionando as pessoas. Soube de você e Roland pela garçonete do bar de praia, a quem aliás nada perguntei.

Donald Seale trajava uma camisa Oxford com botões na gola, muito bem engomada, e uma elegante calça caqui. Baixei os olhos para minha própria roupa, pois, francamente, não me lembrava do que havia vestido após o banho. Mesmo zonza, eu tivera o bom senso de me trocar e exibia um vestido preto e solto, razoavelmente charmoso. Sem sutiã, mas Seale não precisava saber. Por instinto feminino, havia deixado os cabelos escorridos, sem escová-los mas também sem deixar tufos emaranhados, produzidos pelo travesseiro.

—Engraçado você mencionar o tempo de escola. Fui expulsa de vários colégios particulares, e quase nenhum deles devolveu o dinheiro da matrícula a meu pai.

Por fim, chegou a garçonete com as xícaras de café e uma cesta de croissants.

— Sendo muito honesto — o repórter recomeçou —, saiba que considero Roland Riggs um escritor admirável, mais do que Hemingway ou Henry Miller. Tenho Simplesmente Simon na conta de uma obra-prima. Por isso mesmo, a minha história é... inacreditável.

— Então, conte logo.

— Veja, não quero que você volte correndo até Riggs e dê o serviço. Posso abortar a publicação da reportagem se ele me der uma entrevista exclusiva.

— Você é mesmo um canalha. — Minha irritação renovou-se. — Chantageando Riggs para conseguir o furo de sua carreira?

— Sabia que você bate os cílios de maneira quase imperceptível, quando zangada?

Seale mantinha o olhar fixo em mim, causando-me aumento da pressão arterial. Admiti que me encontrava sob o duplo efeito da raiva e de um inexplicável clima de sensualidade.

Claro que faria tudo para ele não notar qualquer efeito na minha libido.

— Vá direto ao ponto, sr. Seale.

— Pode me chamar de Don. É bom que você esteja sentada. Roland Riggs é Maria Martin.

Se ele pretendia me chocar, ficou decepcionado. Só causara confusão mental.

— Como assim?

— Maria Martin — repetiu Seale, falando pausadamente.

— Está querendo me dizer que... Riggs é... mudou de sexo?

— Não tem ideia de quem seja Maria Martin?

Meneei a cabeça negativamente. De um envelope pardo, o repórter retirou e exibiu um livro de bolso, típica edição de uma série de romances femininos. Na capa, um soldado em uniforme da Guerra Civil americana beijava o pescoço de uma atraente morena.

Pousei os olhos no texto promocional da quarta capa:

"Em Lua de Primavera, Maria Martin leva você a uma jornada de incomparável paixão e intrigante aventura, quando uma bonita índia americana e o homem que ela ama lutam contra o preconceito e a tragédia da guerra. Em um cenário de..."

— O que é isso, afinal?

— No gênero, Maria Martin é considerada uma das melhores.

— Não me parece ser grande coisa.

— Mas foi escrito por Roland Riggs.

— Impossível.

— Abra na página 72. Sublinhei uma frase para você ver. Leia e me dê sua opinião.

— "Ela sentiu-se como que assaltada por uma onda de gafanhotos. Eles giravam em torno de sua cabeça e pareciam sussurrar o nome dele..." É isso o que você queria que eu lesse?

— Sim. Existe um trecho muito parecido em Simplesmente Simon. Lembra-se da cena em que Simon se debate entre fugir da trincheira e lutar? Sua confusão também se traduz por uma fictícia onda de gafanhotos.

— E você chama sua descoberta de reportagem investigativa? Pode ser coincidência, ou pior, mero plágio.

— Folheie o livro, Cassie. Comparei os textos por meses a fio e sublinhei as frases em comum. Não é coincidência. Seria plágio se não se tratasse do mesmo autor.

— E daí? Maria Martin deve ser um pseudônimo. Um mau pseudônimo, aliás.

— Foi o que pensei a princípio, mas é mais do que isso. Depois de uns dez ou quinze telefonemas para a editora, finalmente me atenderam. Sei como ser charmoso quando quero.

De novo Seale me brindou com seu sorriso cristalino.

— Disseram-me que Maria Martin é uma velha senhora que mora na ilha de Sanibel. Não participa de sessões de autógrafos nem responde às cartas dos fãs, o que é pouco usual para autoras de literatura de entretenimento feminina. E ela é uma rainha do gênero, adorada por milhões de leitoras.

— Bem, se Maria Martin vive por aqui, não significa que seja Roland Riggs. Por que ele escreveria esse gênero de romance? Ainda vive, e bem, dos direitos autorais de Simplesmente Simon. Não é do tipo que se levanta de madrugada, cheio de ideias, e liga o computador. Algumas frases semelhantes nada significam.

— Não é uma teoria tão maluca quanto você pensa.

— Maluca e absurda — rebati. — Já inventaram muitas histórias sobre Riggs, por ser uma pessoa famosa e reclusa. E como dizer que Elvis Presley está vivo ou garantir que, no auge do sucesso dos Beatles, Paul McCartney morreu e foi substituído por um sócia. Bobagem.

— Mas eu tenho certeza e, quando puder provar, publicarei a reportagem do século. A menos que Riggs concorde em me dar uma entrevista.

— Ele não fará isso.

— Você poderia convencê-lo.

— Não há motivo para tanto. Ele não é Maria Martin. Ao pronunciar o nome "Maria", vacilei por uma fração de segundo. Seale percebeu.

— Você sabe de alguma coisa.

— Ouça, Don, se você for adiante com essa história, cairá no ridículo. Batalhou tanto por credibilidade e respeito, conforme diz. Não ponha tudo a perder por uma idiotice.

Foi a vez de o repórter hesitar. Recostou-se na cadeira, desanimado. Achei que, de algum modo, eu o havia atingido, abalando sua muralha. Não notei efeito físico, é verdade, mas pressenti um golpe emocional.

Coloquei-me de pé para partir, após um último gole de café e de embrulhar um croissant para comer no trajeto. Guardei-o na bolsa junto com o pequeno livro.

— Sugiro que saia de Sanibel, Don, antes que as coisas se compliquem.

— Permita-me dizer-lhe, Cassie. Se você não se esforçasse tanto para ser maçante, até que seria uma mulher atraente.

Lancei ao jornalista um olhar fulminante, antes de girar nos calcanhares e sair para a luz e o sol escaldante da Flórida.

Capítulo XII

— Maria? Focalizei a mexicana, postada à frente do fogão, enquanto tentava poupar meu olfato do aroma forte.

— Sim? — Ela nem se voltou para me olhar.

— No México existem gafanhotos?

— Gafanhotos? No compreendo.

— Insetos voadores, parecidos com cigarras.

— Não, não há gafanhotos em minha terra.

— Ah, obrigada.

De volta ao meu quarto, tirei da bolsa o livro que havia subtraído de Donald Seale. Na verdade, ele não o havia pedido de volta, e tudo indicava que tinha apostado em um exame curioso de minha parte. Quase todas as páginas apresentavam destaques em amarelo, e por isso era fácil comparar com o texto de Simplesmente Simon, do qual eu possuía um exemplar à mão. Em determinada passagem, Maria Martin descrevia seu personagem principal:

Numa cascata negra, os cabelos caíam até o meio das costas, quase líquidos em seu brilho perfeito.

Os olhos, igualmente pretos, causavam um efeito hipnótico.

Em Simplesmente Simon, o herói visitava um bordel:

Simon escolheu uma garota asiática, que o saudou com um sorriso tímido.

— Solte os cabelos — ele murmurou, e a prostituta vietnamita obedeceu, deixando o cliente maravilhado com a cascata negra que lhe cobriu metade das costas, num brilho perfeito, quase líquido. Era hipnótico, assim como os dentes e os olhos da moça ao se oferecer para Simon em excitante abandono.

Virei as páginas de ambos os livros, para trás e para frente. Procurava me convencer de que Seale havia delirado, mas no fundo sabia que não. Enfim, Riggs escrevia romances populares enquanto produzia um extenso e invendável poema épico? Ou seria sua empregada a autora do plágio? Ou qualquer outro morador da ilha? Aliás, o falso autor nem precisaria viver em Sanibel. Meu coração bateu forte e decidi abrir meu e-mail.

Cassie:

Você levou meu exemplar sublinhado de Lua de Primavera. Espero que isso se torne um pretexto para nos vermos de novo. Ligue para o hotel, pois de qualquer modo preciso do exemplar de volta. Já lhe disse que esquecerei a reportagem de denúncia, caso Roland Riggs me conceda uma entrevista. Mas sinto em meus ossos que ele é Maria Martin.

Donald

Respondi imediatamente: Donald:

Em breve lhe devolverei o livro. Você está claramente enganado. Riggs não é e nunca foi Maria Martin.

Cassie

O e-mail seguinte era de Louis. Claro que ele redigia bem, mas era péssimo digitador, e o curto texto apresentava uma abundância de erros.

Cassie:

Que diabo está acontecendo com o livro? Você me prometeu telefonar assim que começasse a ler. Está querendo me matar do coração?

Louis

Caro Louis:

Não estou pronta para falar do livro, ainda, porque não li nada. De qualquer modo, mantenha a boca fechada sobre esse projeto, pois não tenho certeza de que o novo trabalho de Roland Riggs seja tão vendável quanto Simplesmente Simon. Darei notícias, prometo.

Cassie

A outra mensagem vinha de Kathleen Hawkins, a maçante e vaidosa comentarista política com obsessão por fotos grandes de seu rosto. Essa nova autora havia entendido, a partir de minha resposta anterior, que eu lhe daria toda a extensão da quarta capa. Com isso, mais do que feliz, tinha ficado insegura. Queria repetir as fotografias, o que representaria atraso na edição de seu livro.

Cortei a infeliz ideia mentindo que ela não poderia sair melhor do que nas fotos já feitas, pois tinha ficado parecida com Júlia Roberts no tempo de Uma Linda Mulher. Claro que eu havia visto fotos melhores de Kathleen, mas queria poupar minha paciência, em preferência à dela.

Como eu já esperava, havia um email de Michael Pearton. Relutei em abri-lo, passeando em círculos pelo quarto. A agonia me acelerava o coração, mas eu merecia aquela devastadora sensação. Meu primeiro casamento nada me havia ensinado sobre como eu era péssima em relacionamentos amorosos. Mastiguei duas pastilhas antiácidas e abri a correspondência eletrônica.

Cassie:

Não fiz nenhuma bobagem, não estou me afogando em álcool. Simplesmente penso em você. Observo sua foto numa revista, aquela que Louis afirma não lhe fazer justiça. Você nem mesmo olha para a câmera, mas está rindo entre Louis e dois escritores. Fiquei com desejo e ciúme. Queria fazer você rir de prazer e felicidade, na cadência da dança da vida.

Desconheço até que ponto nosso relacionamento é sério. Só sei que, por computador e telefone, conversei mais com você do que com qualquer outra mulher. No entanto, ainda não lhe disse o que realmente importa. Omiti meus segredos, e agora eles forçam passagem para fora. Poderia me arriscar e falar de seus seios perfeitos, de minha avantajada ereção, de todo o prazer que seríamos capazes de partilhar na cama.

Você me contará seus segredos, Cassie? Dirá o que a satisfaz? Não falo de café, pois já comprei uma cafeteira elétrica como parte de meus planos para agradá-la. Pessoalmente, não gosto daquela oleosa bebida preta, mas posso me acostumar.

Vou terminar, porque é tarde e minha editora me comerá vivo se eu não entregar o novo livro no prazo. Ela é uma feitora de escravos, mas é brilhante e eu a adoro.

Michael

Na quietude do quarto, impregnado pelo perfume dos jasmims, senti lágrimas intrusas, indesejáveis, formando-se em meus olhos. Não consegui responder a Michael. Não naquela hora. Em conjunto, Donald Seale, o poema de Riggs, os problemas financeiros de Louis, a maldade de minha mãe, a úlcera que certamente eu desenvolvia e um fascinante homem em Londres conspiravam para me levar à loucura.

Capítulo XIII

Eu me confesso a ti
em tabernáculo de veludo.
Abafado, decaído,
clamo por minha hóstia
com a língua projetada.
Clamo para que tu pertenças
A mim por toda a eternidade.

Os últimos ritos agora
angustiam
cruzes envernizadas
que falam de morte.
Mas o veludo sussurrante
tornou inúteis as cruzes
e as promessas irrealizadas
na parede.

Após a morte
existem tomates, eu me lembro
de teu próprio Getsêmani.
Um jardim para nós,
um Éden, uma terra devastada.
Solo tismado de sangue
ressecado como num deserto.
Cinzas as tuas cinzas
Pó a teu pó.

Uma criança agora
dança em minha cozinha
entre árvores anãs.
Posso reaprender a comer
tomates maduros e vermelhos
que ficaram verdes de novo?

Ensina-me,

Mãe Confessora
ensina-me e escuta-me.
Toca em mim
e deixa-me sair para fora do Eden.
E como anjo caído
sentir raiva e ódio
entremeados com o nada.
Não amor
Apenas vida.

Dois detalhes me vieram à mente ao ler o início do poema de Roland Riggs. Aquele estilo sincopado, às vezes com uma palavra por linha, era a marca registrada das quase oitocentas páginas da titânica obra. Depois, pensei amargamente que nem Louis nem eu poderíamos nos aposentar, ricos, com a publicação de um livro daquele quilate. Senti saudade de meu pai, que sempre me apoiava em momentos à beira do desastre. Compartilhávamos a paixão por autores e livros. Estes, lembrava-me bem, ocupavam todos os cantos de nosso apartamento. Quando não eram exemplares prontos, eram provas tipográficas, que se empilhavam ao lado de revistinhas de palavras cruzadas.

Aos dez anos, minha rotina dominical era abrir o caderno de variedades do New York Times e tentar resolver os enigmas.

— Palavra de cinco letras, grande roedor sul-americano — eu recitava.

— Aguti — dizia meu pai, inabalável, folheando um original que deveria avaliar.

O brilhantismo de Jack Hayes impressionava os outros, sobretudo quando reunia toda a família, inclusive avós e crianças, para comemorar seu aniversário. Havia, então, um desfile de desconhecidos para os cumprimentos. Jack também devia conhecer as datas festivas de todos os moradores das redondezas.

Pena que aquele cérebro privilegiado tivesse fenecido. Foi logo depois de eu voltar de uma viagem com Louis à Califórnia. Jack me ligou, assustado. Tinha perdido as chaves de casa e não sabia voltar do Restaurante Oggi, sua cantina predileta. Um dia depois, esqueceu-se do aniversário do porteiro do prédio, Tony. E também o nome da esposa dele. E ainda o meu próprio nome, para culminar.

— Estou doente, Cass — ele admitiu, com um olhar amargurado, contente por ter se lembrado do meu nome mas ao mesmo tempo percebendo que alguma coisa muito grave estava acontecendo.

— Eu sei — murmurei na sala de visitas da Casa de Assistência a Idosos Stratford Oaks. Tinha me tornado a Mãe Confessora. O poema de Riggs não era algo muito distante de minha vida.

Eu havia me mudado para a Flórida porque Louis O'Connor, tendo ficado viúvo, de modo algum permaneceria vivendo e trabalhando em Nova York, rodeado pelas lembranças de Helen. Ele me pedira para continuar na nova editora e eu sabia que, algum dia, teria de encontrar uma casa de repouso e tratamento para meu pai. Nesse ponto, acertei em cheio, ao achar um lugar limpo, agradável e ensolarado em Stratford Oaks.

Diante de Jack Hayes eu me tornava criança e me lembrava do primeiro dente que amolecera e caíra, do primeiro sutiã, das legendárias festas que meu pai dava. Rememorava a séria discórdia dele com o escritor E. L. Doctorow; a rixa pior ainda com o editor da revista Harper's Bazaar, seu flerte de três dias com a renomada atriz Ava Gardner.

Em casa, ele me mostrava as estantes bem-organizadas e dizia que eu herdaria todos os seus livros e recortes. Declarava que queria morrer antes de ficar totalmente caduco. E eu o ouvia.

Era sempre assim. Sentia vontade de visitar Jack, mas depois de cada sessão de lamúrias eu voltava para casa arrasada. Subitamente, ali na ilha de Roland Riggs, fiquei ansiosa por ouvir a voz de meu pai.

— Aqui é Stratford Oaks — escutei depois de discar a número.

— Por favor, chame Jack Hayes para mim.

Depois de quatro toques, e a voz cansada e frágil soou do outro lado da linha.

— Alô?

— Papai? É Cassie! — falei com deliberado entusiasmo.

— Cassie? — Ele pareceu levar algum tempo para descobrir de quem se tratava, em meio a sua confusão mental. — Ah, sim. Minha filha Cassie.

— Só estou ligando para dizer que o amo muito, papai. Desculpe-me por não ter ido visitá-lo esta semana, mas estou fora da cidade e não sei se você se lembra de eu tê-lo informado.

— Você não veio me ver?

— Não, papai. Estou fora.

— Fora... onde? Como?

— A trabalho. E sobre um livro, um livro ruim. Não muito, na verdade, mas eu não o publicaria.

— Não, Cassie?

— Lembra-se de quando você me dava aulas de editoração e sobre o mercado editorial? Acho que aprendi bastante. Aliás, você sempre me dava nota dez ao tomar as lições.

— Dava dez?

— Sim, papai. Agora vou desligar. Liguei só para saber como estava.

— Cassie? — A voz tornou-se forte.

— O quê?

— Alguns livros são feitos apenas para o autor falar de si mesmo. Autopromoção.

— O que quer dizer?

— O escritor, nesses casos, trabalha voltado para seu próprio mundo. E o editor é um inocente intermediário.

— Como você agia, nessas condições?

— Condições? — Jack perdera o fio da meada.

— Nada, papai. Eu o amo.

— Também amo você, querida.

Desliguei o telefone. O que era aquilo que Roland Riggs espalhara pelas suas páginas? E quem era a confessora do autor? Maxine? Maria? Eu? Era só o que me faltava, ser intermediária de um lunático vaidoso numa mixórdia de proporções épicas.

Capítulo XIV

— Mais lembranças. — Cassandra Hayes, aceita este homem como seu legítimo esposo?

Elvis olhou para mim, com expectativa. Notei largas manchas de suor em seu casaco de brocado, sob as axilas. As costeletas pareciam gotejar de loção capilar e fixador. Restou-me contemplar meu futuro marido, de acordo com o que o representante do Estado de Nevada, cidade de Las Vegas, iria declarar em menos de sessenta segundos.

— Sim, aceito. Elvis deu de ombros.

— E você — o juiz de paz hesitou diante do nome —, Johnny Acid, aceita esta mulher como sua legítima esposa?

Johnny balançou a cabeça afirmativamente.

— Precisa dizer "sim", ou "aceito", ou qualquer coisa — doutrinou o oficiante.

— Claro. Aceito.

— Então, pelos poderes de que fui investido pelo Estado de Nevada e por Elvis Presley, lá em cima, eu os declaro marido e mulher.!

— Ao som do comando, a organista de oitenta anos inclinou-se sobre o instrumento e atacou as teclas, movendo freneticamente os pés sobre os pedais. Seu marido senil, que usava um terno amarfanhado, entoou Feliz Ano Novo e depois, imitando Elvis Presley, Love Me Tender.

— Vá em frente, beije a noiva — pediu.

Johnny Acid me segurou junto a ele e plantou um beijo em meus lábios. Naquele instante, eu soube que havia cometido um enorme engano.

Havia me casado com Johnny Acid porque minha mãe o detestava. Meu pai, sabiamente, limitara-se a considerar aquele romance "uma fase passageira". Mas minha mãe odiava meu namorado e reclamava de que, desde que eu começara a sair com ele, tivera de duplicar sua dose de Valium.

Claro que isso apenas serviu para valorizar Johnny ainda mais em meu conceito.

Mas é difícil dizer, numa visão panorâmica, o que minha mãe julgava mais repulsivo nele. Pesava o fato de que Johnny e sua banda, Os Caninos, não ganhavam dinheiro. Além disso, todos os integrantes moravam juntos numa quitinete com um banheiro imundo, infestado de baratas tão grandes que quase se poderia colocar uma sela sobre elas e cavalgá-las em um rodeio. Também havia o penteado moicano de Johnny, com os cabelos oxigenados, o piercing que usava na bochecha esquerda, a coleira de cachorro com tachas, a jaqueta de couro, as botas de operário cheias de cravos.

Eu dizia a mim mesma, na época, que via ali outra figura: John De Angelo, simpático rapaz do Brooklyn. Via-o antes da mudança de nome, antes das tachas, cravos e piercings. Era um músico talentoso e um brilhante poeta. Suas composições eram verdadeiras obras de arte, desde que se conseguisse ignorar as guitarras estridentes e as vozes roucas. O que eu mais gostava, porém, era da sensualidade de Johnny Acid.

Ele era envolvente e fazia meu mundo balançar. Debaixo da estampa de moicano, tinha traços bonitos, equivalentes aos de um anjo pintado por Michelângelo. E eu acreditava que o amava. Amava sua maneira de cantar como se estivesse sozinho no salão. Amava seu jeito de caminhar pelo palco, o fato de escrever músicas para mim, a maneira como suas carícias me deixavam excitada.

Eu o conheci numa reunião literária à qual compareceu a fim de homenagear um escritor, seu amigo. Conversamos. Estrelinhas cintilaram. Fizemos planos para jantar juntos na noite seguinte, e na volta ele subiu comigo e fizemos amor. Só que foi mais do

que isso. Ele me devorou. Levou-me a um estado de frenesi no qual rolamos juntos na cama, puxando os cabelos um do outro, até o êxtase final.

Depois disso, Johnny Acid transformou-se em uma espécie de droga para mim. Tornei-me viciada, dependente. Chegamos a fazer amor três vezes por dia.

Admito que formávamos um casal estranho. Eu, a moça bem-educada de vestido de veludo, ostentando os brincos de brilhantes que meu pai havia me presenteado. Johnny, com uma pequena bola de Natal pendurada na orelha e a camiseta com o rosto de Papai Noel e a frase: DANE-SE O NATAL.

Eu o amava, ou pelo menos pensava assim, na mesma proporção em que minha mãe o odiava. Quanto mais comprimidos de Valium ela tomava, mais eu a atormentava contando onde ficavam escondidas as tatuagens de Johnny. Para mim, era um belo relacionamento.

E então Johnny me pediu em casamento. Fiquei completamente estarrecida, mas ele apareceu em meu apartamento com um anel de verdade. Não de diamante, mas uma simples aliança com a inscrição MPCQETTD, significando "Minha Princesa Com Quem Eu Transo Todos os Dias". Um segredinho particular, mas verdadeiro. Admirei o aro dourado, olhei para Johnny, e as palavras escaparam da minha boca:

— Sim. Eu me caso com você!

Ele me agarrou e fizemos amor. Senti o coração descompassado, mas procurei me convencer de que era por causa do prazer. Na verdade, foi uma reação próxima do pânico.

A ideia do casamento em Las Vegas foi minha. Imaginei que, se voltasse de lá casada e contasse a meu pai, ele aprovaria e me daria sua bênção. Eu era a princesinha dele, afinal.

E foi assim que me coloquei, na pequena capela, diante da foto de Elvis Presley e ouvi as frases rituais da união conjugal.

Tornei-me a Sra. Acid, e foi o maior erro da minha vida.

Minha mãe passou a freqüentar sessões de psicoterapia intensiva. Meu pai, após tomar dois martinis, abraçava Johnny, tentando dizer a si mesmo que ganhara um filho.

Louis e Helen nos mandaram de presente um belo vaso Waterford, mas nada comentaram.

Tudo terminou em três meses. Consegui a anulação do casamento. Como se nunca tivesse acontecido. Mas tinha, e eu acabara magoando alguém, magoando o pobre Johnny.

Ele refugiou-se no estúdio de um amigo e escreveu quarenta e oito músicas para mim, com lampejos de gênio. Descartou o grupo Os Caninos, mudou o nome para John Dillinger, gravou um disco solo e tornou-se famoso.

Ao menos eu servira para fazer deslanchar sua carreira musical.

Até hoje ele mantém contato comigo. Me liga do Japão, onde se tornou uma atração maior do que a final do campeonato de sumo. Procura-me quando está em Nova York e me dá ingressos de cortesia para seus shows. Eu sempre lhe digo que não poderei ir. Iria sentir-me exposta demais ouvindo-o cantar ao vivo as músicas compostas para mim.

Eu penso em Johnny com frequência. Não confio em mim mesma. Não confio em minha responsabilidade, em minha capacidade de comprometimento. Considero-me meio leviana. Por isso não quero incentivar a paixão de Michael Pearton por mim.

Demorei trinta e quatro anos para aprender que o amor não é o que está entre suas pernas, mas sim o que está entre suas orelhas. O QI de Michael é o mais elevado que eu conheço. Mas toda vez que eu penso em ir à Inglaterra, basta ligar o rádio e ouvir Ela Quase me Matou, por John Dillinger.

John Dillinger, também conhecido como Johnny Acid.
Também conhecido como "O Bem-Dotado".

Capítulo XV

Amanheceu. Nos recessos de meu sono, ouvi Maria e Roland no quintal, provavelmente colhendo legumes. Afundei ainda mais em meu travesseiro. Por volta de onze horas, criei coragem para encarar o sol da Flórida e Louis O'Connor. Era tempo, decidi, de dar a meu chefe e amigo conhecimento do poema.

— Editora West Side...

— Bom dia, Troy. Passe-me Louis.

— Claro.

Lugar sofisticado, aquele em que eu trabalhava. A música de espera, ao telefone, era um concerto de Bach.

— Louis O'Connor falando.

— Teve saudade de mim?

— Saudade? Quero mais é estrangular você! Fiquei esperando ansioso para saber quantas páginas vamos ter, o que podemos colocar na capa, a data de lançamento. Você me deixou no escuro.

— Foi bom você ter mencionado o escuro, Louis. Porque, para resumir a questão, o livro é impublicável.

— Quase todos são, antes de uma grande editora de texto copideskar.

— Bem, é um pouco mais complicado, Louis. Não posso burilar o texto. É um poema, com exatamente setecentas e noventa e duas páginas.

Escutei Louis sufocar uma exclamação de surpresa.

— Um poema? — A voz dele soou como um grasnido. — Cassie, você tem certeza?

— Claro. Pensou que eu seria a única a ter uma gastrite com a novidade?

— Melhor guardar a gastrite para o próximo choque, Cassie. Prometa-me que não vai gritar.

— Não faço promessas que não sei se posso cumprir.

— Eu estava tão empolgado com o novo livro de Roland Riggs que lhe ofereci um adiantamento generoso.

— O que quer dizer com "generoso"?

— O que puder imaginar, para um autor famoso e premiado.

— Você disse que não faria adiantamentos.

— Imaginei que poderia recuperar o dinheiro com rapidez.

— Então, não me fale quanto. Acho que não suportaria ouvir.

— Foi dinheiro alto, Cassie. E se essa coisa fracassar, teremos de vender livros na rua, diretamente do porta-malas de nossos carros.

— Que... droga!

— Eu diria algo além disso.

— Espere um pouco, Louis. Ouvi um barulho na porta do meu quarto.

Levantei-me da cama e abri. Ali estava um coelho lambendo as patas dianteiras e batendo as traseiras no chão. Podia ser Pedro ou José, mas antes que eu definisse sua identidade, o animal pulou para dentro do quarto e passou a saltar sobre o carpete. Muito adequado, pensei.

— Louis? — retomei a conversa. — Não acha um pouco... corrupto da parte de Roland aceitar um adiantamento vultoso por um livro que ele sabe que não vai vender?

— Talvez ele pense que vai.

— Roland se finge de ermitão, mas não é tão desligado assim. Passa as noites vendo programas de testes de conhecimento na televisão. Sabe o que vai pelo mundo.

— Há mais.

— O quê? — Observei o coelho e tive vontade de me espreguiçar no carpete.

— Ofereci uma boa comissão a Tom Gans.

Tom Gans era o agente de relações públicas mais baixo e magro de Nova York. O que lhe faltava em estatura, sobrava em esperteza. Conhecia seu trabalho, no qual era um dos melhores do mundo.

— Louis, quando você acertou com Tom Gans, nenhum de nós conhecia o original de Roland.

— Sei disso, infelizmente. Não precisa me dizer o quanto fui imprudente.

— Vou tentar conseguir seu adiantamento de volta.

— Mas temos um contrato, Cassie. E Roland apresentou um original, em troca do pagamento.

— Foi má-fé da parte dele... Pare com isso, José!

— O quê? Quem?

— Não ligue. Pode ser Pedro.

— O que está acontecendo aí?

— Um coelho chamado José ou Pedro está olhando para mim agora. Percebe como é ridículo? Espero que Hua grande cabeça irlandesa encontre uma saída.

— Ainda há mais notícias ruins, Cassie. De natureza pessoal. — Pedro ou José saltou de novo, como se indicasse meu destino. — Sua mãe esteve no escritório, a sua procura.

Eu fiquei em silêncio.

— Parecia muito bem — Louis explicitou. — Deve ter passado por uma cirurgia plástica de cem mil dólares.

— Claro, mas na hora em que a pele se desgrudar e os implantes murcharem, quero estar perto para rir.

— Ah, como é lindo o amor entre mãe e filha! Bem, sem brincadeira, eu disse a ela que avisaria você sobre a visita, mas fui firme e não revelei seu paradeiro. Outra coisa, fui ver seu pai ontem à noite. Só para me certificar de que, na sua ausência, sua mãe não estivesse rondando Jack.

Meu pai e Louis eram amigos. Quando eu era adolescente, eles se encontravam e passavam horas conversando. Mais tarde, quando comecei a trabalhar na editora, meu pai ia até lá com frequência, para almoçar comigo e com Louis. Também tornou-se presença constante nas festas de confraternização de fim de ano e nos coquetéis de lançamento. Depois que Helen morreu, meu pai visitou Louis todos os dias, durante quase um ano, e dava-lhe ânimo para não desistir de tudo.

Louis retribuiu quando meu pai começou a perder a lucidez, ajudando-me a tomar uma decisão difícil, mas inadiável. Foi ele que descobriu Stratford Oaks, um lugar decente e agradável para Jack.

— Você o visitou? — indaguei suavemente.

— Sim, e ele estava bem.

— Reconheceu você?

— A princípio não, mas depois recordamos as festas de Natal na editora e aquela vez em que escapulimos para o pub da rua 94, no dia de São Patrício.

— Fico contente por você ter visitado Jack. Significa muito para mim, Louis.

— Outra coisa. Michael Pearton confessou-se extremamente aborrecido por você ter viajado para assistir outro escritor quando nunca se dispôs a ir à Inglaterra. Bem, temos

cinco livros dele, que na verdade são o que estão nos segurando. Creio que valeria a pena você massagear um pouco o ego de Michael.

- Não é o ego que ele quer que eu massageie. Louis riu.
- Nessa parte da história eu não me meto.
- Vou desligar, Louis. Tenho de falar com Roland.
- Não lhe dê um murro no rosto, por favor.
- Já fiz isso com Carl Gussbaum e você não me censurou.
- Sim, porque andava muito ocupado e Carl realmente mereceu.
- Ligue-me depois.

O coelho anão continuava lá. Talvez para chamar a atenção, como uma criança, tentava roer o fio do abajur. Procurei afastá-lo com movimentos dos braços, mas assustar o coelho de Roland não era a melhor maneira de enxotá-lo. Tive de segurar o bichinho no colo. Ele me lambeu.

- Não tente me conquistar. Você sujou todo o carpete.

Levei-o para fora e deixei-o no corredor. A casa se achava silenciosa, exceto pelo papagaio que repetia, em tom esganiçado: "Dinheiro. Muito dinheiro". Resolvi me vestir depressa e sair em busca de Roland.

Ao tirar meu robe, contemplei a pequena moldura que havia trazido na mala, com uma foto minha e de meu pai. Parecia datar de séculos, não apenas de anos. Eu sorria, mostrando que faltavam dois dentes frontais, e Jack ria para a câmera, com os óculos na ponta do nariz e a gravata afrouxada no colarinho normalmente impecável.

Certa vez, trabalhei num livro sobre feitiçaria. Uma alta sacerdotisa do vodu haitiano ensinava como fazer mandingas para conquistar um namorado. Enquanto retocava o texto, perguntei à autora se ela também sabia lançar maus eflúvios sobre as pessoas.

— Claro, querida — foi a resposta. — Mas não a aconselho a se voltar para esse lado.

- Na verdade, eu quero — rebati.

Abri-me com ela sobre minha mãe, contei como era ela e só se preocupava com a aparência, como havia magoado meu pai e a mim. A mulher me ensinou um feitiço infalível para pregar-lhe uma peça, a partir da confecção de uma boneca de pano. Explicou-me todos os detalhes, e dois dias depois a boneca estava pronta.

Na semana seguinte, um tingimento capilar saiu errado e minha mãe perdeu os cabelos. O marido dela, na época, saiu correndo atrás de uma peruca e levou-a para passear em Paris, a fim de superar o trauma.

Deixei a boneca guardada, já não me lembro onde, para a eventualidade de querer usá-la novamente. A feiticeira haitiana tem um site na Web e eu posso entrar em contato com ela a qualquer momento, por e-mail.

É bom ter um recurso como esse à mão. Afinal, nunca se sabe quando se vai precisar.

Capítulo XVI

Vesti calça jeans e camiseta e atravessei o trecho de jardim até a cozinha da casa principal, onde fui saudada pelo aroma de cebolas e costeletas de porco em plena fritura.

— Maria? Sabe onde Roland está?

— Saiu bem cedo, para pescar. Deve voltar no fim da tarde — ela respondeu com seu sotaque hispânico.

— Bem, vou passear um pouco. Se Roland chegar, diga-lhe que preciso falar com ele. É urgente e importante.

Maria balançou a cabeça, contrariada, conferiu o conteúdo da frigideira e passou a cortar legumes com indisfarçada impaciência.

— O que foi? — perguntei.

— Desde que você chegou aqui, o sr. Riggs anda aborrecido. Bebe muito. O dia em que foram ao bar... Bem, não é nada bom para a saúde dele.

— E isto? — Apontei para a frigideira cheia de óleo. — É bom para ele?

— Muito bom. Meus familiares viveram até cem anos, e sem rugas. Não é a comida. Desde que você chegou, ele não parece o mesmo. Gostaria que você pegasse o livro dele e fosse embora.

A franqueza ingênua de Maria era comovente.

— E o que eu quero também.

— Ele é uma boa pessoa.

— Gostaria de concordar com você, mas...

— Ele me salvou. Meu marido era um homem mau. Mau e horrível. Eu era muito jovem, e o sr. Riggs me salvou. E você veio para cá, mas eu sei que não se importa com ele, veio porque quer o livro.

— E você, Maria, o que você quer? — devolvi a pergunta.

Como ela estava picando cebolas, eu não sabia se era a isso que se deviam suas lágrimas ou às emoções a flor da pele.

— Quero paz — ela murmurou. — Do jeito que está, não é bom. Você pode ver.

— E você sabe que eu não sou boa para decifrar enigmas. Vou dar uma volta.

Saí da casa, atravessei o jardim e abri caminho até a areia entre talos altos de grama. Tomei a direção de um farol longínquo, mas pouco andei até deparar com um ouriço-do-mar, entre uma pilha de entulho e cacos quebrados. Abaixei-me e apanhei a carapaça em forma de disco, notando admirada que não existia nela nenhuma fratura. Lembrei-me dos mitos sobre os ouriços-do-mar. Dentro de cada um, há partes que parecem grutas. Certas marcas na superfície lembram as chagas de Cristo.

Joguei o ouriço na água e sentei-me na areia, sentindo lágrimas nos olhos. Mitos sobre ouriços-do-mar, sobre ganhadores do Prêmio Pulitzer, sobre Michael Pearton. Mitos sobre mim. Enterrei os dedos na areia, lutando para não chorar. Lendas não faziam parte da minha vida. Eu precisava de originais, de pilhas de folhas que pudesse transformar em um best-seller. Deixava os mitos para os autores, eu os transformava em realidade.

Deitei-me num trecho de areia pontilhado de grama. O amor era um mito. Assim como o sexo, a família. Meu pai tinha significado uma espécie de rei Artur para mim, e agora estava fora de órbita, fora de Avalon. Outro mito. Depois que meu pai se fosse, eu contaria histórias sobre ele, e talvez muita gente não acreditasse. Talvez, com o passar do tempo, eu própria duvidasse do mito.

Lembrei-me do dia em que flagrei meu pai chorando. Foi logo depois de minha mãe nos abandonar. Ouvi um som cavo, um soluço, e vi Jack reclinado na cama, murmurando alguma coisa no escuro: "Tenho medo", ele dizia.

Meu medo de criança foi de perturbá-lo, mas era doloroso vê-lo tão triste. Se minha mãe tinha partido e magoado meu pai, talvez ele também partisse, deixando-me nas mãos da terrível governanta alemã que trabalhava para nós. Na ponta dos pés, aproximei-me e fiz um afago com os dedos no rosto de Jack, como se lhe medisse a febre.

"Por favor, não chore, papai", pedi e fui atendida. A respiração dele tornou-se profunda e regular, e apenas de vez em quando ele fungava.

Corri de volta para o meu quarto e, na manhã seguinte, foi como se nada tivesse acontecido. Nem eu nem meu pai aceitamos que ele chorasse, por isso o fato se converteu em mito. Talvez o rei Artur nunca houvesse saído de Avalon, com uma fenda em sua armadura.

E talvez Roland Riggs não tivesse realmente escrito um poema de setecentas e noventa e duas páginas.

Sentada, me espreguicei à luz do sol. A distância, na praia, vi um vulto masculino sentado numa cadeira dobrável, os longos cabelos grisalhos amarrados num rabo-de-cavalo. Pus-me de pé e caminhei até lá, transpirando sob o sol escaldante da Flórida. Mesmo em outubro, os dias eram quentes.

— Roland?

— Cassie! Não esperava ver você durante o dia.

— Ocasionalmente, eu saio da toca e participo do mundo dos vivos. O que tem na sacola?

— Iscas. Pedacinhos de peixe. Mas não tive sorte, não peguei nada hoje. Fiquei observando o gavião-pescador. Dê uma olhada. — Ele apontou para o grande pássaro bem acima de nós, equilibrado no que parecia ser um poste de telefonia.

— Por que ele fica encarapitado no poste?

— Porque nós depredamos a ilha deles. Agora, as autoridades ambientais tentam trazer os gaviões-pescadores de volta, providenciando lugares onde possam fazer ninhos.

Criei coragem e perguntei:

— Roland, por que não me contou que recebeu um adiantamento?

— Não me pareceu importante.

— Não posso publicar um poema.

— Um poema épico.

— Está bem, um poema épico. Ainda assim é impossível. Esse livro não tem mercado. Quero que devolva a Louis o dinheiro que recebeu como adiantamento. Parte dele, ao menos. A editora irá à falência se publicar esse livro.

— Você está subestimando o público leitor.

— Que público leitor? As pessoas querem leitura leve, envolvente. Entretenimento, distração. Não um poema épico dessas proporções, e você sabe disso. No entanto, você conheceu um homem bom e crédulo, um editor que lhe ofereceu um adiantamento sem conhecer o teor do livro, convencido que se tratava de uma sequência de Simplesmente Simon e apostando no mesmo sucesso de vendas.

— É uma sequência, só que não é do jeito que você imaginava.

— Por que você quer publicar esse poema?

— Tenho uma mensagem a transmitir.

— Não escreveu nada em trinta anos. Por que agora?

— Você verá.

— Chega de enigmas, Roland. O que vi de concreto foi um calhamaço de quase oitocentas páginas, no qual não posso mexer em uma vírgula sequer. Não tem nada a ver com Simplesmente Simon.

— E eu vejo uma editora que pensa que sabe tudo, apesar da tenra idade. Seja qual for sua idade.

— Bem, se você não estivesse enterrado nesta ilha e olhasse um pouco para o mundo lá fora, reconheceria que esse livro é inviável.

— Não pretendo devolver meu adiantamento.

— Está agindo de maneira egoísta.

— E você está perturbando minha paz e harmonia aqui em Sanibel — retrucou ele, levantando-se da cadeira. — Nos veremos durante o jantar. Continue seu passeio.

Ele deu-me as costas e rumou para o mar. Como se eu fosse um grão de areia em seus olhos, que pudesse ser esfregado e removido.

— Miserável! — praguejei ao retomar minha trilha. Caminhei para longe, até onde Roland Riggs não passasse de um ponto indefinido em minha visão. Então, mergulhei nas águas do golfo do México. Uma semana antes, Louis e eu tínhamos o mundo a nossos pés, com um êxito editorial garantido na gaveta. Naquele dia, tudo se modificara. As ondas do mar estavam lavando o mito de que eu sempre sabia o que fazer.

Capítulo XVII

Furiosa. Era como eu me sentia na hora do jantar. Retirei-me logo para meu quarto e enchi um copo grande de tequila, limpa e transparente. Liguei o laptop e abri meu e-mail.

Cassie:

Realmente preciso do livro que está com você. Creio que ainda temos muito a discutir. Sabe onde estou. Ligue para mim.

Donald

Donald:

Vou ligar quando sentir que consigo tolerar um jornalista bajulador e insuportável. Por enquanto, ainda não tomei vacina.

C.

Furiosa? Mais. Sentia-me à beira de um colapso nervoso.

Cassie:

Continuo empacado no capítulo 16. Não consigo escrever sem o seu estímulo. O que fará Sandra, agora que seu amante deixou a esposa? Vão consumir todo esse amor, por fim? Ligue para mim e saudaremos juntos a autora. Prometo me comportar e não assustar você dizendo como a adoro. Serei um verdadeiro gentleman inglês.

Michael

Michael:

Sandra poderia usar uma faca de açougueiro para matar o amante. O resto do livro seria a investigação do homicídio.

C.

Tomei um grande gole de tequila, sentindo que o líquido de alto teor alcoólico me lavava por dentro. No fundo, queria desmaiar, dormir, esquecer. Bebi mais meio copo. E, em algum momento da noite, joguei-me na cama.

Sonhei com Michael. Finalmente eu me encontrava com ele, e fazíamos amor. Tocava-lhe a face enquanto seus braços me seguravam com uma solidez de rocha. Então, eu o golpeava no peito com uma faca de açougueiro. A tequila tinha o condão de fazer isso comigo. Acordei com a mente enevoada e um gosto amargo na boca. A cabeça estava pesada, minha testa estava úmida de suor, apesar da janela aberta. Em algum outro momento da noite, a brisa tinha cessado. Procurei ouvir o som do mar, mas também o golfo do México estava quieto.

Eu não havia dormido quase nada. Maldito calor da Flórida! Consultei o relógio de cabeceira: onze horas da noite. Só? Mesmo assim, pelo silêncio reinante, Roland já devia estar deitado. Maria sempre se recolhia antes das dez.

Então engoli um comprimido para dor de cabeça e pensei que poderia nadar um pouco para me refrescar e sentir-me melhor. Não no mar, claro, àquela hora. A primeira cena do filme Tubarão estava bem nítida na minha memória, e sempre ficaria.

Despi-me rapidamente e vesti o maio. Esgueirei-me para fora do quarto e apurei outra vez os ouvidos. Nada.

A piscina da casa de Roland ficava de frente para a praia. As luzes dos postes decorativos estavam apagadas, mas a lua cheia fornecia suficiente luminosidade para eu reconhecer como o lugar era bonito. Havia uma cascata artificial de um lado, a paisagem da ilha de outro. No ar, o cheiro doce de jasmim. Orquídeas pendiam dos pés e floresciam em vasos. Era uma noite tranquila, inspiradora. Assim, deixei cair meu robe e mergulhei de um só salto. A água fria me envolveu.

Quase imediatamente, a dor de cabeça se aplacou. Ao subir à superfície para respirar, senti-me revitalizada. Nenhum homicídio em mente. Tratei de enfrentar a extensão da piscina, de uma ponta a outra. Fiz uma parada. Depois boiei. Prometi a mim mesma que ligaria para Michael quando retornasse ao quarto. Naquele exato momento, escutei a voz de um cantor popular cantando *Staying Alive*.

Nadei rapidamente até a borda oposta da piscina, onde pousei as mãos. O som da música se misturava com o ruído da cascata, mas, claramente, vinha do chalé de Maria.

Seguiu-se mais um som. Nadei para a outra extremidade e identifiquei uma música de discoteca. Eu gostava de Led Zeppelin. Quando garota, sonhava em perder a virgindade com Jimmy Page. Mas eu era uma adolescente rebelde e frequentava danceterias falsificando a data de nascimento em minha carteira de estudante. Deixava os cabelos soltos, vestia roupas justas e brilhantes de lycra e partia para o Studio 54 ou para o Palladium. Não tinha vergonha de manter amizade com os travestis que frequentavam esses locais.

Quando eu ouvia música disco, tinha vontade de dançar. Mergulhando, ensaiei um balé debaixo da água, como uma sereia. Os cabelos formaram uma esteira atrás de minha cabeça. Nadei para a outra extremidade e, ao sair da piscina, me dei conta de que não havia trazido toalha. Coloquei o robe, que colou-se à pele molhada. Então, balançando a cabeça como um cachorro, caminhei na direção da música.

O chalé de Maria era pitoresco. Parreiras revestiam o telhado, caindo pelas bordas tal qual cortinas. Gatos ocupavam cada móvel do jardim, o que dava mais charme ao lugar. As portas de vidro, corrediças, estavam abertas, e através das cortinas finas era possível ver Maria dançando.

Senti-me uma intrusa, uma espia, e recuei um pouco. Mas era difícil desviar a vista. Ela não apenas dançava. Encarnava a própria música. Girava, torcia e balançava o corpo como uma profissional. A cena me lembrou um travesti no Studio 54. Por ser de constituição miúda, Maria se movimentava com facilidade, sem esforço, e seu ritmo era perfeitamente sintonizado com as sonoras batidas da música.

Mas havia algo mais. A música disco era um ritmo que exalava sensualidade, um cha-cha-cha do final dos anos setenta, começo dos oitenta. E Maria bailava como se possuía pela cadência pulsante da percussão ao fundo. Não pude deixar de olhar, nem de sentir-me enciumada. Febril, ela se movia com graça e sensualidade, de uma maneira que poucas pessoas conseguiriam, cabendo-lhes apenas admirar a dançarina e aceitar as próprias limitações.

Fechei a boca, que instintivamente se mantivera entreaberta. Recuei na varanda, sem parar de observar. Então, percebi que eu não era a única testemunha ali presente. A poucos metros de mim, Roland Riggs também espionava Maria.

Fiquei surpresa demais para gritar. Ao contrário, respirei fundo e segurei o fôlego por alguns segundos, antes de exalar lentamente o ar.

— Por Cristo, Roland, o que está fazendo aqui? — sussurrei.

— Ela é linda, não é? — ele murmurou, acomodando-se melhor no gramado, com as pernas cruzadas, e mantendo o olhar fixo na sala transformada em pista de dança.

Eu havia interrompido o devaneio dele.

— Não é um pouco estranho ficarmos aqui do lado de fora, espiando? Vamos entrar.

— Não posso — Roland declarou taxativamente.

— Por quê?

— Faço isso todas as noites, para me distrair. Ela dança e eu observo de longe.

— Maria é uma excelente dançarina, mas ficaria zangada se soubesse que está sendo observada. Isso é voyeurismo.

Ao olhar para Roland, naquele instante, percebi por que ele ingeria a comida de Maria sem reclamar. Por que permitia a presença de tantos gatos na casa, que lhe causavam alergia. Por que aceitava que bonsais invadissem sua mesa de trabalho e coelhos sujassem o carpete.

— Há quanto tempo você está apaixonado por ela? perguntei à queima-roupa.

— Faz tanto tempo que não me lembro mais. Comovida, sentei-me na grama ao lado dele.

— Desde que respiro, talvez — completou Roland.

— Desde que a conheci. Ela era uma criança, então, e ainda é jovem. E eu, minha cara, estou ficando velho. Estou deixando este mundo, enquanto ela dança.

— A idade não importa — recorri ao chavão. — Tudo depende da cabeça, do estado de espírito. Se você ama Maria...

— Deixe... — ele me interrompeu com um gesto da mão. — Eu estava pensando se você não poderia me ensinar a dançar.

— Eu não sei dançar.

— Mas disse que gostava dos Bee Gees no dia em que chegou.

— Quem sabe dançar é Maria, Roland. Eu apenas me mexo como um boneco desengonçado. Ela tem o dom do ritmo, do ritmo latino. Isso não é um mito. Maria se confunde com a música, seja disco ou salsa. A mim, resta ouvir, ver e reagir apropriadamente.

— Mas você conhece o hustle.

— Mais ou menos. E já faz muito tempo.

— Li o artigo que escreveu para a revista Esquire, sobre o fim da era disco. Acho que você pode me ajudar.

A convicção com que Roland falava me fez suspirar profundamente, e o ar que saía dos meus pulmões parecia se misturar à suave brisa marinha que movimentava as

cortinas do chalé de Maria. Ela vestia camiseta e uma calça de malha justa, e os cabelos soltos lhe chegavam à cintura.

— Foi para isso que me trouxe até aqui? Ele não respondeu.

— Roland — eu disse com redobrada firmeza —, você me escolheu para editora do seu livro com base no que escrevi sobre música de discoteca? Um texto que lamentava a perda do espírito livre daquela época? Diga-me que não foi por isso...

Roland apenas suspirou levemente. Senti-me embaraçada, em pânico. Olhei para ele, impassível a minha frente. Sem pensar, esmurrei-o no peito.

— Canalha! Você nos enganou! E aquele poema? Sabe que não podemos publicá-lo. Está se divertindo a minha custa, e de Louis!

— Não enganei ninguém. Meu poema é uma obra de arte. Assim como a dança de Maria. Preciso de você, a Editora West Side precisa de mim.

— Precisamos de você tanto quanto de um buraco de bala na testa! — explodi.

Voltei a olhar para Maria, agora totalmente possuída pelo ritmo pulsante, no fim da música. Observei Roland. Eu tinha de pensar, apesar da ressaca, apesar das batidas da música que latejavam dentro do meu cérebro. Segurei o braço de Roland.

— Vamos entrar num acordo. Você escreve um livro publicável, vendável, e eu o ensino a dançar.

— Feito! — Ele estendeu a mão para selar o acordo.

— Vou dormir — anunciei. — A primeira aula será amanhã. Teremos de fazê-la onde Maria não nos possa ver nem ouvir.

— Esperaremos até que ela se recolha ao chalé.

— Certo, Roland.

Voltei ao meu quarto pelo caminho enluarado. Pela janela, vi Roland imóvel em frente à casa de Maria, observando-a como um animal faminto. Era um homem apaixonado por uma dançarina cujos passos e movimentos tinham o poder de hipnotizar o espectador. E não havia tequila, nem comprimido para dor de cabeça, capaz de me tirar dessa confusão.

Capítulo XVIII

Era meia-noite na Flórida. Madrugada em Londres. Liguei para Michael, para aliviar o peso em minha consciência.

— Alô? — A voz que me respondeu soou arrastada.

— Não me convidou para saudar a aurora?

— Cassie! — O receptor devia ter caído da mão de Michael, pois houve uma pausa e ele praguejou. — Você ainda está aí?

— Não pretendia fazer você derrubar o telefone. É tão chocante assim ouvir a minha voz?

— Sim... quero dizer, não! — A voz estava um pouco rouca, típica de ressaca.

— Está passando a noite em claro? — indaguei.

— Você nem imagina!

— Michael, você precisa parar de dormir com adolescentes.

— Se ao menos fosse verdade!

—Ah-ha! Você finge me desejar, mas o que realmente quer é um belo traseiro jovem.

—O que realmente quero é você, Cassie.

—Por favor, Michael. É absurdo. Nós nem nos conhecemos.

— Então, por que ligou?

— Senti sua falta.

— Mesmo?

Sentada na cama, envolvida em meu roupão felpudo, com a pele ainda úmida e os cabelos gotejando, admiti naquele momento que tinha saudade de Michael. Saudade da voz e da conversa dele.

— Bem, na verdade sinto falta do antigo Michael, de antes dessa ideia ridícula de que devemos nos conhecer pessoalmente.

— Será que é uma ideia ridícula? Cassie, você é o amor da minha vida. Não consigo entender seu receio de que nosso encontro estrague tudo.

— Já lhe contei a história do meu casamento?

— Não.

— Vou poupá-lo então, Michael, mas saiba que não fui criada para ser submissa. Eu sou decididamente... qual é mesmo a palavra?

— Difícil.

— Sim.

— Geniosa.

— Sim.

— Desbocada.

— Às vezes.

— Hostil.

— Sim.

— Mal-humorada.

— Também.

— Desmazelada.

— Ah, sim, eu lhe contei sobre minha última faxineira, uma simpática mulher da Guatemala que pediu demissão depois de um dia inteiro arrumando e limpando meu quarto.

— Muito inteligente, o que a faz ser esnobe.

— Também. Suponho que sim. Então, Michael, não tem sentido nos conhecermos, Michael. Você diz que é isso o que você quer isso, que está apaixonado, mas por outro lado me apresenta uma longa lista dos meus defeitos. Defeitos graves. Não sou o tipo de mulher que você gostaria de apresentar a sua mãe.

— Minha mãe já morreu.

— Sinto muito.

— Já faz anos. Seus argumentos, mais uma vez, estão certíssimos, e é por isso mesmo que eu te adoro. Minha mãe não suportaria você... mas, também, ela era insuportável.

— Michael...

— Você está se apaixonando pelo escritor misterioso?

— Não, mas terei de dançar com ele.

— O quê? — Mais do que incredulidade, detectei indignação no tom de voz dele.

— É uma longa história, Michael.

— Pode começar, estou ouvindo. Agora que você já me acordou, a esta hora da madrugada, depois de uma noite terrível, trate de me contar. Que história é essa de dançar, Cassie? Num minuto é um tango, no outro... você sabe, não?

— Não é tango, é música de discoteca.

— Discoteca? Que tipo de relação profissional é esse? Dançar faz parte do contrato?

— É um relacionamento complexo, como o nosso, Michael. Não estamos indo a dance terias. Eu levaria uma semana para explicar.

— Está dormindo com ele?

Caí na risada, mas senti que ela soou um pouco estridente, como uma reação nervosa.

— O que é tão engraçado?

— Sua ressaca está fazendo você imaginar coisas sem sentido.

— Há dois anos não tenho uma mulher, Cassie.

A declaração dele ficou pairando entre nós, através do Atlântico, por um longo momento.

— E mesmo que tivesse tido... não seria você — ele completou, entristecido.

Michael Pearton era tão bonito que eu não duvidava de que ele pudesse ter qualquer mulher que quisesse. Metade das mulheres de Londres dormiria com ele de bom grado.

— Você está me assustando — afirmei.

— Por quê?

— Porque parece uma obsessão, e eu não gosto disso. Meu pai foi obcecado por minha mãe e teve sua vida arruinada. Agora, a ruína dele é irreversível.

— Não sou seu pai.

— Não, claro, como prova seu sotaque britânico.

— Pare! — O tom tornou-se duro. — Pare de brincar com um assunto sério. Lembre-se da noite em que conversamos por seis horas? Tem ideia do tamanho da minha conta telefônica? Mas naquela noite fizemos uma conexão direta entre dois corações, duas mentes. Não foi uma brincadeira para mim, Cassie. Portanto, não brinque.

Senti o coração acelerado dentro do peito. Lembrei-me de meu pai suplicando para minha mãe ficar. Tinha sido degradante. Levei anos para pensar naquela cena sem chorar.

— Também não é brincadeira para mim — rebati —, mas você está tentando fazer do nosso relacionamento algo grandioso, quando não passa de sexo por telefone e ficarmos conversando nus, cada qual em sua cama.

— Para alguém tão inteligente, Cassie, você age como uma tola. Uma tola completa! Ouvi o barulho de um copo se estilhaçando.

— O que foi isso?

— Nada. Tenho de desligar, Cassie. E assim Michael fez.

Pensei em ligar novamente. Mas, apesar do desejo de fazer isso, me contive. Queria dizer que o amava também. Era como se uma luta se travasse dentro de mim. Uma luta desesperada contra um monstro que ameaçava sair, e eu o empurrava para dentro, com todas as minhas forças. Um monstro que tinha nome: amor.

Capítulo XIX

— Minha mãe costumava tomar gim. Alguém ainda bebe isso? Já meu pai preferia vinho tinto, finos e ricos cabernets. Conhecia as regiões de origem, as melhores safras de uvas. Escolhia suas garrafas cuidadosamente, como relíquias.

Eu gosto mais de tequila, mas também aprecio conhaque. Puro, sem gelo. Durante algum tempo, eu recorria à bebida para esquecer que meu pai tinha me esquecido. Raramente eu conseguia dormir sem tomar um trago de uma bebida alcoólica, depois de um dia inteiro ingerindo cafeína.

Naquela noite, bebi para esquecer como gostava de Michael Pearton.

Acordei pela manhã com uma sensação de ressaca no corpo e Michael na mente. Peguei um refrigerante na geladeira, verdadeiro néctar dos embriagados, fonte de cafeína e de alívio. Massageei as têmporas, vesti short e camiseta e me apresentei na cozinha da casa principal.

— Cassie! — Roland me cumprimentou.

— Não fale tão alto!

— Não estou falando alto.

— Está, sim — murmurei, com gosto de palha na boca.

— O que houve com você? Encarei-o, um tanto atônita.

— Ressaca? — ele emendou. Eu concordei.

— Pois aqui está a cura.

Ele abriu a geladeira e tirou uma lata de suco de tomate.

— Um refrigerante. Quero refrigerante.

Graças a Deus, Roland pegou uma latinha vermelha de dentro do refrigerador. Eu a abri com impaciência e engoli como um pirata com sede de semanas. Enquanto isso o telefone tocou e Roland foi atender.

— Alô? — Ele hesitou um pouco. — Um momento. — Passou-me o receptor.

— Sim?

— Cassie, não desligue. Reconheci a voz de Donald Seale.

— Como conseguiu meu número?

— Sou um repórter, lembra-se?

— Lamento, esqueci.

— Escute, preciso vê-la. Hoje. Agora. Imediatamente. Há um novo brilho no horizonte de Roland Riggs. He você se preocupa com o velho escritor, venha ao hotel. Quarto 872. Por favor, falo a sério.

Senti uma desagradável pressão dentro dos olhos. Desliguei devagar e me dirigi a Roland:

— Tenho de sair e encontrar uma pessoa. E uma longa história. Preciso de um banho e de outra latinha desta, se você tiver.

Com autêntica preocupação, Roland me passou a segunda lata de refrigerante. Bebi metade, com a mão direita, e com a esquerda apertei as têmporas. Sou fã incondicional de banhos quentes e demorados. Naquela manhã, porém, enfrentei uma ducha fria e cortante. Para acordar.

Lembrei-me de que, da última vez em que estivera com Donald Seale, também estava com ressaca. Por isso, ao cuidar um pouco melhor de minha aparência, eu o odiei ainda mais. Escolhi uma calça caqui e uma camiseta nova, de grife. Escovei os dentes durante cinco minutos. O dia ensolarado, lá fora, exigiu que eu usasse óculos escuros.

Manobrei minha banana-móvel para a estrada, levando no painel a lata com o que restava de refrigerante. Liguei o som e escolhi um CD de música suave. Entrei no hotel onde Donald Seale estava hospedado e subi ao oitavo andar sem ninguém me interpelar. Bati à porta com renovada firmeza.

— Cassie... — Ele exibiu seu sorriso arrasador. — Entre.

Sentei-me na poltrona perto da cama, evitando retribuir o sorriso. Revirei os olhos, impaciente, embora com os óculos escuros Don não pudesse ver. Então afastei os óculos e revirei os olhos de novo.

— Não devia dizer-lhe isso — ele começou —, mas gosto de você. Por isso vou lhe fazer um favor. Veja só, o dono da minha revista é Gordon Roth, o mesmo da emissora de televisão que transmite o Hollywood Agora.

— Quase não vejo tevê. Não conheço esse programa de fofocas?

— Pode-se dizer que sim, mas também é um dos mais populares espetáculos em cartaz. Exibe reportais sobre astros de cinema, estrelas da música pop e... escritores. Claro que qualquer escândalo é bem-vindo aos produtores.

— Entendo — retruquei cautelosamente.

— Bem, hoje à noite o programa é sobre Roland. Mais precisamente, sobre a mulher dele.

— A mulher dele é falecida.

— Sim, mas foi uma figura glamorosa no meio cultural, e Roland continua sendo um mito, por viver recluso. Descobriram recentemente um homem, com câncer terminal, que diz ser o caçador que atirou na esposa de Roland. Ele vai pedir perdão no ar. Quer manifestar-se antes de morrer.

— Esse pessoal não respeita limites? Não tem vergonha?

Eu ainda segurava a latinha de refrigerante e, de vez em quando, a apertava contra a testa. Já estava quente, porém, e pouco ajudou.

— Nada tenho a ver com o programa.

Donald observou minha reação. De novo, estava impecavelmente asseado e vestido. Notei as iniciais dele bordadas no bolso da camisa.

— Então, o que pretende, Donald?

— Creio que o programa vai abalar Roland Riggs.

— Essa é uma afirmação suspeita. Quem garante que o sujeito está falando a verdade? Por mim, Donald, estou furiosa e cansada de suas táticas e manobras.

— Tudo o que peço a ele é uma entrevista. Pedi para você vir aqui de modo que preparasse Roland para evitar um choque. Com toda a sinceridade, fiz-lhe um favor.

— Esperando que eu lhe faça outro em troca.

— Seja boazinha, Cassie. E sorria de vez em quando.

— Posso até sorrir, mas não para você.

— Se isso a faz sentir-se melhor, nunca pretendi incomodar Roland Riggs. Preferia que o tal caçador morresse, levando o segredo para a tumba. Mas então comecei a pensar que a revelação pode ajudar Roland. Pode lhe dar uma espécie de... encerramento do caso, um alívio final, entende. Quero que ele saiba também que li Simplesmente Simon cinco vezes. Eu nunca faria qualquer coisa pra magoá-lo.

— Já parou para pensar que esse escritor que você leu cinco vezes é um homem como qualquer outro, que simplesmente escreveu um grande livro? Ele expressou verdades profundas, vindas do coração. Talvez não tivesse nada melhor para fazer, na época, mas escreveu... e desde então... há trinta anos, as pessoas acham que têm direito de se intrometer, de esmiuçar, de destrinchar o livro. Os próprios cunhados só o aceitaram depois que ele ficou rico e famoso. Não, Roland não lhe deve isso. Não deve nada a ninguém.

— Calma, eu só quis que você tomasse conhecimento do programa de hoje.

Então, para minha enorme surpresa, Donald inclinou-se e me beijou. Demorei alguns segundos para entender o que estava acontecendo e, não sei por quê, correspondi ao beijo. Foi uma reação involuntária, mas na verdade eu tinha de reconhecer que ele era um homem atraente. Bonito e charmoso.

Meu coração disparou, e pensei em Michael. Beijeí Donald com intensidade, mas quando percebi o que estava fazendo afastei o rosto e empurrei Donald.

— Que loucura é essa?!

— Você sempre questiona o que faz, Cassie? Com os contatos de seu pai, você poderia ter chegado mais alto na sua profissão. Você jantava com a nata do meio literário, enquanto eu fazia meu modesto trabalho. Espero chegar lá em cima, lançar um livro ou dois, e deixar a maldita revista. Mas você...

— Você não tem a mínima ideia do que estou questionando, Donald. Não pode saber o que eu questiono todos os dias.

A imagem de meu pai, enfermo e abatido, assaltou minha mente. Tinha sido de Louis a ideia de interná-lo numa casa de repouso apropriada, em vez de cuidar dele em casa. Segundo Louis, trocar fraldas geriátricas, dar banho em Jack e oferecer alimento na boca, sem nem sequer ser reconhecida, abalaria o meu equilíbrio, enquanto para Jack só o que importava era que fosse bem cuidado.

— Gostei do beijo. Estava com vontade de beijar você desde que a conheci.

— Se eu for para a cama com você, esquecerá a reportagem sobre Roland Riggs?

— O quê? — Ele se espantou visivelmente.

— Você ouviu.

— Isto não é um acordo de negócios entre nós.

— Sim, é. O beijo foi, e tudo o mais. Você veio para esta ilha em busca de um acordo. Tomou-me como sua parceira de jogo. Mas pode ir para o inferno com suas reportagens. Não conseguirá minha cooperação, nem a de Roland.

— Ótimo. O fato é que nos beijamos, gostei e quero de novo.

Levantei-me e caminhei para a porta.

— Gosto de acreditar, Donald, que mesmo que eu tivesse vindo do nada, jamais me tornaria um parasita.

Bati a porta ao sair.

Dirigindo meu Cadillac amarelo de volta à casa de Roland, rendi-me à sensação do beijo de Donald. Revivi o momento, a língua dele entre meus lábios, a mão firme pousada em minha perna.

Em seguida, intrometeram-se em minha memória lembranças de Michael. Depois de meu pai, da primeira vez em que ele não me reconhecer. Também pensei em danceterias agitadas e, finalmente, em Roland Riggs e seu poema épico de 792 páginas.

Donald Seale estava muito enganado. Agora, eu sabia mais do que nunca o que deveria questionar, em cada movimento que fizesse.

Capítulo XX

— Você não vai assistir?

— Não.

Eu havia encontrado Roland na praia, em sua caminhada antes do programa A Roda da Fortuna. Acabara de contar a ele sobre a entrevista com o tal caçador, que iria ao ar naquela noite.

— Mas ver a reportagem poderia pôr um ponto final nessa história, encerrar o caso, entende? Poderia aliviar a sua dor.

— Não quero encerrar o caso.

— Mas o homem conviveu anos com a culpa e agora deseja...

— Deseja o quê? Dizer que lamenta muito? — A voz de Roland, desprovida de raiva, adquiriu um tom de meiguice. Ele olhou na direção do mar e, conforme seus cabelos grisalhos esvoaçavam, as feições dele me lembraram as de um viking, com os olhos da cor do oceano.

— Ele não precisa se lamentar, apenas relatar o que aconteceu precisamente naquele dia fatídico. Não acha importante saber? A partir disso, você poderia se levantar e realmente andar para a frente.

— Já pensou que eu posso não querer nada disso?

— Sim, mas há Maria e aquela história da música disco. Se você tivesse desistido da vida, por que me chamaria aqui? E por que espiaria sua mexicana dançando, todas as noites? Se não for para dar a volta por cima, para que seria?

Ele estacou, orgulhosamente empertigado. Em seguida, os ombros vergaram, quase em câmera lenta. Roland ajoelhou-se à beira do mar, enquanto as ondas o rodeavam.

— Se eu for em frente, então Maxine estará realmente morta para mim.

Guardei um instante de silêncio, em busca das palavras certas.

— Mas você sempre soube, Roland. Faz tempo. Sempre soube que um dia isso poderia acontecer, com a identificação do caçador descuidado.

Eu já havia me recuperado da ressaca, mas me sentia tão cansada quanto Roland. Agachei-me na areia, ao lado dele, e deixei que a água tépida do Golfo afagasse minhas pernas.

— Não tivemos filhos, mas eu penso nela constantemente. Eu converso com Maxine. Se eu parar de fazer isso e aceitar o que aconteceu, ela vai desaparecer nas sombras do esquecimento, como se nunca tivesse existido.

— Foi por isso que escreveu?

— Escrevi o quê?

— O poema. Sua mensagem. Para dizer ao mundo que Maxine viveu, que esteve aqui.

Roland apanhou uma concha e a lançou ao mar. Ela esteve aqui — repetiu, contrito.
— Esteve aqui.

Não se trata de um confronto com aquele sujeito, Roland, mas apenas de saber o que realmente aconteceu. Ouvir a versão dele. Isso não apagará Maxine de uma mente. Perdoar não significa esquecer.

Roland me examinou com os penetrantes olhos azuis, que apertou num esgar.

— Devo dizer-lhe, minha cara, que você está sendo simplória.

— O quê?

— Seria capaz de perdoar sua mãe?

— Sim, mas ela não está num leito de morte. A esta altura, deve estar viajando pela Europa com um novo marido rico, esperando que meu pai morra para ela se apoderar de alguns bens. Não é exatamente um comportamento perdoável, nem um acidente.

— Cassie, não consigo perdoar. Maria também não. K como se vivêssemos naquela casa na companhia da morte. Mesmo com os pássaros, os coelhos, as árvores anãs.

— E orquídeas de vinte espécies diferentes, como contei outro dia. Não tenho certeza do número exato. Pretendo contar outra vez, um dia desses, simplesmente para me ocupar.

— Certo. E com tudo isso, podemos sentir a morte aos envolvendo, nos cegando.

— Como assim? Qual é o fantasma que assombra Maria?

— Posso confiar em você, Cassandra Hayes?

— Se quiser. Confiança não é conversa fiada, Roland. Sei manter um segredo. Comigo ele estará seguro.

Ele introduziu a mão na areia, ergueu um punhado e deixou os grãos caírem entre os dedos.

— Os pais de Maria eram lavradores, imigrantes ilegais em nosso país. Nessa condição, foram explorados.

Roland manteve o olhar em mim, angariando simpatia. E, em voz baixa, continuou:

— Trabalharam arduamente. Plantando. Colhendo. As mãos, depois de calosas, ficaram em carne-viva, os lábios ressequidos de sede. As crianças, de cinco e seis anos, colhiam as frutas que você e eu compramos no mercado toda semana. Nem mesmo pensamos nisso quando adquirimos alimentos. Mas alguém, como os pais de Maria, sofreu para produzi-los.

Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

— E então apareceu Chavez, um defensor dos direitos dos imigrantes. Ele espalhou sua doutrina e o pai de Maria entrou na luta, como um organizador, um líder camponês.

— Combina com Maria... a filha de um guerreiro.

— Você também é uma guerreira, a seu modo. Meneei a cabeça, aceitando o elogio.

— Mas aquilo foi diferente. Chavez e o pai de Maria trabalharam lado a lado. Foram presos juntos. Torturados juntos. O maior sacrifício, porém, sobrou para a mãe e sua prole. Continuaram trabalhando nas plantações, mas protestavam e lutavam pela causa. Precisavam de dinheiro. Pura e simplesmente de dinheiro, dos dólares do inimigo e opressor.

Roland levantou no ar outro punhado de areia.

— Se pedissem para o pai desistir, permanecendo Junto à família, eles seriam escravos para sempre, jamais alcançariam a liberdade. Se acompanhassem o chefe da família, também não teriam chance. O dilema era escolher entre protestar ou morrer.

— E o chamado dilema do prisioneiro, segundo os filósofos. Maria é bonita demais para desperdiçar a vida na lavoura. Não consigo imaginá-la trabalhando no campo. Não depois de ver o que fez com sua casa.

— Ela criou um santuário para mim, é verdade. Por muitos anos, nada falou de sua família, de sua infância. Mas eu percebi o que a atormentava. Tinha se tornado parte dela.

Imaginei, angustiada, que meu pai também se tornara parte de mim.

— Por fim, Chavez conseguiu algumas concessões das grandes companhias agropecuárias. Ele mudou. Mas, nessa época, o pai de Maria já estava morrendo de câncer no pulmão.

Roland soltou a areia, fazendo dos dedos uma ampulheta. As areias do tempo.

— Maria se casou com o primeiro canalha que botou olhos nela. Não era pobre, nem lavrador, nem mediano. Apenas um canalha. Ela continuaria na lavoura, se não fosse isso. O marido, advogado, obteve a cidadania americana para Maria. Claro, só queria mantê-la junto a si e espancá-la quando lhe desse vontade! De certo modo, entendo o que aconteceu.

Fechando os olhos diante do mar, também imaginei a reação de um homem à visão da bela Maria, com seu lindo corpo moreno. Minha opinião sobre advogados, porém, rivalizava com o conceito que tinha de repórteres como Donald Seale.

— Deve ter ficado louco com o que viu — confirmou Roland. — Uma mulher jovem e desejável, sozinha e vulnerável. Analfabeta. Fácil de manipular. Afastou-a de sua família, a ponto de impedi-la de ir ao funeral do pai. Ensinou-lhe inglês. E batia nela regularmente.

— Gostaria de arrancar os olhos de um homem desses — declarei.

— A cada dia que passa, gosto mais de você, srta. Hayes.

O escritor examinou uma concha quebrada, antes do devolvê-la à água.

— Há mais a contar, claro, mas estou cansado. Basta dizer que existem mais fantasmas naquela casa do que os que seriam necessários para assombrar a ilha inteira.

— Creio que está enganado, Roland. Se você se libertar do passado, Maria também o fará. Mas você precisa querer. Precisa ver o programa de tevê, antes de nossa aula de dança. Caso você pense que conseguiu uma catarse apenas com seu livro, então está lidando com a editora errada para ele.

— Srta. Hayes — Roland mostrou os olhos marejados —, tenho convicção de que encontrei a editora certa. Mesmo que ela seja teimosa e cheia de manhas. Eu me levantei.

— Eu o verei mais tarde, Roland. Quero que saiba que pretendo assistir ao programa.

Capítulo XXI

Não sei de onde me veio a ideia de que veria na tevê um homem cheio de simpatia e carisma pessoal. Milagres são raros, e não obtive um por mais que pedisse, quando tinha seis anos e minha mãe me abandonou.

No programa Hollywood Agora, deparei com uma pessoa totalmente imprópria para aparecer na televisão. Orville Hobart, o ex-caçador, era feio, com barba por fazer e aparência doentia. Usava uma camisa com uma flecha bordada, e o fato de ninguém se sentar ao lado dele confirmou para mim que a tal seta deveria ser apontada diretamente para a cabeça dele.

— Vim esclarecer as coisas — ele murmurou timidamente. — Vivi com a visão daquela mulher caída por todos esses anos.

— Mas por que adiou sua confissão até agora? — perguntou a apresentadora.

Orville encolheu os ombros e tirou um lenço amassado do bolso, que usou para enxugar o suor da testa.

— Me apavorei, não queria ir preso. Mas agora chegou a hora de prestar contas ao Criador. Tentei encontrar o sr. Riggs, para contar tudo, e não consegui porque ele se tornou uma espécie de ermitão. Não tive sorte, nem antes, nem depois. E como analiso os fatos.

— Se pudesse dizer alguma coisa diretamente ao sr. Riggs, o que diria?

No close que apanhou de Orville, a câmera mostrou um olhar repugnante.

— Eu pediria desculpas. Foi um acidente, sr. Riggs. Estava perseguindo um cervo grande e ele disparou direto para seu quintal. Não vi a sra. Riggs, a não ser depois que atirei. Infelizmente... o tiro a atingiu. Se isso o faz sentir-se melhor, sr. Riggs, saiba que tive uma vida infeliz e miserável, depois daquele dia.

Então, no ar, Orville Hobart começou a chorar. A câmera deslocou-se para os apresentadores do programa, com suas expressões estudadas e artificiais.

— Bem, Bárbara, essa é uma história e tanto. Orville Hobart passou anos tentando estabelecer a paz com Roland Riggs, famoso autor do livro *Simplesmente Simon*, que toda a nossa geração leu na escola.

— Certo, John. Mas onde está Roland Riggs neste momento? O mais misterioso escritor do país não dá uma entrevista há trinta anos. Será que ele ouvirá o pedido de perdão de Orville Hobart? Manteremos você, telespectador, informado de qualquer desdobramento desta reportagem.

Que desdobramento? Orville iria morrer sem nenhum sinal de perdão por parte de Roland. Disso eu tinha certeza.

Voltei para a cozinha, onde Maria enchia dez tigelas com comida para gatos. Uma vez de manhã, outra à noite, ela espalhava as cumbucas pelo jardim. Notei que Maria chorava. O pequeno televisor da cozinha estava ligado no programa que eu vira. A participação de Orville Hobart havia terminado, e mesmo assim os locutores anunciavam que a entrevista seria reprisada às onze horas.

— Você assistiu? — interpelei a mexicana.

— Sinto-me muito triste pelo sr. Riggs.

— Eu também.

— Ele e eu somos parecidos. Perdi todos os que amava. Restaram-me os gatos e coelhos.

— E os pássaros.

— E o sr. Riggs. — Ela meneou a cabeça com ênfase. — Especialmente agora, nunca poderei deixá-lo.

Arrumou as tigelas numa bandeja grande e saiu para o jardim. Para uma casa que ficava tão perto da praia, acariciada pela brisa marítima e alegrada pelos bichinhos e flores, Roland tinha razão: a morte espreitava em cada canto, abrindo seus braços funestos como um bonsai enorme e invisível.

Capítulo XXII

“Dois pés esquerdos” é uma expressão empregada para pessoas que, desajeitadamente, aprendem a dançar e pisam no pé dos outros. Roland Riggs, porém, era tão desajeitado que eu ousaria dizer que ele não tinha pés. Lembrava uma lesma a balançar o corpo sobre os dedos cansados. Da maneira como a aula transcorreu, saí com a impressão de que eu ficaria mais velha do que ele, antes de conseguir um novo original do escritor.

Havíamos marcado a lição de dança para as dez da noite, na sala principal da casa. Os móveis foram afastados, os coelhos tirados do caminho. Enfrentei a missão certa de que merecia o que ganhava na editora, embora parte da equipe, enciumada com minhas entradas e saídas fora de hora, pudesse julgar que não.

Escolhi *Staying Alive* para tocar no aparelho de som embutido na estante. Apertei o botão e ouvi soar a canção imortalizada no filme *Embalos de Sábado à Noite*.

— Algum motivo em particular para sua escolha?

— Sim — brinquei. — Confio em que transformarei Você num John Travolta.

Nesse ponto, Roland começou a balançar o corpo.

— Certo, certo. Lembrei-me de ter testemunhado o fim da geração

disco. Em Nova York, os adolescentes tinham o privilégio de entrar na fila para o Studio 54, ousadamente trajados, e torcer para driblar a vigilância dos porteiros, alcançando a pista famosa atrás da cortina de veludo. Certa noite, o próprio músico Steve

Rubell acenou para mim. Estava de calça justa, com decote acentuado e os cabelos escandalosamente armados para cima. Acho que mereci os assobios da multidão. Lá dentro, minhas amigas Ana e Jennifer foram cheirar droga no banheiro unissex, junto com dois transexuais, enquanto eu tomava vodca suficiente para afundar um marinheiro russo.

Ao ouvir os Bee Gees na sala de Roland, permiti que as boas recordações voltassem.

— Está bem, Roland, vamos trabalhar no balanço. Segurei as mãos dele, frias e secas, salpicadas de manchas senis. De qualquer modo, o escritor estava longe de manifestar sinais de artrite. Animei-o a dançar no ritmo da música, mexendo os quadris para os lados.

— É isso aí. Não vamos falar nada agora.

O falsete do vocalista Barry Gibbs foi imitado a distância pelo papagaio. Os coelhos se abrigaram debaixo da mesa.

— Certo. Estou conseguindo.

Movi-me para perto de Roland, procurando mostrar-lhe como o balanço do ritmo disco era semelhante ao da valsa, apenas simplificado. Tratava-se, nos dois casos, de intuir o que o parceiro iria fazer. Quanto aos meneios mais suaves e graciosos, podiam ficar para depois. Então, o escritor pisou no meu pé direito. Com força.

— Ai! — gritei, fazendo eco a Barry e outros integrantes do grupo musical.

— Desculpe-me, Cassie. Vamos tentar de novo.

— Observe. Balance o quadril esquerdo, depois o direito, depois os dois ao mesmo tempo, enquanto você junta as mãos. Ai! — Meu pé latejou de dor sob uma nova pisadela de meu parceiro.

— Perdão. Realmente, acho que não tenho jeito para dançar.

— Você e Maxine nunca dançaram?

— Não. Nem mesmo tivemos uma festa de casamento, por isso fiquei fora da lista dos bons bailarinos.

— Bem, vamos tentar novamente. Capriche!

Ele tentou, mas com a graça de um tubarão perdido na orla marinha. Ou de uma morsa espadanando sobre um rochedo. Sorri para Roland de modo encorajador, como se não estivesse preocupada com meus pés.

— Talvez estejamos apressando demais as coisas — afirmei. — E melhor colocar uma música mais lenta.

Fui ao aparelho de som e coloquei uma melodia romântica.

— Cassie?

— Sim?

— Por favor, você me diga se julgar que não tenho esperança.

Antes de chegar a Sanibel, ou seja, antes de conhecer

Roland Riggs, certamente eu lhe diria, sem piedade, o que já pensava dizer: "Você é um desajeitado sem remédio, um boi no pasto, e dançar é a ideia mais tola que poderia ter tido. Agora, vá detonar sua governanta mexicana, realize suas fantasias e escreva para mim um maldito livro publicável".

No entanto, minha existência estava na fase pós-Roland Riggs. Eu ponderaria, de preferência, em como vinha me afastando de Michael Pearton, em como Roland e Maria se completavam e necessitavam um do outro, até serem felizes juntos, em meio a coelhos e árvores anãs, num lugar desprovido de uma cafeteria decente.

— Claro, vou lhe dizer se for preciso. Mas você é apenas um pouco torto para o lado esquerdo. Deve corrigir a postura. Logo estaremos dançando um bom rock.

Assim, dancei com Roland até que meus dedos protestassem, provocando-me horríveis caretas. Repetimos as músicas diversas vezes, e no fim eu me senti pronta para ir para a cama e dormir.

— Já está bom para uma noite — aleguei. — Sugiro que leve o CD de Embalos de Sábado à Noite para seu quarto e ensaie bastante. Falta você entrar no espírito da música.

— Certo, certo — ele concordou. — Não fui tão mal, fui?

— Não — sussurrei em meio à dor nos pés.

— Pode ir se deitar, Cassie. Eu coloco os móveis no lugar.

Na verdade, em vez de rumar para a casa anexa, tomei o caminho da cozinha, atrás de uma das latinhas vermelhas que sabia existirem no refrigerador. Também apanhei um saco de batatinhas chips. Escondi os dois preciosos objetos debaixo da blusa, para o caso de Roland estranhar.

Já na segurança do quarto, rolei a lata gelada sobre a testa e, depois, sobre os pés massacrados. Voltei a pensar na prometida e frustrada sequência de Simplesmente Simon. Ela nos faria ricos, a mim e a Louis. A Editora West Side seria assediada por produtores de Hollywood, com lances incalculáveis pelos direitos de filmagem.

Meus pés latejavam como se contassem com vida própria. "Tudo pelo êxito da missão", decretei a mim mesma. Imaginei Maria dançando todas as noites sozinha, em frenesi, exsudando com seu suor os fantasmas que rondavam a casa. Não, não poderia ser tudo pelo êxito da missão. Meus pés tinham perdido a sensibilidade, e talvez eu também, inteira.

Capítulo XXIII

No meio da noite, escutei um grito que não só me despertou, em sobressalto, como arrepiou todos os fios de meus cabelos. O som era mais do que um grito. Era o uivo de um homem preso nas garras do tormento. A princípio cogitei se teria sido um pesadelo, mas então ouvi de novo:

— Ahhhhhhhhhhhhh!

A voz, inconfundível, pertencia a Roland. Pulei da cama, vesti a camiseta folgada que mantinha à mão e tirei da mala um jeans que coloquei apressadamente, em cima do pijama.

Corri para o hall, à procura da fonte do som, no mesmo momento em que Maria irrompia pela varanda.

— É o programa de televisão. Eu sabia que isto iria acontecer — ela comentou entre lágrimas.

— Ele me disse que não iria assistir.

— Mentira. Ele amava Maxine demais para deixar de ver.

Maria abriu a porta do quarto de Roland, que mais parecia uma biblioteca com uma cama no meio. Prateleiras de livros ocupavam quase todo o espaço, tornando aparentemente estreito o leito king size que o escritor utilizava. Ali, entre lençóis e mantas revirados, jazia Roland, com uma garrafa de uísque bourbon na mão.

— Ahhhhhhhhhhhhh! — ele gritou outra vez, alheio à nossa presença.

—O que foi, Roland? — perguntei ao lado de Maria, que por sua vez assumia o papel de enfermeira eficiente, com movimentos rápidos e mesmo assim graciosos, que não deviam ser novidade para ela.

Esticou a roupa de cama e recolheu a garrafa de álcool dos dedos do patrão.

—Que idiota! Que idiota! Se ao menos... — Ele começou a chorar como um menino assustado.

Maria o abraçou, aplicando os lábios perto da orelha de Roland e consolando-o, enquanto lhe afagava a cabeça com gestos suaves.

—O senhor tem de tomar água com uma aspirina — ela praticamente ordenou. — Sua cabeça vai doer amanhã, sr. Riggs. — Em seguida, olhou para mim. — Continue falando com ele até eu voltar.

Maria saiu do quarto com passos apressados.

—Foi um acidente — eu disse a Roland em tom suave, segurando-lhe a mão num procedimento que costumava adotar com meu pai quando ele esquecia meu nome.

—E ele ainda transmitiu uma atitude nobre, de algum modo — murmurou o escritor. — Não se confundiu com um caçador desastrado, de rosto vermelho e pouco cérebro. Para quê? Para quê?

Ele apontou o dedo indicador para o teto.

— Se foi Ele... — Roland retomou o pranto.

— O quê?

— Se tivesse sido um acidente, eu conseguiria aceitar. Mas esse idiota falando na tevê... — Roland soluçou. — E minha Maxine, aquele anjo, foi morta por um homem que eu não deixaria cuidar do meu papagaio, quanto mais permitir que carregasse uma espingarda. Não faz sentido. É tão patético, tão...

Chorou e gritou novamente, produzindo um som assustador. Os cabelos grisalhos se esparramavam sobre o travesseiro, compondo a figura de um cientista ou pintor de outro século. O detalhe é que o tormento de Roland não era causado por um pesadelo ou por um rato enorme que tivesse invadido seu quarto, mas por um engano, um equívoco, um trágico acidente provocado por um caçador irresponsável que agora também estava à beira da morte.

Apertei os dedos de Roland e refleti sobre o assunto. Seria o caso de ele se conformar com o que acontecera se o acidente tivesse sido causado por um homem refinado e bem-educado, em vez de um bronco que apertara o gatilho da arma no momento errado? Não era difícil entender: uma vida preciosa, de uma mulher jovem e brilhante, ceifada pelo gesto precipitado de um homem que não passava de um brutamontes irresponsável. Com que sentido, com que finalidade? Roland tinha razão em gritar: "Por quê? Por quê?"

Maria retornou, os ombros retos, demonstrando total autoridade.

— Beba — instruiu, sentando-se ao lado dele para levar-lhe aos lábios um copo d'água. — Ponha a língua para fora — ordenou de novo, para pôr dois comprimidos na boca de Roland.

—O quarto está girando — queixou-se ele.

—Agora beba — disse a mexicana com firmeza, antes de ajudar o patrão a deitar-se outra vez.

Ele obedeceu com cordialidade.

—Fique deitado. Um bom sono pode curar isso. Num instante incrível, mágico até, Maria começou a entoar uma canção de ninar em espanhol. Uma melodia lenta, repetitiva, do tipo que as mães usam para acalmar os filhos pequenos, em qualquer idioma, do medo de fantasmas e monstros.

Não compreendi nenhuma palavra, mas vi como Maria aninhava a cabeça de Roland entre seu colo e uma das mãos. O pobre homem ainda soluçou algumas vezes, depois suspirou e finalmente adormeceu.

— Às vezes, a morte não faz sentido, sr. Riggs — Maria sussurrou, sem mover-se do lugar. Quando percebeu que ele pegara no sono, ergueu-se da cama e completou: — Agora vamos. Ele vai dormir bem, talvez sonhar um pouco, mas nada de desagradável.

Descemos juntas até o corredor.

— A morte tem o dom de impressionar os vivos — Maria sentenciou, parecendo saber do que falava.

— Já aconteceu antes?

Ela me encarou com o olhar fixo.

— Ele nunca se esquecerá da sra. Riggs. E aquele homem na televisão o fez relembrar de tudo. Ela ainda está aqui. — Maria olhou para o teto sombrio. — Não deixará o sr. Riggs em paz.

— Bobagem — rebati, incrédula. — Ele precisa encontrar uma maneira de aceitar que é o fim de tudo.

— Não pode ser... Não mesmo — murmurou a mexicana, retirando-se.

Capítulo XXIV

Na manhã seguinte, arrastei-me até a cozinha, onde Maria picava cebola para outro de seus pratos fatais.

— O que aconteceu com você? — ela perguntou, vendo-me mancar, mas sem parar de vibrar o facão afiado nobre a tábua de cortar. Com tudo o que tinha acontecido durante a noite, Maria certamente não notara meus pés inchados. Eu própria tinha corrido ao quarto de Roland movida a adrenalina, sem perceber as extremidades vermelhas e inflamadas.

— Ah, fui atacada por caranguejos na praia, ontem.

— Nunca ouvi falar.

— Acontece, quando se caminha na areia no fim da tarde.

Ela balançou a cabeça, sem acreditar, e passou a untar as cebolas em pequenos cubos.

— Bem — insisti —, é bom você ficar alerta quanto nos caranguejos.

— Não creio, e acho que você está brincando comigo.

— Certo, depois não me culpe por um ataque de caranguejos a seus pés. Eles andam de lado, você sabe. Agem como guerrilheiros.

Fiz menção de me dirigir à porta.

— Aonde vai?

— Lá fora.

— O que devo dizer ao sr. Riggs, se ele perguntar quando você estará de volta?

— Mais tarde.

— Hoje será um dia triste para ele. Acho que você deveria ficar.

— Maria, sou apenas a editora dele. Você é a enfermeira, a cozinheira, a perita em plantas e animais. Eu diria mais: que você também é a musa dele.

— O quê dele? No compreendo.

— Nada.

Saí com o cuidado de não pisar no gato amarelo e gordo que dormia no tapete da entrada. Ele nem me percebeu, mas outros felinos me rodearam quando fui pegar o carro na garagem. Mais gatos surgiram perto da cascata e da fonte. Talvez houvesse algum pendurado na árvore, como um bicho-preguiça. Imaginei se os gatos olhavam para os coelhos anões pensando em comida. Não sei por quê, mas a ideia de ver Pedro e José entre os dentes dos felinos me deixou apreensiva. Em contrapartida, o fato de eu me preocupar com coelhos indicava claramente que meu tempo de permanência na ilha tinha se esgotado.

Ao dirigir até o hotel de Donald Seale, pensei no beijo que havíamos trocado da última vez. Já não sabia por que o detestava tanto, nem mesmo se antipatizava com ele. Disse a mim mesma, repetidamente, que ele só estava tentando fazer seu trabalho. No entanto, quando o repórter abriu a porta e eu entrei no quarto, voltei a considerar que ele não valia nada como ser humano.

— Aqui está seu livro. — Avancei e atirei o exemplar sobre a cama. — Você não conseguiu provar coisa alguma. Roland Riggs não escreve romances femininos.

— Pois eu confio em minha versão.

— Combina com você — cortei asperamente. Como confiar em um homem sozinho que não deixa toalhas espalhadas por seu quarto de hotel? Donald era limpo demais, cheirava bem demais, era ordeiro demais.

— Você será prejudicado se Roland processá-lo por calúnia e difamação.

— Você viu a entrevista do caçador agonizante? — ele indagou.

— O homem com uma flecha bordada na camisa? Sim, eu vi. Roland, não. Você não conseguirá sua entrevista, Donald, simplesmente porque ele não liga para nada. Está inteiramente voltado para o passado. — Sem querer, adotei um tom de blefe: — Entendo que você almeje um prêmio de jornalismo, não posso condená-lo. Mas a entrevista não acontecerá. Nem agora, nem quando o novo livro for publicado.

— Posso citar você na minha matéria, com essa frase?

— Donald, já devolvi seu livro. Todos os trechos destacados em amarelo não provam que se trata do mesmo autor. Qualquer estudante que tenha lido Riggs no colégio poderia imitá-lo. Bem, agora eu me vou, mas quando o novo livro for lançado você receberá material promocional, como toda a imprensa.

— Não quero esperar tanto, até ver você de novo. Enquanto falava, Donald veio atrás de mim e, me abraçando por trás, beijou minha nuca. Arrepios me desceram pela espinha e, determinada a ignorar as sensações que ele me provocava, tentei me desvencilhar do abraço. Mas, em vez disso, virei-me e o beijei na boca.

Ele gemeu.

— Você me deixa louco...

— Já ouvi isso de alguns homens, mas não como elogio.

— Por favor, entenda como elogio. — E continuou seu ataque com a língua.

Até hoje, não sei como foi que minha saia caiu ao chão e a calça dele desceu até abaixo dos joelhos. Eu não sabia o que fazia, nem me lembro de como fomos parar em cima da cama. O fato é que fizemos amor com avidez.

Além de bonito e dono de um corpo atlético e perfeito, Donald era um amante hábil e experiente. Mas, quando o clímax explodiu e tudo terminou, vesti-me com a rapidez de quem ia tirar o pai da forca.

— Não vá. Passe a tarde comigo, Cassie — ele suplicou.

- Não posso.
- E se eu lhe disser que vou desistir da reportagem?
- Não foi por isso que me deitei com você.

— Eu sei.

— Há fagulhas entre nós, Donald. Você me atrai mas também me irrita. E sei que a recíproca é verdadeira. Vamos esquecer o que aconteceu, ou lembrar como simplesmente um momento bom. A minha vida é meio complicada.

Ele recostou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, enquanto eu partia. Dentro do carro, a caminho da casa de Roland, passei pela praia e pelo farol. Naquele instante, senti uma incontrolável onda de náusea e tive de parar o carro e correr para a areia. Meu estômago convulsionou e um gosto ácido invadiu minha boca.

Cheguei debilitada à casa de Roland. Havia me esquecido, mas a possibilidade se confirmou: ele e Maria comiam algo que recendia perigosamente a pimentão. Acenei para eles e fui direto para meu quarto, seguida pela dupla de coelhos.

Meu estômago começou a se contrair novamente, e a acidez me subiu pela garganta. Corri para o banheiro e me ajoelhei em frente ao vaso sanitário. Meus olhos ficaram marejados de lágrimas. Eu me sentia a mais desprezível das mulheres. Tinha a sensação de que nunca mais voltaria a me sentir normal outra vez.

Então, quando me pus de pé, sentindo-me ligeiramente melhor, me dei conta de que as lágrimas em meus olhos não eram consequência da náusea e do mal-estar. Atônita, percebi que eu estava chorando e que não conseguia parar, por mais que tentasse.

Pouco depois, abri o laptop e entrei no meu e-mail.

Michael:

Estou na maior confusão da minha vida. Evitei você e agora sou eu a enfeitiçada. O que está pensando? Que é impossível? Insano? Que apenas começamos a dançar e a música cessou? Você tem razão. Nunca usei seu aparelho de chá, nem uma única vez. No instante em que abri a caixa, eu soube que jamais usaria aquela porcelana. Foi o presente menos prático que já recebi. A louça agora está arrumada na prateleira, tomando pó. Precisa ser lavada, o que vai renovar aquelas pouco atraentes estampas cinzentas. Mas isso é contra minha natureza. Recuso-me a limpar seu aparelho de chá.

Por quê? Já me perguntei isso várias vezes. Minha arrumadeira, que vem a cada duas semanas, ofereceu-se para fazer o serviço e eu não deixei. Finalmente, percebi o motivo: suas mãos foram as últimas a tocar aquelas xícaras, você as embalou e despachou para os Estados Unidos. Suas impressões digitais ainda devem estar na superfície.

Por mais feioso que seja, Michael, aquele aparelho de chá é tudo o que eu possuo de você. Não sei se isso equivale a dizer que amo você. Nunca tentei entender.

Será que eu estou ficando louca, Michael?

Cassie

Pronto. Estava feito e redigido. Com o dedo pousado no mouse, pronto para apertar a tecla "Enviar", li e reli a mensagem. Minha mão começou a formigar sobre o mouse, quase a arder. Os dois coelhos me observavam, à espera.

— Eu sei, eu sei — murmurei para eles. Então, pressionei "Enviar".

Era tarde para voltar atrás. A mensagem já fora transmitida.

Fechei o laptop e enxuguei os olhos. Precisava de um bom banho, bem demorado, para acordar fresca e limpa na manhã seguinte. Mas primeiro, precisava parar de chorar.

Capítulo XXV

Mais tarde, depois do banho e de um cochilo por meio do qual procurei adormecer meu arrependimento, voltei ao computador e ignorei cinco e-mails de Donald. Não havia nenhum de Michael.

Cassie:

Não consigo parar de pensar em você. Desisti da reportagem. Quero que você dê a nós dois uma chance justa de avaliar o que houve. Por favor, deixe-me vê-la outra vez.

Donald

Cassie:

Admita que existe uma química poderosa entre nós.

Donald

E prosseguia no mesmo tom. Donald fazia a carga parecer mais difícil de suportar. Seria outra razão par odiá-lo. O pobre repórter me pressionava com a perspectiva de um relacionamento efetivo, sem saber como eu havia passado mal só de pensar nele.

Ouvi mensagens gravadas na caixa postal telefônica: autores inconformados com a modesta campanha de marketing para seus livros. Por que não podiam comparecer ao programa de Oprah Winfrey, o de maior audiência na tevê americana? Havia escritores aborrecidos com intervenções nos textos ou insatisfeitos com o valor depositado em suas contas pelos direitos autorais. Uma livraria tinha comprado quarenta exemplares, vendido vinte e devolvido vinte. Teríamos de pagar pelo lote completo. Perguntas, queixas, reclamações. Nenhuma das mensagens, porém, era de Michael. Frustrada, fui até a praia e procurei Roland. Encontrei-o na beira da água.

— Você está bem? — indaguei.

Ele deu de ombros, o que me levou a sentar na areia perto dele. A neblina estava se adensando e eu tremi de frio. Assim é na Flórida, quando o vento sopra do norte.

— Se isso o faz sentir-se melhor, Roland, saiba que compreendo você. Talvez fosse mais gratificante, por uma maldita fantasia, idealizar o homem que atirou em Maxine. Mas foi aquele idiota, com a flecha bordada na camisa, e você tem de aceitar a realidade. Já é tempo de voltar ao mundo dos vivos. Voltar a esta ilha que você adora, apesar de não existir aqui nenhuma cafeteira. Volte para Maria, pelo menos.

— Ela não vai me querer. Não depois de me ver naquele estado ontem à noite... e em outras noites.

— O que quer dizer? Ver você com uma garrafa de uísque na mão? Ouvir você gritando assustado?

— Preciso perguntar a Louis se você é sempre tão confortadora.

— Pode contar comigo, Roland.

— Sem chance.

— Veja, estou ensinando você a dançar e, com isso, conquistará o coração de Maria. Além de escrever o livro que aguardo. Não é hora de chafurdar num poço de auto piedade.

— Mas eu quero chafurdar.

— Pelo que vi, desde que cheguei aqui, você está cheio de vitalidade. Só lhe falta espanar a poeira de sua vida e voltar a amar, Roland. Maxine se foi. Não tem volta, pelo menos nesta vida, se é que há outras. Você pode homenageá-la, sempre, meu caro, mas isso não muda a realidade.

— Está sendo dura comigo, não acha? Se é tão sábia em assuntos do coração, o que está acontecendo entre você e Michael Pearton?

— Ele parou de se apoiar em mim. Porque eu disse que não iria a Londres. Porque estou aqui e ele lá.

— Porque você não se permite amá-lo, talvez.

— Suponho que sim.

— Somos uma dupla de retardados, não?

— Nunca poderia concordar tanto com você, Roland. Observei uma criança cavando a areia com uma pá de brinquedo, ao lado da mãe.

— E se você falar com Maria? Tentar saber qual é a posição dela sobre tudo isto?

Roland sorriu e, pela primeira vez naquela tarde, ele virou a cabeça e olhou para mim.

— Meu Deus! — exclamou. — Você está com péssima aparência!

— Obrigada. Você tem muito jeito com as mulheres.

— Deus do céu! O que aconteceu com você?

— É uma longa história.

— Está pálida... E com a pele manchada, como se... bem, apenas manchada.

— Novamente, Roland, agradeço por tentar elevar o meu ego.

— E Michael Pearton, não?

— Muito mais.

— Você não pode ir a Londres?

— Acho que não. Não consigo lidar com minha vida amorosa. Mas vou tentar me intrometer na sua, sem muito estardalhaço.

— Obrigado.

— Acho que vou falar com Maria.

— E hoje à noite, mais tarde?

— Aula de dança. Se meus pés aguentarem.

— Tentarei encarnar o espírito de Fred Astaire.

— Bastaria o de algum instrutor da escola de dança Arthur Murray. Mas há uma coisa que quero saber, Roland.

— Claro. Pergunte.

— Por acaso, nesses anos de reclusão, você escreveu algum outro livro? De qualquer gênero, sob pseudônimo?

Ele se manteve imóvel. Eu o examinei com vagar, parecia que não respirava. Então, de maneira quase imperceptível, ele anuiu com um gesto de cabeça.

— Não vou lhe perguntar como ou por que começou. Lembra-se de Alice caindo na toca do coelho?

Roland olhou para mim, curioso.

— Bem, Alice nada tem a ver com minha jornada ao País das Maravilhas. Graças a você, Roland.

— Está brava comigo?

— Não, mas vou sumir antes que o Chapeleiro Louco apareça.

Ergui-me e caminhei para a casa, pensando que aquela soberba propriedade se devia não só aos lucros de Simplesmente Simon, mas de outros romances comerciais, publicados sob nome falso. Talvez até um nome de mulher. Seria Roland Riggs uma "fera" da literatura feminina? O mesmo homem que escrevera uma saga sobre a fúria da guerra?

Era um pálido lampejo de como podia ser estranha a toca do coelho.

Capítulo XXVI

Maria dava de comer aos animais quando me arrastei para o jardim, consciente dos pés doloridos e de uma estranha opressão no peito. Também estava ciente da minha pele manchada. A beleza de Maria, como sempre, era imaculada.

— Maria?

— Sim?

Ela moveu-se com agilidade de uma tigela para outra, segurando entre o braço e o quadril um grande saco de ração.

— Você é muito dedicada a esses animais.

— Eles precisam de mim. Às vezes, o sr. Riggs reclama e diz que estou criando todos os gatos de Sanibel. Mas bem que ele gosta deles.

Sem dúvida, pensei enquanto me abaixava para recolher um graveto, que estalei entre os dedos.

— Você cuida muito bem de Roland, como ficou claro ontem à noite. Agiu melhor do que uma enfermeira, melhor do que eu mesma saberia fazer.

— Ele precisa de mim — Maria repetiu. — Em todos esses anos, eu sei. É um dom.

— Verdade?

— O quê? Meu dom? — perguntou, sorrindo satisfeita com o miado dos gatos e seus meneios em torno dos pés dela.

— Diga-me, você continua aqui porque Roland precisa ou porque gosta? Fica por causa dos gatos? Sabe que você poderia encontrar outro emprego e sair da ilha para uma cidade grande.

— Ele é meu bebê. Você viu. Às vezes acontece e tenho de estar alerta. Acontecia com mais frequência, logo que eu cheguei aqui. Quase todas as noites. Temo que, sem mim, o sr. Riggs enlouqueça. Não escreveria mais nada, simplesmente iria... definhar. E quem cozinhará para ele? Quem cuidaria do jardim? Esta é a minha casa, minha verdadeira casa.

— Não gostaria de trabalhar menos? De ter, para variar, alguém que cuidasse de você?

Fiz uma pausa, certa de que estava confundindo moça. Ela demonstrou sua preocupação ao arquear as sobrancelhas grossas.

— Desde que era pequena e vivia no campo, o trabalho não me assusta. Não fui à escola. Cuidava de meu irmão menor, vários sobrinhos órfãos e outras crianças, num total de nove. Trabalhava mais do que agora, mas nunca pensei em limpar uma casa em troca de um prato de comida. Veja, quando cheguei, não existia jardim nem horta aqui, só areia.

Hoje, falo com as plantas e elas crescem viçosas, porque sei que me entendem. Somos todos felizes neste pedaço do paraíso.

— Mas você não pensa em se divertir? Namorar? Formar uma família, ter uma casa que seja sua?

— Esta é a minha casa — Maria repetiu, arregalando os olhos de modo significativo.

— Por favor, não conte esta conversa ao sr. Riggs. Tenho minha maneira de fingir que sou a dona da casa. Já fui casada com um homem bonito e inteligente, que conhecia o mundo muito mais do que eu ou minha família. Foi assim que conheci o sr. Riggs.

— Mesmo? Acho que nunca perguntei... bem, quer alguma ajuda?

— Não. Gosto de cuidar dos bichanos.

— Então, conte-me como foi que conheceu Roland.

— Estava em Sanibel de férias com meu marido. Ele queria pescar. Viemos de Dallas, portanto conheço a cidade grande. — Maria descartou o pacote de ração e apanhou no colo um gato preto, cujo focinho esfregou na bochecha. — Meu marido era advogado. Defendeu a causa dos imigrantes explorados na lavoura. Comprou muita coisa para minha família. Televisor e um carro usado.

— Você o amava?

— Eu achava que sim. Mas depois concluí que só havia me casado por gratidão e para ajudar a família. A vida era muito difícil para nós. — Ela estreitou o patinho contra si. — Ele começou a me bater. Toda vez que um homem olhava para mim ele dizia que a culpa era minha. Eu não podia ter filhos e ele batia na minha barriga. Me batia no corpo todo, mas nunca no rosto. Queria que os amigos me vissem bonita.

— Mas você não disse que ele tinha ciúme? Que não gostava que outros homens a admirassem?

— Bem, era uma espécie de ardil. Maria me olhou com tristeza, do alto de sua formosura morena.

— Sim, um ardil sem saída, e dentro dele eu não podia escapar nem ser feliz. Não conseguia engravidar, embora tentasse. Certa noite, voltando da pescaria, ele ficou zangado ao notar meu bronzeado. Eu tinha ido à praia sem ele, de biquíni. Ele levantou o braço para mim, eu gritei, mas ele não parou. Parecia louco. Acontece que, naquela tarde, o sr. Riggs estava passando pelo chalé que alugamos. Ouviu e viu tudo. Apanhou uma cadeira no terraço e avançou contra meu marido. Quebrou-lhe o nariz e um braço. Foi uma enorme confusão, sangue para todo lado. Na mesma noite, mudei-me para a casa do sr. Riggs e nunca mais saí.

— O que aconteceu com seu marido?

— Não sei e nem quero saber.

— Ele poderia ter se feito de vítima e denunciado Roland à polícia, por agressão e lesão corporal.

— Acho que não fez isso. Apenas desapareceu. Talvez esteja morto, a uma hora dessas. Nós o largamos caído no chão.

— E assim você se mudou para a casa de Roland? Da noite para o dia?

Maria confirmou com a cabeça. Seus olhos estavam fundos e o rosto sombrio. Não pude perceber se estava chorando.

— Resolvi cuidar do sr. Riggs porque, do contrário, não haveria razão alguma para eu não ter filhos. Seria pior, se ficasse sozinha. Agora, a maioria das coisas faz sentido para mim. É como fazia meu pai, ao trabalhar pelo bem dos outros. Se não existir uma causa maior, é impossível suportar. Todos temos de ter uma razão para viver. Para mim, o sr. Riggs é razão suficiente. Ele é meu bebê, junto com os gatos, os coelhos, as árvores e as flores. Entende agora?

— Sim — concordei. — Faz sentido.

Era o fim da história e, quando me virei, escutei a mexicana chamar os gatos desgarrados. Maxine havia morrido em um jardim. Maria vivia por outro.

Enquanto me afastava, ouvindo o zumbido do vento atrás de mim, tive certeza de que aquele jardim abrigava mais fantasmas do que talos de grama.

Capítulo XXVII

Nas duas noites seguintes, ensaiamos muitos passos. Com empenho, mas sem resultado. Roland não estava encarnando Fred Astaire, nem revivendo o professor de dança Arthur Murray. Cresceu em mim a impressão de que aquela casa, que Roland havia terminado com o auxílio de Maria, tinha sido erigida sobre areias movediças povoadas com os fantasmas da mulher morta de um, do marido violento de outra, e de bebês nunca gerados.

Naquela terceira noite, porém, minhas esperanças cresceram ao sentir que Roland conseguiria aprender a dançar, em vez de apenas saltar como um troglodita. Ainda não era um John Travolta, mas estava pegando o jeito. Desmentia a lenda de que o americano tradicional, sem jogo de cintura, não consegue dançar. O benefício maior, evidentemente, era que eu logo estaria liberada para voltar à civilização, saborear rosquinhas doces, frequentar bares e cafeterias, estocar meu armário com algumas garrafas de uísque, conhaque e tequila. Essa agradável perspectiva sobrepôs-se ao som vindo do aparelho estéreo de Roland.

— Quero aprender alguma coisa extravagante — ele pediu, ao girar meu corpo pela sala. Um trio vocal feminino entoava um rock.

— Você não está pronto para isso. Mal começou a dançar, em vez de apenas arrastar os pés ou pular.

— Que tal uma falsa queda? Eu inclinaria você até o chão, como num tango. É sexy e Maria ficaria impressionada.

— Roland... — Antes que eu me esquivasse, ele me balançou e inclinou, prendendo-me firme pela cintura e por um braço.

— Não foi mau — comentei, surpresa com a graciosidade dos movimentos dele. — Agora deixe-me voltar para o prumo, senão minhas costas podem se quebrar.

Ele atendeu meu pedido e continuamos a exercitar o balanço. Depois riu ao propor:

— Mais uma queda?

Pareceu-me positivamente confiante. Um escritor premiado, capaz de dançar aos Embalos de Sábado à Noite, com giros, quedas e tudo o mais, era uma novidade. Na hora, pensei em comprar para Roland um terno branco de poliéster.

— Claro — concordei, vendo que o par de coelhos, perto do sofá, observava a cena com evidente espanto.

Cheguei a imaginar Roland e Maria dançando juntos, noite afora, deixando seus respectivos passados para trás. Almejei ser recompensada com um novo original saindo aos pequenos trancos da impressora do escritor.

Ele me inclinou outra vez e, então, fui ao chão com um baque surdo.

— Cristo, Roland! Que está fazendo? — Uma dor característica me assaltou o traseiro e a nuca.

Ele permaneceu parado, olhando, petrificado. Da minha posição deitada no piso duro, ergui o olhar para meu parceiro e descobri, assombrada, que Maria assistia a tudo, da porta.

— Esqueci de dar comida a Júlio — ela se justificou. Troquei um olhar perplexo com Roland.

— Júlio?

— É o gato selvagem que apareceu por aqui — ele murmurou.

Maria tinha os olhos marejados com as lágrimas da dor da traição. Roland, com os da ruína que se anunciava junto com aquele derradeiro floreio na dança.

— Posso explicar — ele se apressou em dizer.

— Não se incomode, sr. Riggs. Não quero ouvir histórias. O senhor não me deve nada.

Maria girou nos calcanhares e correu para fora da casa.

Ele parecia ter-se esquecido de que eu também estava presente, tombada no chão.

— Roland? Pode me ajudar a levantar?

— Eu sabia — ele resmungou enquanto me estendia a mão. — Estou perdido.

— Perdido? Ora, não exagere.

— Mas estou.

— Vá atrás dela.

— Não posso, não consigo.

— Com toda a sua conversa sobre amor, você não passa de um homem de sessenta anos com medo de rejeição. Vá atrás dela — implorei. — Vá atrás e convide-a para dançar. Faça Maria compreender que você agiu assim por causa dela.

Era claro, pelo olhar de derrota na face de Roland, que ele não iria se mexer. Por isso, apertei-lhe o braço assim que me vi de pé.

— Preciso de um novo livro seu e, se for a única maneira de consegui-lo, serei sua editora, babá, enfermeira, psiquiatra, qualquer coisa.

Puxei Roland pela camisa havaiana, metade para fora da calça, e praticamente empurrei-o até a entrada do chalé de Maria. Bati à porta.

— Maria! — gritei. — Escute, preciso falar com você! Só cinco minutos, porque estou indo embora. Mais cedo ou mais tarde, você terá de sair daí para dar ração aos animais. Pois saia agora. Poderíamos conversar amanhã, mas estou cansada demais e preferia encerrar logo este capítulo.

Não houve resposta imediata, mas era possível sentir que ela nos observava através das cortinas. Por fim, ouvi que Maria abria as trancas da porta.

Quando apareceu, a bela mexicana lembrava um anjo. Vestia uma camisa branca e comprida, que lhe cobria os quadris. Os cabelos soltos estavam escovados e formavam ondas volumosas. Os olhos, inchados de tanto chorar, mas a pele morena resplandecia ao luar, como se pedisse um toque de amor.

— Fale com ela, Roland — animei, voltando-me para ele. Os lábios dele permaneceram fechados. — Conte tudo!

— Maria, eu quis aprender a dançar por você — ele despejou de uma vez.

— Por favor. — Ela agitou a mão no ar da noite. — Sem mentiras. Vou partir pela manhã. Não quero... ficar no caminho da nova dona da casa.

— Vocês dois estão me pondo maluca! — bradei, percebendo afinal do que se tratava.

Maria pestanejou, como se sublinhasse suas palavras, depois seus olhos se fixaram em mim.

— Vocês dois, flanando por uma casa cheia de fantasmas, desejando um ao outro sem admitir esse anseio... Você — aponte para Roland — ainda vive num quintal do Maine, receoso de deixá-lo para trás. E você — indiquei Maria — se preocupa com qualquer criatura viva na face da terra, menos consigo mesma. Pelo amor de Deus, vocês dois precisam viver de novo. Qual é o problema? O que está errado em quererem partilharem o resto de suas vidas?

— Como se atreve? — protestou Maria. — Não faz ideia de como...

— Faço total ideia, menina. Escute, ele detesta sua comida temperada, tem alergia a gatos e odeia particularmente a sujeira de coelhos no carpete. Mas ele ama você, e só quis aprender a dançar para demonstrar isso. Cansei de ter os pés pisados e de cair no chão, mas ele ama você. Eu estava ensinando Roland a dançar. Por você. É tudo.

Roland meneou a cabeça, torcendo para que Maria acreditasse em mim.

— Fale com ela, Roland — pedi novamente. — De minha parte, terminei. Mas você sempre sabe o que dizer aos outros. Se você me brincar com um novo livro, um que eu possa publicar, ótimo. Se não... De qualquer modo, vou-me embora amanhã. Já estou farta desta ilha. E agora — massageei minha nuca dolorida —, acho que estou com torcicolo.

Corri tempestuosamente para casa. Meus dentes batiam. Para uma megera temperamental como eu, era estranho sentir sempre uma compulsão para exteriorizar minha raiva, e depois ficar tremendo como se o sangue me fosse drenado simultaneamente. Uma questão de hormônios, talvez, de endorfinas. Respirei fundo a fim de conjugar o calafrio.

No caminho, parei e olhei para trás. Pelas cortinas, vi Roland e Maria dançando juntos no chalé. Lentamente, de rosto colado. Ele parecia afagar-lhe os longos e sedosos cabelos. Seus corpos formavam uma só silhueta, movendo-se ao ritmo da música, inaudível àquela distância. Então, Roland inclinou Maria até o chão, mas não a deixou cair. Um movimento sensual e sedutor. Talvez os fantasmas que ali habitavam tivessem decidido permitir que os dois vivessem, afinal.

Capítulo XXVIII

No dia seguinte, nada havia mudado... e no entanto tudo parecia diferente, como se o sol tivesse resolvido nascer no oeste. O mundo estava virado ao contrário, girava fora do eixo, e ainda assim o mesmo sol brilhava quente sobre o golfo do México.

Maria ainda preparava um desjejum capaz de derrubar os simples mortais. Fugindo ao seu hábito, porém, serviu ovos sem molho picante. Por certo, fora resultado da longa noite com Roland, quando este provavelmente lhe confessara que não gostava de pratos com temperos fortes.

Mas foi com um sorriso inocente que Maria colocou a travessa de ovos na mesa, flutuando de paixão por Roland Riggs. Ele não pareceu notar a mudança no preparo da comida e na atitude da moça, mas seu comportamento não estava menos diferente. Primeiro, cumprimentou-me com um abraço apertado, juvenil, depois ergueu um dos coelhos no colo e beijou-lhe o focinho.

Forcei o desjejum garganta abaixo e então parti para o ataque, enquanto Roland olhava pensativamente para seu garfo.

— Vou ter ou não um novo livro?

— Não sei se conseguirei escrever uma única palavra.

— Nem mesmo sob o pseudônimo que usa para os romances femininos?

Ele me fitou, entre surpreso e crítico.

— Nada de romances, embora eles tenham sustentado o estilo de vida com o qual me acostumei.

— Então, o que virá a seguir?

— A seguir? — O olhar dele procurou refúgio em Maria, que, de costas, cuidava das plantas anãs no parapeito da janela. — E um grande mistério, Cassie, mas quando eu solucioná-lo você será a primeira a saber. E a agradecer. O mistério maior, no meu entender, reside em você.

— Em mim?

— Você com Michael Pearton.

— Alguns mistérios, Roland, é melhor que fiquem sem solução. Eu mandei um e-mail a Michael. Ele não respondeu. Fim da história.

Roland abriu a garrafa de cerveja com que habitualmente encerrava seu café da manhã.

— Essa é a vantagem de ser escritor. Ou editor. Se você não gosta do final, pode mudar. — Ele tomou um gole.

— Sim, ou mudar tudo, desde o início.

Depois do café, fui para meu quarto, na casa anexa, a fim de arrumar a mala. Iria voltar para Miami, tão perto, mas que havia ficado tão distante. Tinha saudade do meu pai. E de Louis, embora jamais fosse dizer-lhe isso. Carreguei a bagagem para fora.

Maria esperava por mim, com um dos coelhos no colo.

— Este é José. Quero que o leve com você.

— Mas... eu não posso...

— É muito importante para mim e para... Roland que você fique com ele. Para se lembrar de nós.

— Fique sossegada. Vou me lembrar para sempre destas duas últimas semanas.

— Você não devia viver sozinha, ninguém deve. Precisa ter alguém, mesmo que seja um coelho. — Olhou-me com tamanha franqueza que me deixou embaraçada. Sustentei o olhar.

— Talvez eu prefira apenas um bonsai — arrisquei.

— Não, deve levar o coelho.

Meneei a cabeça enfaticamente, embora soubesse que não tinha alternativa.

— Está bem... O coelho serve para proteção ou para ataque?

Maria me observou de novo, sem entender.

— José nunca lhe causará nenhum dano.

— Certo.

Ela havia trazido uma caixa para transporte, com portinhola, na qual acomodou o bichinho. Claro que, lá dentro, já havia uma provisão de água e alimento, mas Maria ainda me entregou uma sacola com legumes frescos colhidos na horta.

— Pouco alface, porque causa diarreia.

Olhei espantada. Era só o que me faltava: um coelho com diarreia dentro do meu apartamento.

Roland apareceu para carregar a mala e o laptop, deixando-me apenas com a caixa do coelho e a sacola.

— Vou acompanhá-la até o carro — ele anunciou. Atravessamos o jardim, passando pelos gatos e pelas orquídeas de Maria. Pressenti que os fantasmas atormentadores tinham desaparecido do local.

— Nunca vou poder lhe agradecer o bastante por ensinar-me a dançar — comentou Roland.

— José é mais do suficiente, Roland.

— Vai gostar da companhia dele?

— Acho que não.

— De qualquer modo, obrigado. Por tudo. Se eu recomeçar a escrever, você será a primeira pessoa a saber.

Roland colocou a caixa de José no banco do passageiro e a bagagem no porta-malas.

— Mantereí contato — ele prometeu, antes de me dar um abraço apertado.

A luz do dia, Roland parecia ter remojado anos. Estava pelo menos uma década mais jovem, em comparação com o dia de minha chegada.

Eu deveria ficar contente com isso, na mesma medida em que odiava Roland Riggs por não me entregar um original decente, pela decepção de ter-me levado até ali para ver um poema épico, não um romance. Não consegui.

— Não se esqueça de dançar todas as noites, Roland. Você merece ser feliz.

— Sim, vou dançar com Maria, e talvez volte a escrever. Porque devo a você e a Louis...

— Esqueça, não deve nada. — Balancei a cabeça negativamente. — Explicarei tudo a Louis e ele entenderá.

Depois de um último abraço, alcancei a estrada. Estava de volta a meu mundo. Um mundo onde o sol nascia a leste e se punha a oeste. Tudo nos eixos. Só que, talvez, não fosse tão bom assim.

Capítulo XXIX

Na verdade, a sensação dominante era de que meu mundo havia ficado para trás. Após uma breve escala em casa, dirigi até Stratford Oaks, para ver meu pai. Jack já não possuía noção de tempo, por isso não sentira minha falta; para ele, eu nem mesmo tinha viajado.

— Cassie...

Ele sorriu ao me reconhecer. Apertou minha mão como uma criança segura a da mãe para atravessar a rua. Meus dedos pequenos flutuaram qual um peixinho dentro da enorme mão de Jack. Mas prendia-me com decisão, como se tivesse consciência de seu declínio, de sua queda num poço fundo e escuro.

— Papai... — Aproximei a cadeira e sorri, acariciando-lhe a face.

Ele tossiu com força, parecendo estar resfriado. O médico já fora avisado e viria vê-lo na manhã seguinte.

— Droga de resfriado! — ele queixou-se, confirmando que aparentemente não se tratava de nada sério. — Preciso de um lenço. — Alcançou uma caixa sobre a cama e repetiu: — Droga de resfriado!

— Sinto muito ter demorado a vir, papai. Fui me encontrar com Roland Riggs. Lembra-se dele? Para ajudá-lo com um livro.

— Você é escritora? — ele estranhou.

— Não, papai. Sou editora, como você bem sabe. Os olhos dele se anuviaram, mas nem por isso perderam o foco.

— Você sempre me deu muito orgulho, Cassie. Amo você, de verdade. — Tossiu de novo e repetiu as imprecensões contra o resfriado.

Por fim, Jack deixou a cabeça pender no ombro, cansado. Enrolei a manta nas pernas dele e beijei-o na testa. Eu estava ciente de que chegaria o dia em que ele não iria mais me reconhecer. O poço escuro o engolfaria de vez. Ele ficaria absolutamente sozinho, na fase final da travessia.

O momento chegou antes do que eu previra. Dois dias depois, Jack foi transferido para o Hospital Comunitário de Boca Raton, onde morreu de pneumonia.

Eu estava ao lado dele.

Gostaria de ter tido pelo menos mais um bom momento com meu pai, um instante de reconhecimento, de troca de palavras carinhosas. Mas tive de me conformar com a realidade. Jack havia se virado na cama para dormir, eu lhe segurei a mão, e ele exalou o derradeiro suspiro. Foi só um murmúrio, mas valeu como sinal de luta, pois a aparelhagem médica do quarto disparou em luzes e apitos. Depois, o silêncio. Ele havia partido.

Lou fora ao hospital, nos dois dias em que meu pai ficara ali. Jack não reconheceu o velho amigo editor.

Também não tocamos no nome de Roland Riggs. Só falamos de meu pai e de como ele me amava, de como havia tolerado meu primeiro marido ou último namorado, compreendido minha rebeldia, meu temperamento difícil.

— Ele se via refletido em você, Cassie — afirmou Louis. — Você tem talento e é uma grande profissional, mas ainda que tivesse optado por ser dona de casa, cuidando dos filhos e esperando o marido com uma cerveja na geladeira, Jack a teria amado.

Louis não resistiu, e eu própria sorri à imagem de dona de casa que ele havia sugerido. Sabia que era verdade. Meu pai me amava simplesmente por eu ter nascido.

O corpo foi cremado e eu dispensei a urna de cinzas, que sempre me pareceria um cadáver numa caixa. Apenas eu e Louis participamos da cerimônia de despedida, na qual o oficiante não rezou. Resumiu-se a algumas palavras, entre as quais "nós o amamos, sentiremos falta de você". Na hora final, Louis murmurou: "Dê lembranças minhas a Helen".

A meu pedido, ele providenciou o envio das cinzas para um barco que as lançaria no mar. Pareceu-me uma decisão satisfatória, além de romântica, embora meu pai detestasse a praia, o calor, a areia grudada na pele. Para mim, no entanto, representava uma maneira de tê-lo por perto. Perto de meu apartamento e do coelho José.

Só não esperava que, depois disso, o apartamento me parecesse claustrofóbico. Quebrando minha rotina, passei a ir com mais frequência à editora, onde pelo menos Troy me daria um bom café. Na volta, eu me doparia com tequila e iria dormir.

A partir da perda de meu pai, eu não contava nem mesmo com Stratford Oaks para um passeio rápido aos arredores da cidade. Não tinha mais ninguém. Maria estava certa em ninar seu bebê de sessenta anos, Roland Riggs. O meu havia morrido. Só me restara José.

Nunca tinha criado um animal de estimação na vida, muito menos um coelho. Mas era estranho como José captava minha tristeza. Quando eu chorava, ele permanecia de pé no meu quarto, observando-me, cheirando o ar e lambendo as patas com nervosismo. Parecia reprovar meu hábito de beber tequila. E, quando eu trocava a bebida pela televisão, ele me fazia companhia diante da tela.

Foram dias sem atender o telefone. Dias de tequila e da companhia de um coelho. Percebi que, conforme o tempo transcorria, minha aparência piorava. Eu estava péssima.

— José, com tudo o que já produzi no departamento de romances da Editora West Side, sempre achei que iria terminar como uma daquelas velhinhas encarquilhadas, cercadas de gatos e, no meu caso, de livros. Nunca tive um gato. Trata-se de um clichê: senhoras idosas com gatos. É como falar em transar rápido como um coelho. Desculpe-me, José, mas uma velha com um copo de tequila na mão, um coelho na cama e vendo televisão, é muito mais patético.

José não se mostrou ofendido.

No fim de semana, apesar de ter ignorado os recados de Louis, atendi a uma chamada de Roland.

—Cassie?

—Sim?

—Acabo de saber de seu pai, por Louis. Sinto muito, muito mesmo. Cuide-se para não se abater. A tristeza nos aprisiona.

—Fala por experiência própria, suponho.

—Perdi anos e anos, Cassie. Um desperdício inútil. Não deixe que isso a consuma. Vá para Londres.

—Londres? Não havia pensado nisso.

—Ou então a Paris. Apenas não se esconda em uma loca como eu fiz.

—Vou pensar, Roland.

—Como está José?

—Tornou-se meu melhor amigo.

—Junto com um litro de tequila, certo?

—Parece que nos conhecemos bem, não? — brinquei.

—Não se esqueça de Maria, de mim e de Louis.

—Claro que não.

De algum modo, senti-me revigorada depois de desligar. Mas ainda chorei bastante contra a pelagem de José. Tinha saudade de meu pai. Ainda que ele quase já não me reconhecesse, na última semana, segurar-lhe a mão era tudo o que eu queria.

Às vezes, é preciso segurar aquilo que se tem.

Capítulo XXX

O Bem-Dotado deu sinal de vida. Meu ex-marido, agora o famoso ídolo de rock John Dillinger, telefonou para mim tarde da noite. Imaginando que fosse Louis, atendi ao primeiro toque.

—Cassie?

Reconheci a voz. Como num sonho, senti-me transportada de volta aos meus vinte anos, à garota rebelde que havia sido.

—Johnny? — Sorri ao me lembrar da imagem atual do cantor de rock, com longos cachos louros.

—Soube de seu pai — ele disse —, pelo obituário do jornal. Lamento muito, querida.

—Obrigada, Johnny.

—Você está bem?

Olhei para minha mesa-de-cabeceira, repleta de copos usados. Um deles ainda continha uma dose aproveitável de tequila. José cochilava ao pé da cama.

— Estar bem tornou-se relativo agora — afirmei. — Não, não diria que me sinto completamente bem... Bebo sem parar e tenho um coelho de estimação em meu quarto. Não me peça para explicar, é muito complicado.

Mas, enfim, não estou bem, embora você não possa fazer nada a esse respeito. Ninguém pode.

— Eu sei. As vezes, ajuda saber que alguém se preocupa com você. Posso ajudar. Posso passar por aí e alegrar você. Posso levá-la para um show de praia e fazê-la esquecer de tudo, por alguns momentos.

Respirei fundo.

— Não é uma boa ideia, Johnny. Acabaríamos dormindo juntos e estragando o encanto dos velhos tempos. Nunca resistimos um ao outro, você sabe. Por isso, é melhor mantermos distância.

— Eu nunca iria magoá-la, Cassie. Imaginei o sorriso dele ao falar isso.

Por duas vezes, após nossa separação, excursionamos por bares de Nova York até nos estirmos na cama e fazer amor. Maneira de dizer, claro. Como sempre, foram noites de tempestuosa paixão, com quatro ou cinco repetições intensas, até o dia amanhecer. Sorríamos um para o outro, cientes do erro cometido e de que não se tratava de amor.

— Eu sei. — Ri da declaração de intenções dele. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro, Cassie X. Qualquer coisa. — Ele recorreu a meu apelido, X, decorrente do fato pouco conhecido de que meu nome do meio era Xavier.

— Johnny, eu fui uma esposa detestável?

— Detestável? Não sei. Você era incapaz de fritar um ovo, não gostava de limpar a casa. Era teimosa, insensível e bebia demais. Que os céus ajudassem o homem que falasse com você antes de sua primeira xícara de café. Ah, também fumava muito.

— Parei de fumar.

— Bem, ponto para você. Não, você não foi detestável como esposa. Sempre me fazia rir, quando não me atirava pratos. E éramos bons de cama, Cassie. Nada ou ninguém pode se comparar a nós.

— Vamos, leio as colunas sociais de vez em quando. Soube que você saiu com duas modelos deslumbrantes ao mesmo tempo. E verdade?

— Sim, mas eu não estava apaixonado por nenhuma das duas.

— Desculpe-me por ter provocado tanta confusão em nosso casamento, Johnny.

— Ouça, Cassie, nós dois éramos puro combustível. Já disse: ninguém se compara. Eu não podia viver com você, nem viver sem você. Andei pensando...

Um longo silêncio prevaleceu enquanto ele ordenava os pensamentos. Parecia ter largado o telefone e ido à cozinha.

— Pode me falar tudo, Johnny — pedi quando ele voltou.

— Foi na época em que você teve gripe, lembra-se? Fiquei com o coração partido.

Nova pausa. Tentei me lembrar do episódio a que Johnny se referia. A gripe manifestara-se numa sexta-feira. Eu estava no escritório. Louis me mandou para casa, preocupado com minha palidez e os olhos fundos.

— Não posso — eu havia alegado. — Falta estudar a proposta de livro que chegou de Lilian Palmer.

— Não falta nada. Você está doente, com péssima aparência, e deve ir para casa, antes de pegar a pneumonia asiática. Deixe que eu cuide das pendências.

— Convença-me. — Eu sorri, sem graça.

No fim, quase delirante, fui colocada por Louis num táxi, que me depositou no apartamento que eu ocupava junto com Johnny. Sabia que minha febre aumentava. Deitei-me e consegui dormir. Salivava e gemia, a intervalos. Por isso, não compreendi a que meu ex-marido se referia. Como ele havia ficado com o coração partido?

— Certo, Johnny. Lembro-me da gripe. Louis ficou com medo que virasse pneumonia. Fiquei de cama quatro dias, mas o que isso tem a ver com qualquer outra coisa?

— Você não me deixou ajudá-la, cuidar de você.

— Do que está falando?

— Cassie, nunca cozinhei na vida. Sempre pedimos comida fora. Mas eu fui à mercearia coreana da esquina e comprei legumes para fazer uma sopa. Também lhe trouxe compressas, aspirinas e suco de laranja. Você não tomou a sopa, não aceitou o resto.

Senti um nó na garganta, possivelmente parecido com o que experimentara na ocasião em que Johnny tentara me ninar.

— Você não ignora — tentei justificar-me — que pessoas divorciadas tendem a valorizar detalhes positivos da convivência e minimizar os negativos. A distância, sempre parece que o casamento acabou por motivos fúteis. Enfim, também me lembro de atirar pratos contra você e, certa vez, de ter puxado uma faca de cozinha.

— Estávamos ambos um pouco bêbados.

— Sim, mas para a maioria esses é que são os momentos decisivos. Também trai você uma vez, mas... por que você só se lembra da sopa que eu não tomei?

— Não é a sopa, e sim minha dedicação ao prepará-la. Só queria ajudar você, fazê-la entender que precisava de mim. E você se recusou a isso. Recusou-se a precisar de mim. Sabe por que finalmente tive sucesso, compus dezenas de canções e vendi milhões de discos? Porque todo mundo deseja sentir-se útil, necessário à pessoa que se ama. Você nunca baixou a guarda, me contaminou com sua frieza.

— Sinto muito, Johnny.

— Tudo bem, Cassie. Já faz tempo.

— Bem, prometo que, no devido momento, tomarei sua sopa.

— Posso voar até aí. Chegarei em um minuto.

— Sei disso, Johnny, mas não devemos nos encontrar. E não é por causa da sopa.

— Que droga, Cassie — ele imprecou de novo, então fez uma pausa. — Eu gostava do seu pai, garota. Ele nunca me julgou pelas tatuagens e brincos.

— Não. Ele tentou gostar de você. Mesmo que não nos compreendesse.

— Se precisar de alguma coisa, entre em contato com meu empresário em Nova York. Ele saberá como me localizar.

— Obrigada.

— Não me interprete mal, mas eu amo você.

— Também te amo, Johnny.

Desliguei sem tirar da cabeça a maldita sopa de legumes. Era algo que, um dia, teria de vir à tona. Meu pai também amou minha mãe por anos, depois que ela nos abandonou. Não conseguiu superar o drama. Foi quando, num determinado Natal, eu estava no quarto ano e fui designada pelas freiras para desempenhar o papel de Nossa Senhora numa festividade da igreja. Elas me consideravam um tanto selvagem, com razão, mas se deixaram levar pela minha face angelical e bochechas rosadas.

Vestida de branco, carreguei no colo o bebê que era irmão de Margaret Foley até a manjedoura, onde outro coleguinha, Billy Collins, representava José, embora fosse mais baixo que eu. Flashes de máquinas fotográficas dispararam, empunhadas por pais orgulhosos. Meu pai, sozinho, olhava em torno para ver se minha mãe aparecia. Mais tarde, ela alegou que se atrasara num evento social, mas Jack bem que pensou em

algum trágico acidente de táxi, em que ela perdera as pernas, se não a vida. Foi naquele instante, quando eu interpretava a mãe de Jesus, que meu pai deixou de amar a esposa.

A encenação tinha sido sua sopa.

— Sopa — disse eu em voz alta para José, o coelho, que me observou com as orelhas empinadas. Consultei em seguida a lista telefônica e liguei para a British Airways.

Minhas mãos suavam, mas o sentimento profundo em meu íntimo foi de que eu já voava, como uma borboleta.

Precisava descobrir se Michael e eu podíamos ter um futuro juntos ou se já havíamos experimentado nosso momento de sopa.

— Gostaria de ter informações sobre os vôos de Miami para Londres, por favor.

Capítulo XXXI

Com sofreguidão, retirei a passagem aérea que apontava na impressora. Já não havia volta possível. Meus dentes batiam de nervosismo e de fraqueza, uma vez que não me alimentava direito desde a morte do meu pai. No entanto, enquanto pudesse contar com tequila e água corrente, tudo bem. Despi-me e abri o chuveiro.

— Droga! — praguejei ao ouvir a campainha. Atirei o robe sobre meu corpo molhado e corri à sala para abrir a porta e deparar com minha mãe. — O que a senhora está fazendo aqui?

Ela trajava uma roupa preta, e eu não soube definir se era por luto ou por moda. Um relógio de ouro brilhava em seu pulso, as luzes claras nos cabelos pareciam ser recentes. Mantinha a aparência de uma antiga atriz francesa, e apesar da idade ainda era capaz de virar a cabeça de alguns homens.

— Eu a convidaria para entrar, mas estou ocupada.

— Posso ver. Seu robe ficou molhado, querida, mas precisamos conversar.

— Ótimo — comentei, desanimada, ao instalar minha mãe no sofá.

Os sapatos dela, além do modo de andar, produziam um tique-taque enervante no piso.

— Sinto muito sobre seu pai, Cassandra.

— Eu sei — ironizei, cruzando os braços. De algum modo, ela despertava em mim a adolescente furiosa.

— Deixei vários recados para você na editora — ela disse.

— Imagino. Não me passaram nenhum, pois são meus amigos.

Minha mãe apertou os lábios em sinal de tédio.

— Você é sempre agressiva comigo, Cassandra. Não desconheço que você amava seu pai antes de tudo, e que nunca deu espaço para meu afeto. Nem um centímetro.

Pensei nos recitais e eventos do colégio de freiras, aos sábados, aos quais ela nunca comparecia. Lembrei-me de meu primeiro período menstrual, quando, na ausência da mãe, meu pai mandara a empregada a meu quarto, com um pacote de absorventes, enquanto eu suava e ficava rubra de vergonha.

Não era daquele dia, portanto, que eu lutava contra minha mãe. Estava cansada disso.

— Você me pagou na mesma moeda, mamãe.

— Eu me separei de meu marido, não da minha filha. Mas não podia competir com Deus, ou seja, seu pai. Ele era superior aos demais mortais, era o seu Zeus no Monte Olímpio. Fiquei de fora, pois conhecia o drama da competição desde que ganhei o concurso de beleza. Quando se sabe que não há chance de ganhar, é contra-senso competir.

Olhei para ela. As palavras faziam sentido, mas admiti que mal conhecia aquela mulher. Pertencia ao reino da fantasia. Havia tecido uma história na qual só poderia sobreviver se fosse diferente das outras mães ou esposas, do resto das pessoas.

Enfim, minha mãe praticava um jogo com os outros e consigo mesma. Mas, e eu? Também não tinha forjado uma trama fantasiosa para reter Michael?

— O que você quer, mamãe?

— Lembro-me do tempo em que estava grávida de você...

— Por favor — implorei. — Não é hora. Eu estava no banho e...

— Preciso falar isso, Cassandra. É como se fosse ontem. Fiquei intrigada pela maneira como uma nova vida crescia dentro de mim, pela intensidade com que eu a amava. Você acha que não chorei por seu pai, mas está enganada. Nós nos separamos, mas durante muito tempo ele foi parte de mim.

— Tenho certeza de que Jack vai apreciar seus sentimentos, onde quer que esteja. Já falou tudo o que me veio dizer?

— Ainda não. Você sempre pensou o pior de mim, que eu só queria minha parte da herança. Isso é absurdo. Tenho tudo de que preciso.

— Cinco maridos ajudaram nisso, claro.

— Quatro, para sua informação. Casei-me quatro vezes e fiquei viúva uma vez. Não é tão grave assim, é?

— De qualquer modo, sua parte nos bens de papai está garantida, basta esperar que os advogados se manifestem.

— Não quero nada. Vai ficar tudo para você. Anos atrás, eu tinha esperança de que você se casasse e tivesse filhos. Alimentava o grande sonho de abrir uma caderneta de poupança para meus netos e viver como uma avó generosa. Agora, penso que estarei morta e bem morta quando você tiver um filho.

— Obrigada, mamãe.

— Sei que hoje em dia as meninas não se casam mais tão logo saem do colégio. Fazem carreira profissional. Se é isso o que querem, tudo bem. Gostaria de ter feito o mesmo, na minha época.

— Você fez. Deu-me à luz e, depois, cuidou de sua vida.

— Bem, eu desconfiava de que seria perda de tempo vir aqui. Só queria comunicar que vou lhe repassar minha parte da herança. Nunca desejei obter nada de seu pai e, repito, lamento que ele tenha morrido. Achei que você estaria interessada em reatar relações comigo, em nos conhecermos melhor. Vejo que me enganei.

Ela levantou-se e esticou com as mãos o elegante traje preto. Tirou um par de óculos escuros da bolsa e colocou-os no rosto com um gesto afetado. Uma das coisas que eu odiava nela era que tudo precisava ser perfeito, nobre e conciso. Eu me punha longe dessa perfeição. Minha figura, minha vida eram uma grande confusão, dos meus cabelos armados ao banheiro úmido, passando pelo lado amoroso.

— É tarde demais, mamãe. Nós já tivemos nosso momento de sopa.

— Momento de quê? — ela estranhou.

— A última gota.

— Enquanto eu viver, Cassandra, não acreditarei nisso. Talvez, quando você tiver filhos, ou tiver uma menina, você compreenda como pode ser complicado.

Ela bateu novamente o salto dos sapatos até à porta e saiu. Por um breve instante, pensei em correr atrás dela, em consolá-la e abraçá-la do mesmo modo como, sem pensar, faria com meu pai. Não queria ser uma órfã.

Mas o momento passou. Eu estava sozinha.

Capítulo XXXII

— A seco? — Louis me olhou com incredulidade, enquanto me levava ao aeroporto em seu Jaguar. — Está tentando engolir um comprimido a seco, Cassie?

Confirmei com um gesto de cabeça, ao mesmo tempo que o amargor da pílula de tranquilizante se espalhava por minha língua.

— Já ouviu falar de uma extraordinária descoberta chamada água?

— Hum-hum. — Engoli o comprimido esfarelado. — Não temos água no carro, e não posso esperar para tomar o remédio, senão terei uma convulsão aqui mesmo, ao seu lado.

— Eu sabia que você era maluca, mas não imaginava até que ponto — Louis censurou amistosamente.

Observei-o pelo canto do olho.

— Obrigada.

Minha reserva para o vôo para Londres datava de dois dias, o que não me deixara muito tempo para os preparativos. Depois de encaminhar José para um hotelzinho de animais, havia pedido para Louis me levar ao aeroporto, porque planejava tomar remédios e beber até ficar cega. Eu tinha pavor de viajar de avião.

— Michael Pearton sabe que você está indo? Balancei a cabeça negativamente.

— Outra maluquice. E se ele estiver viajando, de férias?

— Então Michael perderá a chance da vida dele.

— Incrível! Destino?

— Sim. Destino. Fatalidade. Sorte.

— Desde quando você se tornou mística?

Pensei em Roland Riggs e em como a esposa dele tinha sido morta por um caçador de cervos. Pensei em Maria e em como ela chegara a Sanibel, trazida por um marido violento que gostava de pescar. Anos vazios haviam decorrido entre o célebre escritor e a bela mexicana. Levou tempo, mas finalmente eles se entenderam. Destino.

— Não sei — foi minha resposta a Louis. — É complicado explicar. Estou confusa, preciso de outro comprimido.

— Quantos já tomou?

— Cinco.

— Por Cristo, Cassie, é de derrubar um cavalo.

— Bem, não sou uma égua e ainda não desabei. Louis apertou meus dedos sobre o estofamento de couro claro.

— Espero que, quando você chegar a Londres, Michael esteja lá. Espero que você deixe as coisas acontecerem, sejam obra do destino ou não.

— Mas também posso vir a odiar Michael, já pensou?

Pelo simples modo como ele dobra o jornal pela manhã ou pelo tempo que ele se demora no banheiro. Posso criar uma repulsa por ele. Relacionamentos terminam assim, você sabe.

— Só se foram os seus relacionamentos. Veja Helen e eu, que sua alma descanse em paz.

— Lá vem você de novo, Louis. As pessoas podem se apaixonar e viver juntas para sempre, e então uma delas morre e a outra, no fim, se vê sozinha e abandonada... Faz parte da vida.

Louis ainda segurava minha mão. Subiu os dedos até meu rosto e ajeitou uma mecha de cabelos.

— Cassie, você não odeia sua mãe. Odeia a vida em geral. Morrendo ou não, as pessoas partem. E a condição humana. Não se pode permitir que isso nos impeça de viver.

Se eu continuasse olhando para ele, iria chorar. Desviei o rosto e consultei o relógio de pulso. Os ponteiros pareciam dançar, enlouquecidos.

— Preciso de um drinque antes de embarcar — avisei a seguir.

— Mas são só onze horas da manhã.

— Happy hour, hora de coquetéis em Londres — rebati.

— Está bem, eu lhe ofereço uma bebida. Mas vou rezar para que chegue em Londres viva.

— Fale com o piloto.

Louis retirou minha única bagagem do porta-malas do Jaguar. A valise não era grande, comportava roupas para quatro dias. Eu havia decidido não desafiar minha sorte, ficando mais tempo do que isso. Poderia enjoar de Michael, ainda que não chegasse a rejeitá-lo.

Caminhamos um longo trecho até o bar do terminal. Pedi tequila, naturalmente. O garçom estranhou, naturalmente. O efeito somado da bebida, do remédio e do burburinho no saguão fez com que eu me sentisse envolta pelas águas do golfo, na praia de Sanibel, boiando em meio ao oceano quente.

Em seguida, dirigi-me ao balcão de check-in. Vigilante, Louis tomava conta de minha maleta, que eu não pretendia despachar. Na fila, ele me encarou, com a valise entre nós.

— Sem o livro de Roland, estamos virtualmente falidos por toda a próxima temporada. Mas não se sinta pressionada a fazer com que Michael termine logo a obra dele ou coisa assim.

— Não me sinto — sorri, experimentando um sopro frio nos vãos dos dentes.

— Tome cuidado. E peça à comissária de bordo que venha sacudir você de tempos em tempos, para comprovar que você ainda respira.

— Boa ideia, Louis — declarei como se emergisse da água do mar. Havia visto uma sereia nadar a meu lado. Alucinação. Ela se parecia com minha mãe.

Louis deu-me um abraço vigoroso.

— Adoro você, Cassie. Agora, suma daqui. Suma deste país.

Apreciei o contato físico e o perfume de meu chefe e amigo. Como meu pai, ele recendia a colônia pós-barba.

— Também adoro você, Louis. — Não era mentira, mas parecia que outra pessoa, não eu, pronunciava aquelas palavras.

Ele sumiu entre a multidão que povoava o terminal aéreo. Quando não o vi mais, entrei no portão de embarque, portando minha maleta. Passei pelo detector de metais e ocupei uma poltrona na sala interna, mais sossegada. Uma atendente veio me comunicar que o avião decolaria no horário e que embarcaríamos dentro de meia hora. Perguntei

onde ficava o telefone público mais próximo e ela me apontou uma fileira deles na parede. Impressionante como eu não tinha notado. Usei meu cartão e liguei para minha mãe.

— Alô? — uma voz afetada atendeu.

— Sofia está?

— Quem quer falar?

— Cassandra Hayes.

A empregada de minha mãe devia saber de quem se tratava, pois apressou-se em chamar a patroa. Ouvi passos no piso de mármore, do outro lado da linha.

— Cassandra?

— Olá, mamãe.

— Estava justamente pensando em minha visita.

— Muito curta para ser chamada de visita.

— Está vendo, filha? Não é tão difícil tratar-me bem.

— Sim.

Sofia ficou calada, aparentemente suspirando.

— Talvez você não acredite em mim, mas quero me tornar parte de sua vida.

Eu não deixava de querer igualmente, mas tive vontade de perguntar onde ela estivera durante todos aqueles anos. Ouvi a voz doce de Louis, a conter meus impulsos. Do que eu tinha tanta raiva? Respire, respire fundo, pensei. Revi a sereia evoluindo em torno de mim.

— Não acha que é tarde demais? — limitei-me a inquirir.

— Nunca. Nunca é tarde demais. De onde está ligando?

— Do aeroporto. Estou de partida para Londres. Inexplicavelmente, quis me despedir de você, mamãe. Para o caso de o avião cair.

— Céus, não diga uma coisa dessas! Dará tudo certo. Você sabe que voar é muito mais seguro do que andar de carro? Vivi anos voando com Stanley, ele não sabia parar em um só lugar.

— Fascinante.

— Quando volta?

— Não tenho certeza, mas avisarei você. Então, poderemos marcar um jantar.

A voz do outro lado tornou-se trêmula.

— Gostaria muito, Cassandra, realmente. — O tom de Sofia revelou-se feliz. — Tenha uma boa viagem. Cuide-se.

— Está bem. Eu telefono na volta, Sofia.

A essa altura, quando desliguei, a sereia havia desaparecido. Em braçadas ondulantes, tinha migrado para outro ponto do planeta.

Finalmente, considerei justo informar Michael de minha chegada. Ele atendeu de imediato.

— Dane-se, Michael. Você tem evitado minhas ligações e não responde a meus emails. Sofreu um acidente de carro? Seria a única desculpa.

— Cassie?

— Claro que sou eu. Quem mais começaria uma conversa com um xingamento?

— Bem, minha mãe às vezes também começa com um "Dane-se". Mas ela me chama de "filho", não de "Michael".

— Sua mãe já morreu, portanto você está mentindo. Não faz mal. Estou indo ver você.

— Claro que sim — ele gracejou, obviamente tomando como brincadeira de minha parte. Foi quando a voz pelo alto-falante chamou os passageiros daquele voo. — O que foi isso?

— Isso o quê?

— Essa voz.

— E que estou no aeroporto, pronta para embarcar.

— Convenhamos, Cassie, você não está no aeroporto.

— Não precisa acreditar em mim. Basta me abrir sua porta, amanhã cedo. Se não me esperar com um jejum completo, eu darei meia-volta e virei embora para casa.

— P... M...!

Assustei-me com as palavras e o tom de voz dele. Não era a reação que eu esperava.

— Parece que não quer que eu vá até aí, Michael.

— Não, sua tonta, nada disso. É que não estou preparado. Você não pode vir.

— Tarde demais, meu caro. Até amanhã. Recoloquei o fone no gancho tentando recuperar o equilíbrio, que fora abalado pela conversa com Michael.

Louis tinha razão. Seria bom a comissária de bordo checar, de quando em quando, se eu continuava viva na poltrona, sem ter entrado em estado de coma.

Atravessei a passarela de embarque e entrei no avião com passos firmes.

Capítulo XXXIII

— Senhorita! Senhorita! Dos recessos de minha mente, veio-me a consciência de duas coisas: primeiro, alguém me sacudia, depois, eu estava babando.

— Hum? — Acomodei-me melhor na poltrona do avião e enxuguei o canto da boca com meu lenço.

— Quer uma toalha quente?

— Não, obrigada. É que eu pretendia dormir até chegar em Londres. Assim, não precisaria pensar em desastres aéreos.

A comissária de bordo, uma loura pálida com os cabelos presos num coque impecável, mostrou-se ainda mais aflita comigo. Li seu nome na tarja do uniforme: Claire.

— Não deve preocupar-se com desastres. O vôo é seguro.

— Só se eu dormir até Londres. Chegando lá, você me acorda.

— Gostaria de um travesseiro?

— Sim, obrigada.

Enquanto Claire foi buscar o travesseiro, focalizei o fone instalado a minha frente, nas costas da outra poltrona.

Pelo milagre da tecnologia, eu poderia falar com Michael em pleno vôo. O que ele quisera dizer com "não estou preparado"?

Bastava inserir o cartão de crédito, e foi o que fiz antes de teclar o número dele.

— Dane-se. Que droga você quis dizer com "não estou preparado"?

— Mamãe? Sinto muito, mas Cassie finalmente está vindo a Londres para me ver e não tenho tempo para conversa fiada.

— Insisto, Michael. Vou fazer meia-volta e retornar à Flórida. Foi ideia sua que eu viajasse para Londres, e agora não está preparado?

— Só quis dizer que precisaria passar a noite em claro, arrumando este lugar, abastecendo a geladeira e comprando rosas frescas para você. Meu motorista vai ajudar. Aliás, vou mandar apanhá-la no aeroporto. Qual é o número do voo?

— Seu motorista? Que chique! Muito britânico para meu gosto.

— O número, Cassie.

Senti que Michael estava bastante nervoso.

— Já não tem tanta certeza de que devemos nos conhecer pessoalmente, não é? Conte-lhe que bebo demais e como de menos, só porcarias gordurosas. Também não costumo rosquear a tampa do tubo de creme dental. Você fez questão de ignorar meus avisos de alerta, como se estivéssemos predestinados a ficar juntos. Insistiu em como seria maravilhoso nos encontrarmos pessoalmente. Agora, tem dúvidas porque já não é uma fantasia, é quase realidade. Prepare-se para uma decepção. Sou tão terrível quanto anunciei.

— Eu também não sou tudo o que disse ser. Mas é tarde para consertar as coisas. Prometo explicar direitinho.

— Explicar o quê?

— É complicado antecipar.

— Você é casado?

— Não.

— Ou tem sete filhos, mesmo assim.

— Não.

— Tem um ghost writer que escreve suas obras. Você só assina.

— Não. Venha para cá, Cassie, onde eu possa vê-la e tocá-la.

— Vou desligar. Claire está chegando com um travesseiro.

— Claire?

— A aeromoça. Comissária de bordo, como hoje se diz. Pretendo dormir, mas não será um sono embelezador. Minha aparência vai estar horrível pela manhã. Olhos vermelhos, pele seca, cabelos desgrehados, gosto de ressaca na boca.

— Parece muito sedutor. Farei ovos para nós.

— Então, até.

— Até.

Após desligar, com o auxílio do confortável travesseiro, caí num sono sem sonhos, tangida pelos remédios e pelo álcool.

Estava cansada de pensar em Michael, portanto saudei a escuridão como bem-vinda. Logo antes de adormecer, notei que Claire gentilmente estendia uma manta sobre minhas pernas.

Capítulo XXXIV

Com seu impecável sotaque britânico, Claire tocou em meu ombro para me acordar. Eu emergi da escuridão para a superfície da lucidez. Não total.

— Já chegamos.

— Onde?

— Heathrow, o aeroporto de Londres. Estamos no solo. Todos os passageiros já desembarcaram.

— Oh. — Procurei pensar coerentemente, mas minhas têmporas latejavam. — Mudei de ideia. Leve-me de volta para Miami.

— Não podemos fazer isso. Você terá de desembarcar e, se for o caso, procurar o balcão da companhia aérea para reservar a passagem de volta. — A comissária loura me transfixou com o olhar. — A senhorita está brincando, não?

Empertiguei-me na poltrona e constatei que, de fato, era a única na cabine.

— Não estou, mas vou descer deste avião que pousou de maneira espetacular em Londres. Não percebi nada, nem um tranco.

Revirando os olhos como fazia minha tia-avó Gertrudes nas reuniões familiares, Claire me ajudou a recolher a maleta, a bolsa, e quase me empurrou porta afora.

Imaginei arrancar um chumaço de cabelos daquela funcionária impecável que me apressava, depois tomar um comprimido para a já esperada dor de cabeça da classe econômica. Na saída para o terminal, antes de procurar um bar, deparei com um homem de meia-idade, em uniforme de motorista, que segurava uma placa com meu nome. Aproximei-me dele.

— Srta. Hayes? Ainda bem que a encontrei.

— Você seria...

— Charles, o motorista do sr. Pearton. Também cozinheiro e encarregado da limpeza.

— Bem, devo estar com péssima aparência e minha cabeça parece prestes a explodir. Não estou pronta para ver o sr. Pearton.

— Temos uma hora de percurso. No carro, há champanhe gelado. E a senhorita pode se refrescar no toalete feminino. Eu espero.

— Acho que não compreende, Charles. Acabo de fazer uma viagem de avião e é normal que me sinta mal. Realmente, não gostaria de me encontrar com Michael neste estado.

— Pelo que ouvi, o sr. Pearton esperou seis anos até a senhorita vir para Londres. Também sei que ele não consegue escrever sem a sua ajuda. Portanto, já que esperamos tanto tempo, estou preparado para esperar até o meio-dia, para que se recomponha. Ali está o toalete — Charles apontou.

Notei que ele não era apenas bem-conservado. Parecia não ter idade, parado no tempo. Cabelos aparados, unhas manicuradas, bochechas vermelhas, um aspecto geral saudável e simpático. Os olhos azuis piscavam constantemente, movidos pela importância de sua missão. Acima de qualquer dúvida, concluí, Charles esperaria o tempo necessário para me levar até seu patrão.

O espelho do banheiro refletiu uma imagem positivamente doentia. Eu estava pálida, com a pele pastosa, a língua áspera. Branca como cera. Suspirei e tirei a nécessaire de dentro da bolsa, começando por escovar os dentes. Como os cabelos não tinham remédio, e eu apenas os atritei ajeitando as madeixas no lugar, sabendo que não se manteriam assim. Eu havia amassado os fios contra o assento do avião. Apliquei blush e batom, depois de molhar o rosto com água fria. Dei-me como pronta para enfrentar Charles, a alfândega e, por fim, Michael Pearton.

O carro também era estilosamente britânico: um Bentley. Não omiti um comentário empolgado.

— De fato, é uma beleza para se dirigir — declarou Charles.

Ocupei o banco de trás, onde deposei a pequena mala. Era estranho trafegar pelo lado contrário.

O motorista me observou pelo retrovisor. Senti os cabelos cada vez mais armados, sob a umidade local. Não havia outro jeito senão esquecer minha aparência, parar de preocupar-me com ela.

— Sei o que você está pensando, Charles. Deve estar se perguntando por que tanto estardalhaço e preparativos para receber uma mulher com a minha aparência. Mas eu lhe garanto que uma boa chuva vai ajudar imensamente.

— Não pensava nisso, senhorita, e sim em como o sr. Pearton ficará feliz por vê-la, afinal. Vai lhe fazer muito bem.

— Muito bem? Por acaso ele entrou de novo em crise de criatividade, sem conseguir traçar uma linha?

— Não sei dizer, senhorita. Mas sua visita lhe fará bem, muito bem.

As crises e os bloqueios literários de Michael Pearton haviam se tornado uma lenda no escritório da editora. Nessas ocasiões, eu tinha de mimá-lo pelo telefone, conversando horas a fio, enquanto os colegas de trabalho seguravam o fôlego. Mais de uma vez, ele mudara de ideia após aprovar uma capa ou um texto promocional, retardando todo o processo de edição. Porque a questão não era desaprovar, mas não apresentar alternativas.

Charles continuou me focalizando pelo retrovisor, sempre que o tráfego permitia.

— A senhorita realmente não sabe, não é?

— Creio que não, mas não me assuste.

— Estou contente que tenha vindo, pela saúde dele.

— Charles, precisei vir a Londres por causa da minha saúde.

Quase cochilei no longo trajeto até uma típica casa de campo inglesa.

— Não imaginei que Michael morasse numa mansão desse porte — murmurei, mais desperta.

— Antiga propriedade da família — explicou o motorista. — Um pouco desgastada, mas adorável. Perceberá o que digo quando vir os jardins floridos.

Charles estacionou o carro num abrigo coberto. Notei que ele respirava fundo, cheio de esperança, ao abrir a porta.

— Está nervoso, Charles? — Fixei os olhos nele.

— Um pouco, srta. Hayes.

— Bem, se eu o estou chamando de Charles, por favor me chame de Cassie. Quanto ao nervosismo, logo saberemos se tudo isso não é um tremendo engano.

Ele me conduziu pelos degraus externos, que levavam a uma ampla varanda.

— Deixarei a mala em seu quarto. O sr. Pearton a espera no estúdio dele. — Apontou discretamente. — Aquela porta ali.

Torcendo para que meus joelhos não me falhassem, percebi que a dor de cabeça tinha ido embora, graças a toda a expectativa que me invadira. Caminhei para a porta indicada e a abri.

Capítulo XXXV

A atmosfera cinzenta da manhã londrina invadia a mansão senhorial, exigindo o uso do abajur aceso no estúdio de Michael Pearton, cuja porta eu acabara de abrir. O fogo na lareira impregnava o aposento com aroma de pinho.

— Cassie!

Michael sorriu para mim. Devia estar me esperando, à mesa de trabalho que dava face para a entrada.

Senti a respiração faltar-me, como se minha alma deixasse o corpo e flanasse por parapeitos desconhecidos. Eu a trouxe de volta com a força do pensamento. Meu coração disparou, mas tudo indicava que eu estava inteira.

Ele não. Michael Pearton olhava para mim sentado numa cadeira de rodas.

Aproximei-me e me agachei diante dele, com os joelhos trêmulos.

— O que é isso? — consegui articular.

— Uma cadeira de rodas, como pode ver.

— Mas... por quê? Não compreendo...

— Primeiro me beije. Porque, se decidir voltar para a Flórida amanhã, terá deixado pelo menos o gosto de um beijo.

Michael me segurou de modo que me sentasse em seu colo. Passei os braços por seu pescoço. Ele pressionou as mãos em minhas costas, num convite mudo para que nos tornássemos um só. Beijamo-nos longamente, sem respirar.

Quando finalmente nos afastamos, pude constatar de perto que o rosto do escritor continuava bonito como aparecia em todas as fotos. Por um instante, esqueci que o homem com quem eu havia sonhado durante anos estava preso a uma cadeira de rodas cromada.

— Quer saber de uma coisa interessante, Cassie? — ele perguntou, afagando-me a cabeça.

— Meus cabelos? O tempo úmido não ajuda.

— Não é isso. E que, há apenas quatro dias, eu conseguia andar. Tropeçava, arrastava as pernas, mas andava. Tenho esclerose múltipla, Cassie. Quando me ligou e disse que vinha, Charles e eu limpamos a casa em tempo recorde. Não queria que você entrasse num sombrio castelo inglês. Exagerei no esforço, e cá estou, nesta maldita cadeira.

— Esclerose múltipla... Oh, Michael. Sinto muito, não me conformo!

— Tudo bem, Cassie. Não planejo me pendurar em você ou nada disso. Entendo que minha doença restabelece todos os empecilhos entre nós. Podemos desfrutar o fim de semana juntos e, então, você partirá e eu entenderei.

— Michael, você não imagina como sou teimosa. Se pensa que este complô para se livrar de mim vai funcionar, está maluco. — Retracei com o dedo a cicatriz no queixo dele, algo que almejava fazer havia muito tempo.

— Sabia que você iria permanecer aqui, por razões humanitárias.

— Esqueça! Como lhe disse, quero um desjejum completo. E já sabe que eu não lavo pratos.

— Deixe-me adivinhar. Você os quebra e joga fora após o uso.

— Acontece, às vezes.

— E depois do café da manhã, o que vai querer? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Vou tirar suco do seu cérebro, para você escrever rápido. Depois, leremos o jornal na cama. Depois, teremos sopa no jantar.

— Sopa?

— Sim. — Eu sorri.

— Como deseja seus ovos, Cassie? — ele perguntou.

— Tudo isso começou com ovos no desjejum, não?

— O quê?

— Sua última crise de inspiração.

— Se você diz, acredito que sim.

— Peça para Charles fazer os ovos da maneira que você quiser, Michael.

— Uma linda mulher que me apóia. Obrigado. Coloquei-me atrás da cadeira, pronta para empurrá-la.

— Posso manejá-la sozinho, Cassie — ele atalhou. — Só me sinto ridículo por nos conhecermos quando eu estou deste jeito.

— Vou empurrar, meu caro. Entenda como sinal de devoção.

— Será a minha enfermeira?

— Não, mas posso levá-lo para passear lá fora. — Empunhei os puxadores.

— Garota rebelde!

— E o que todos dizem, Michael.

Cruzei a porta e guiei a cadeira até o saguão, onde Charles aguardava ordens. Ele não havia se mexido do lugar e mantinha a maleta a seus pés.

— Ela está aqui para ficar, Charles — comunicou Michael.

— Por quantos dias? — perguntou o motorista, com alto senso prático.

Instintivamente, apertei os ombros de Michael. Por que levava tanto tempo para praticar esse gesto?

— O suficiente para chamar este lugar de sua casa.

Capítulo XXXVI

Caro Louis:

Outro dia chuvoso. Já mal posso suportar. Não admira que os britânicos tenham perdido tantas guerras. Ele são fisiologicamente deprimidos. Sinto falta da Flórida e do sol.

Michael voltou a andar e faz grandes progressos. Estou feliz, Louis, muito feliz, exceto pela chuva.

Como está meu coelho José? Conforme combinamos, você deveria ir semanalmente visitá-lo e ver se passa bem. Dê um beijo no focinho dele. Mas prepare-se para me beijar também e abraçar.

Porque, anexo a esta, você encontrará uma cópia da sequência de Simplesmente Simon.

Roland Riggs escondeu o jogo, durante todo esse tempo. Ele escreveu o novo livro logo após a morte da esposa e deixou-o escondido. É pleno de emoção, daquela emoção que só o amor e a morte podem trazer a um escritor. Um texto brilhante, que tornará você mais rico do que jamais ousou sonhar. Roland me disse que quis testar se eu era a editora de texto mais indicada para a obra. Sim, era. Sei disso, agora que estou com Michael.

Roland e Maria se casaram pouco depois de eu ter partido de Sanibel. Você já me perguntou se eu acreditava no destino. Pois acredito. Maria está grávida. Também creio em milagres.

No seu último e-mail, perguntou-me quando eu voltaria. Não sei, Louis. Provavelmente, Michael e eu passaremos alguns meses aí. A ideia é revezarmos, casa de um, casa de outro, ao longo do ano. E apesar de o tempo daqui arruinar meus cabelos, ainda não tive vontade de atirar pratos em Michael ou de matá-lo. Devo manter-me assim, doravante.

No livro de Roland, Simon se apaixona, mas a guerra o acompanha para dentro de casa. A morte está por toda parte. No café que ele toma, nas roupas, na escova de dentes. Roland reescreveu o final, pois agora acredita no amor. Simon está curado.

Bestseller 061 – No ritmo da paixão – Erica Orloff

Eu também.

Avisarei quando Michael e eu fizermos as malas. Afetuosamente,

Cassie

P.S. — Não pense que porque me apaixonei vocês podem pintar e bordar sobre o original de Roland. Já editei o texto e, se você ou Troy mexerem em uma vírgula, vou até aí para comer o fígado de vocês. Com limão!

* * *

ÉRICA ORLOFF mora e trabalha no Sul da Flórida. Assim como seu personagem neste livro, ela tem medo de avião, não gosta de cozinhar nem de fazer compras no supermercado. Há dez anos não põe os pés numa mercearia. Por outro lado, adora o jazz clássico de Django Reinhardt e chega a admitir, sob pressão, que também aprecia rock e a música disco.